

MAURICÉLIA TEIXEIRA DE ALBUQUERQUE

**NEGROS EM GAROPABA - SC: EXPERIÊNCIA QUILOMBOLA
NAS COMUNIDADES
DA ALDEIA E DO MORRO DO FORTUNATO.**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Paulino de Jesus Francisco Cardoso

**FLORIANÓPOLIS
2014**

A345n Albuquerque, Mauricélia Teixeira de
 Negros em Garopaba - SC: experiência quilombola nas
 comunidades da aldeia e do Morro do Fortunato./
 Mauricélia Teixeira de Albuquerque. - 2014.
 191 p. : Il. color ; 21 cm

 Orientador: Paulino de Jesus Francisco Cardoso

 Bibliografia: p. 177-186

 Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado de
 Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação,
 Pós-graduação em História, Florianópolis, 2014.

 1. Garopaba. 2. Comunidade quilombola. 3. Memória. 4.
 Identidade. I. Cardoso, Paulino de Jesus Francisco. II.
 Universidade do Estado de Santa Catarina. Pós-graduação em
 História. III. Título.

CDD: 305.89608164 - 20.ed.

Ficha elaborada pela Biblioteca Central da UDESC


MAURICÉLIA TEIXEIRA DE ALBUQUERQUE

**NEGROS EM GAROPABA – SC: EXPERIÊNCIA QUILOMBOLA NAS
COMUNIDADES DA ALDEIA E DO MORRO DO FORTUNATO.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina.

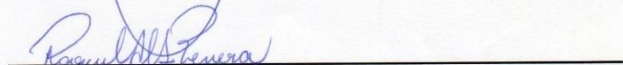
Banca Examinadora:

Orientador:




Doutor Paulino de Jesus Francisco Cardoso
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membro:



Doutora Raquel Alvarenga Venera
Universidade da Região de Joinville

Membro:



Doutora Janice Gonçalves
Universidade do Estado de Santa Catarina

Florianópolis, 06 de março de 2014.

A meus pais.

AGRADECIMENTOS

É hora de agradecer, em especial àqueles que se fizeram presentes durante esses dois anos. Primeiramente, a Deus, pela força necessária ao desenvolvimento desta pesquisa, depois a todos que torceram por mim e que de alguma forma contribuíram para a realização desta conquista. Carinhosamente agradeço a meu esposo Daniel e meus filhos Guilherme e Gustavo, que não mediram esforços para me ajudar e incentivar. À minha mãe e minha sogra, pela paciência e acolhimento nas horas difíceis. Aos meus irmãos, que se empenharam em dar assistência no que era necessário.

À minha amiga Rosiane, prestativa, uma verdadeira irmã, que me incentivou a entrar no mestrado, sempre preocupada em ler meus trabalhos e que esteve junto nessa caminhada do início ao fim. À Elaine, amiga, vizinha e companheira de algumas disciplinas.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Paulino Jesus Francisco Cardoso, pelo carinho, pela confiança, por acreditar na relevância da minha pesquisa, pela paciência nas orientações, enfim, por todas as contribuições na minha trajetória enquanto pesquisadora.

Ao Núcleo de Estudos Afro Brasileiros da UDESC - NEAB, uma verdadeira família, que me incentivou e me possibilitou excelentes amizades. Aos professores da UDESC, por todas as contribuições nessa conquista.

À banca examinadora, pela disposição em participar desse processo e por sua valiosa contribuição, fundamental para meu trabalho.

À CAPES/MEC, pela bolsa concedida, que imensamente contribuiu na execução da pesquisa.

As Comunidades Quilombolas da Aldeia e do Morro do Fortunato, pelo acolhimento e colaboração durante a

realização da pesquisa e a todos os entrevistados. A todos, o meu muito obrigada.

“O nosso lugar é hoje um lugar multicultural, um lugar que exerce constante suspeição contra supostos universalismos ou totalidades”.

(Boaventura de Souza Santos)

RESUMO

Este trabalho apresenta considerações acerca das experiências dos moradores das Comunidades Remanescentes dos Quilombos Morro do Fortunato e Aldeia, ambos localizados no município de Garopaba - SC. As discussões giram em torno da constituição histórica dos grupos e dos aspectos que garantiram a coesão e permanência nestes espaços. Nesse sentido, recorreu-se as memórias de moradores das comunidades bem como do entorno, buscando por meio das narrativas apresentar os acontecimentos que possibilitaram tal formação. Com o intuito de conhecer a formação dos grupos, realizou-se uma reconstituição das transformações sentidas em Garopaba desde sua fundação até a atualidade, definindo o lugar dos afro-brasileiros nessa dinâmica, dando visibilidade aos mesmos, diferente de outras abordagens já publicadas sobre o lugar. No decorrer do estudo, procurou-se enfatizar aspectos das vivências cotidianas dos grupos, dando especial atenção as diferentes festividades que contribuem para manter vivos os laços com as experiências vividas. Os estudos que abrangem a problemática afro-brasileira encontram lugar de destaque na contemporaneidade. Assim, para dar sustentação teórica à pesquisa, trabalhou-se com as categorias: Identidade / Identificação, Memória e Experiências. A construção identitária desses grupos não está naturalmente dada, ela é construída por meio de escolhas e confrontos, ou seja, na atualidade existe uma constante luta por visibilidade e reconhecimento.

Palavras-Chave: Garopaba. Comunidade Quilombola. Experiência. Identidade. Memória.

ABSTRACT

This work presents observations about the experiences of the residents of the Remnants Communities of the Quilombos Morro do Fortunato and Aldeia, both located in the municipality of Garopaba - SC. Discussions involve the historical constitution of the groups and aspects that ensured cohesion and permanence in these spaces. In this sense, we heard the memories of residents of the surrounding communities, as well as, looking through these narratives to present the events that made possible such formation. In order to know the formation groups, there was a reconstitution of the transformations experienced in Garopaba since its founding to the present, identifying the place of the african-brazilians in this dynamic, giving visibility to them, unlike other approaches that have been published about this place. During the study, we tried to emphasize aspects of the day by day experiences of the groups, giving special attention to the different festivities that contribute to keep alive the ties with the known experiences. These studies cover african-brazilian issues prominent in the contemporary times. Thus, to give theoretical support to the research, we worked with the following categories: Identity / Identification, Memory and Experiences. The identity construction of these groups is not naturally given, it is constructed through choices and clashes, i.e., today there is a constant struggle for visibility and recognition.

Keywords: Garopaba. Quilombo Community. Experience. Identity. Memory.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Localização das Comunidades Quilombolas no Município de Garopaba.....	16
Figura 02 - Retrato do Senhor Maurício dos Passos.....	37
Figura 03 - Enseada de Garopaba - SC.....	44
Figura 04 - Mapa dos limites territoriais de Garopaba - SC.....	47
Figura 05 - Região da Praia de Garopaba - SC no ano de 1925.....	48
Figura 06 - Garopaba - SC no final da década de 1960..	49
Figura 07 - Lanço de peixe na praia de Garopaba, na década de 1970.....	58
Figura 08 - Mapa das Praias Garopaba - SC.....	61
Figura 09 - Praia da Gamboa - Garopaba - SC.....	62
Figura 10 - Praia do Siriú - Garopaba - SC.....	64
Figura 11 - Cachoeira do Siriú - Garopaba - SC.....	65
Figura 12 - Praia do Centro de Garopaba - SC.....	66
Figura 13 - Praia da Vigia ou Preguiça - Garopaba -SC..	68
Figura 14 - Praia da Silveira - Garopaba - SC.....	69
Figura 15 - Praia da Ferrugem - Garopaba - SC.....	69
Figura 16 - Oficina lítica no Sambaqui de Garopaba - SC, na Praia da Barra.....	71
Figura 17 - Praia do Ouvidor - Garopaba - SC.....	72
Figura 18 - Baleia Franca na Praia do Centro de Garopaba.....	73
Figura 19 - Retrato do Senhor Maurílio Machado.....	80
Figura 20 - Retrato da Senhora Adelaide Maria Eva.....	102
Figura 21- Mapa das atuais comunidades de Aldeia, Campo D' Una, Limpa, Encantada e Araçatuba, por volta de 1950, com destaque para as famílias negras, conforme informações do Senhor Laudelino Antônio	

Teixeira (79 anos).....	107
Figura 22 - Mapa de Garopaba - SC indicando a localização do Morro do Fortunato.....	121
Figura 23 - Retrato do Senhor Fortunato Machado.....	123
Figura 24 - Árvore genealógica da Família Fortunato Justino Machado.....	125
Figura 25 - Boi de Mamão apresentado em Garopaba - SC.....	135
Figura 26 - Mapa do Município de Imbituba - SC.....	138
Figura 27 - Grupo de Samba de Roda da Comunidade da Aldeia.....	146
Figura 28 - Banda de pagode /Coloninha - Florianópolis -SC. na Festa da Tainha.....	153
Figura 29 - Tainhas assadas na Festa da Tainha-Aldeia..	154
Figura 30 - Jantar da Festa da Tainha –Aldeia.....	154
Figura 31 - Mulheres trabalhando na produção da comida na Festa da Tainha - Aldeia.....	155
Figura 32 - Carro Alegórico do ‘Bloco Unidos’ por Garopaba - Carnaval / 2013.....	160
Figura 33 - Ensaio do ‘Bloco Unidos’ por Garopaba - Carnaval- 2013.....	161
Figura 34 - Desfile do bloco ‘Unidos por Garopaba’ - Carnaval - 2013.....	164
Figura 35 - Senhora Jordina Rita Machado, com a imagem de São Lourenço.....	168

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
1	GAROPABA, DE REDUTO PESQUEIRO A CIDADE TURÍSTICA.....	35
2	A PRESENÇA DOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES EM GAROPABA E SEUS ARREDORES.....	75
3	CONSTITUIÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE GAROPABA - SC.....	97
3.1	Constituição da Comunidade Quilombola da Aldeia.....	101
3.2	Constituição da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato.....	115
4	SOCIABILIDADE E AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA NAS FESTIVIDADES DOS QUILOMBOS DE GAROPABA.....	129
4.1	Aldeia e suas festividades.....	130
4.2	Festividades da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato.....	156
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	171
	REFERÊNCIAS.....	177
	FONTES.....	187

INTRODUÇÃO

Há momentos na vida em que precisamos tomar determinadas decisões em um breve período de tempo. Assim ocorreu quando precisei definir uma temática para escrever o trabalho de conclusão do curso de História no início de 2006, na Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL. Naquele momento fiz um *release* de todos os temas que me interessavam e procurei distinguir um que realmente fosse importante para mim e também para os alunos do Ensino Médio da Escola de Educação Básica Professor José Rodrigues Lopes, no Centro de Garopaba e da Escola de Educação Básica Maria Corrêa Saad, no bairro Campo D'Una, Sul do referido município, escolas nas quais lecionava na época.

Certo dia, na sala dos professores da escola do Centro, houve uma discussão sobre um assunto até então pouco comentado: os alunos oriundos da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato. Falava-se sobre a mudança de postura de tais alunos após o processo de reconhecimento na condição de quilombolas, comentando-se, inclusive que alguns deles não se sentiam à vontade para falar do assunto e que quando questionados davam respostas evasivas.

Foi naquele momento que percebi um forte elo entre determinado grupos de alunos das duas escolas, pois, tanto no Centro, quanto no Campo D'Una, havia descendentes de quilombolas. Então, decidi conhecer melhor as comunidades que por muito tempo foram invisibilizadas pela sociedade local e desvelar mais uma cortina desse emaranhado de experiências e sentimentos que por tanto tempo pareceram adormecidos aos olhos pouco atentos das pessoas comuns.

Desta forma, entende-se que o desenvolvimento deste estudo encontra sua relevância na urgência que a questão dos afro-brasileiros requer, já que somos um país multicultural.

Diversos estudos vêm contribuindo para ampliar o entendimento acerca da temática bem como a compreensão das experiências de nossos pares. Nesse viés, trabalhamos com a noção de afrodescendentes ou populações de origem africana, não no sentido de uma ‘raça’¹, mas enquanto grupos populacionais com perspectivas relacionadas à visibilidade de suas memórias, experiências e histórias². Segundo Paulino de Jesus Francisco Cardoso:

Para fugir do anacronismo e do racismo, optamos por utilizar as categorias de população de origem africana e afrodescendentes como ferramentas de natureza descritiva para a apreensão de realidades pretéritas. Elas nos permitem nos referir à totalidade dos africanos e seus descendentes sem a pretensão de ser expressão de identidade étnica ou uniformidade cultural. Elas nos permitem discutir sobre fenômenos de longa duração que afetaram e afetam africanos e seus descendentes no país. A afrodescendência, ao contrário de negritude, não remete a uma identidade de natureza racista e totalitária. Ela enfatiza a pluralidade de experiências da diáspora africana no tempo e no espaço. (2004, p.173).

¹ Sabemos que o conceito biológico de raça está cientificamente ultrapassado, porém, há um uso social para o termo raça que tem sido aplicado para justificar práticas discriminatórias e racistas. (REZENDE, p. 161, 2004).

² A justificativa para o uso da expressão ‘negros em Garopaba’, presente no título, se faz em função da palavra estar arraigada no diálogo das comunidades. Assim, embora o termo seja visto como preconceituoso, seu uso tem maior aceitação nas relações entre os Quilombolas e demais moradores de Garopaba - SC e, em hipótese nenhuma, é utilizado na perspectiva de categoria explicativa.

Portanto, afirmar a identidade afro-brasileira é uma das formas de valorizar nossa cultura. No que se refere às questões étnicas, é importante ressaltar que se existir a oportunidade das pessoas se sensibilizarem e mudarem suas práticas em prol dos desafios da luta antirracista no cenário social, já será uma conquista, que não se encerra em si, mas, em um caminho a trilhar, fundamental para a conquista histórica do reconhecimento e a formação da identidade do povo afro-brasileiro.

Assinala-se desta maneira uma discussão em torno do reconhecimento dos remanescentes de quilombo que conquistaram uma dimensão de direitos e cidadania. Nessa discussão, a busca do desenvolvimento social enfatiza a luta pela liberdade, cidadania e direitos, possibilitando a construção de uma identidade social específica. Da mesma maneira, propõe-se a construção e manutenção da memória coletiva, da terra e do espaço cultural construído por afro-brasileiros e seus descendentes.

No Município de Garopaba, Sul de Santa Catarina, reconhecido por moradores e autoridades como reduto tipicamente açoriano, existem duas comunidades formadas, quase que em suas totalidades, por afro-brasileiros - Morro do Fortunato, na localidade de Macacu, ao Norte, e Aldeia, no extremo Sul do município, na localidade de Campo D'Una, conforme se observa na figura 01.

Constituídas por descendentes de africanos cativos, as Comunidades do Morro do Fortunato e da Aldeia ainda praticam alguns dos hábitos e costumes dos antepassados, reconstituídos ao longo do tempo por força da tradição, como a produção familiar de gêneros alimentícios, utilizando utensílios muitas vezes improvisados, mas que, juntamente com o trabalho assalariado, garantem a sobrevivência dos grupos e a manutenção da cultura herdada de seus antepassados.

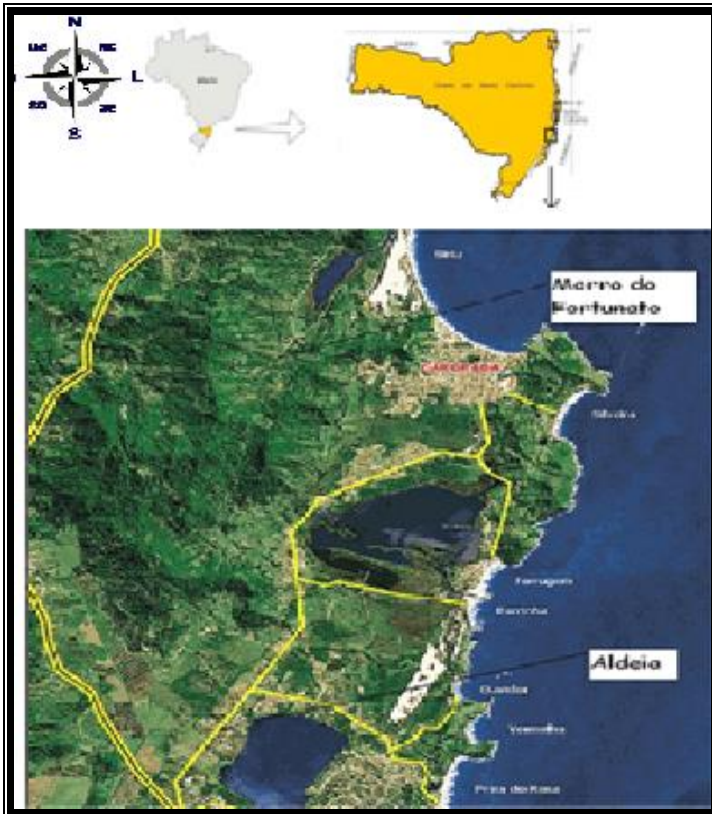


Figura 01: Localização das Comunidades Quilombolas no Município de Garopaba.

Fonte: www.gsurf.com.br.

Edição: Da própria autora.

Nessa perspectiva, a pesquisa que resultou nesse trabalho perseguiu a seguinte indagação: que experiências marcaram a vida dos quilombolas de Garopaba entre os anos de 1970, com a chegada do turismo, até 2008, momento em que estas comunidades tomam consciência de seus direitos e começam a lutar pelo reconhecimento de suas terras?

Ao estudarmos as Comunidades Remanescentes de Quilombos de Garopaba, tivemos o objetivo geral de

compreender as formas de interação entre estes grupos e as comunidades do entorno e, principalmente, a sua organização interna. Além disso, perseguimos os seguintes objetivos específicos: identificar as motivações que levaram os grupos a se manterem coesos; verificar a densidade do cotidiano das comunidades; narrar situações relativas às festividades, no período em questão; identificar as ações coletivas de afirmação cultural e relacionar o interesse pelo reconhecimento como Comunidades Remanescentes de Quilombo com a segurança e manutenção das terras em que vivem. Assim, encontra-se a visão de uma história construída a partir das lutas sociais e da interação entre culturas.

Estudos referentes à problemática afro-brasileira encontram lugar de destaque na contemporaneidade, pois os afro-brasileiros fazem-se presentes em diferentes espaços com seus costumes, sua religiosidade e seu trabalho, desempenhando, desde os primeiros momentos da colonização, papel fundamental na formação étnica, cultural e econômica brasileira.

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como de fato o foi’, mas sim apropriar-se de determinados registros, representações, dando sentido e racionalidade condizentes com as questões que se queiram deixar registradas e ver debatidas. Segundo René Rémond (2006, p. 208), “O historiador do tempo presente sabe o quanto sua subjetividade é frágil, que seu papel não é o de uma chapa fotográfica que se contenta em observar fatos, ele contribui para construí-los”.

Este estudo, focado nas experiências das Comunidades Quilombolas de Garopaba, parte da perspectiva da História do Tempo Presente. Tal opção teórica deve-se ao esforço empreendido na busca da compreensão das transformações em seu percurso, em seu próprio tempo de duração, ao contrário de outras abordagens históricas, que se detêm sobre as transformações, focando somente o que foi transformado.

Realizar este trabalho não foi tarefa fácil, pois demandou uma pesquisa ampla marcada por estudos disponíveis e busca de novas fontes, ou seja, a interdisciplinaridade permitiu ir além da escassez de fontes escritas até à árdua tarefa de obter testemunhos da tradição oral. Como fundamentação teórica, esta pesquisa apóia-se em literaturas que deem conta do processo de escravidão e da pós-abolição no Brasil; em discussões teóricas sobre identidade, preconceito, tradição, costume, multiculturalismo, memória e quilombo. Assim, as discussões baseiam-se nas obras de Janaina Amado Ferreira, Ecléia Bosi, Fernando Henrique Cardoso, Paulino de Jesus Francisco Cardoso, Clifford Geertz, Stuart Hall, Ilka Boaventura Leite, Lucília de Almeida Neves, Homi Bhabha, dentre outras obras que possibilitaram pensar de que modo as populações afro-brasileiras criaram estratégias e táticas, articulando suas experiências de vida e sobrevivência ao delineamento de sua própria história.

Para o levantamento de documentação histórica foram realizadas pesquisas documentais em arquivos públicos e privados, nos Cartórios de Registros de Garopaba³, Imbituba⁴

³ Em relação aos documentos do Cartório de Registro Civil de Garopaba - SC foram consultados os seguintes documentos: Certidão de Casamento de Antônio Manoel Lemos (falecido) e Maria Eugênia Pereira, moradores da Comunidade Quilombola da Aldeia; Certidão de Casamento de Fortunato Justino Machado e Luísa Cristina de Jesus; Certidão de Óbito de Fortunato Justino Machado; e as Certidões de Nascimento de três filhos de Fortunato Justino Machado e Luísa Cristina de Jesus - Daniel, Manoel e Lourenço (nas certidões não consta o sobrenome). Segundo informações de alguns moradores da Comunidade do Morro do Fortunato, o Senhor Fortunato Justino Machado foi o fundador do grupo, o patriarca da Comunidade, sendo que o nome da Comunidade 'Morro do Fortunato' deriva do seu nome.

⁴ No Cartório de Registro Civil de Imbituba - SC obteve-se a Certidão de Óbito do Senhor Antônio Manoel Lemos, morador da Comunidade Quilombola da Aldeia. Segundo Manoel Matias Pereira, 35 anos, líder e professor da Comunidade da Aldeia, o tio, Antônio Manoel Lemos,

e Palhoça⁵. Também foram averiguados acervos particulares dos membros das Comunidades Quilombolas da Aldeia⁶ e do Morro Fortunato⁷, na intenção de obter documentos como: certidões de nascimento, casamentos e óbitos, fotos, cartas escrituras de terras, entre outros. Uma das principais fontes de pesquisa deste trabalho consiste nas entrevistas com moradores e lideranças das Comunidades Quilombolas.

Os documentos do Cartório de Registro Civil, como certidões de terra, de nascimento e de casamento, foram analisadas com o objetivo de entender o processo de formação territorial das Comunidades Quilombolas de Garopaba e perceber as sutilezas do reconhecimento e o balizamento dessas fronteiras. Outros aspectos pesquisados e discutidos

conhecido como Antônio Ventura, foi um dos moradores que muito contribuiu com o levantamento histórico da Comunidade.

⁵ No Cartório de Registro Civil de Palhoça - SC encontrou-se a Certidão das terras da Comunidade do Morro do Fortunato, as quais medem 208.000 m², pertencentes a Fortunato Justino Machado, que em seu falecimento foram deixadas como herança para seus filhos: Lourenço Fortunato Machado, João Fortunato Machado, Manoel Fortunato Machado, Alice Luiza Machado, Anastácio Fortunato Machado, Daniel Fortunato Machado e Inácio Fortunato Machado.

⁶ Em uma das visitas realizadas à residência da Senhora Adelaide Maria Eva, 82 anos, moradora da Comunidade da Aldeia, obteve-se a certidão de seu casamento com o Senhor Argentino Timóteo. Vale salientar que a Senhora Adelaide Maria Eva é a atual matriarca da Comunidade e líder espiritual do grupo.

⁷ O Presidente da Associação Comunitária da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato, Maurílio Machado, nos forneceu os seguintes documentos: Ata da Assembleia da Fundação e eleição da diretoria da comunidade; Ata da reunião para alteração do Estatuto da Associação da Comunidade Quilombola; Documento de Alteração Estatutária N° 001/2009, registrada no Cartório de Registro Civil de Garopaba; Ofício recebido do Prefeito de Garopaba, Luís Carlos da Silva, no qual declara de utilidade pública a Associação de Moradores do Morro do Fortunato e dá outras providências; Certidão de Auto Reconhecimento da Fundação Cultural Palmares; Análise técnica de pedido de concessão de subvenções sociais, dentre outros documentos de regime interno.

foram às relações sociais internas e externas dessas comunidades. Com a pesquisa de campo, procuramos também identificar a forma que os grupos vivem atualmente, seu modo de organização política e o lugar em que trabalham. Conhecer suas redes matrimoniais, de amizade e compadrio, como está distribuído às casas, suas festividades, seus lugares sagrados, narrativas sobre a escravidão, entre tantos outros elementos, nos permitiram maior visibilidade histórica dos grupos.

A partir de entrevistas, documentação dos Cartórios Cíveis e documentos particulares das Comunidades Quilombolas, buscamos conhecer a sua constituição histórica e social, entender a trajetória histórica dos seus familiares e construir a árvore genealógica dos antepassados aos atuais moradores do Morro do Fortunato, visto que este grupo tem muitas ligações de parentesco diferentes da Aldeia, que além de parentes, agrega muitos compadres e amigos.

Para conhecer as vivências dos moradores das Comunidades Quilombolas da Aldeia e do Morro do Fortunato, a História Oral foi o procedimento, o caminho ou fio condutor das tramas da memória, das experiências de vida em um espaço no qual a oralidade predomina. Segundo Lucília de Almeida Neves Delgado (2006, p. 52), “A história Oral possibilita o afloramento de múltiplas versões da história e, portanto, potencializa o registro de diferentes testemunhos sobre o passado”. Nesse sentido, os testemunhos e os relatos orais tornaram-se as fontes principais a serem trabalhadas.

As entrevistas foram realizadas com moradores e lideranças das Comunidades Quilombolas do Morro do Fortunato⁸, Aldeia⁹ e de outras localidades do município¹⁰. Os

⁸ Os entrevistados da Comunidade do Morro do Fortunato foram: Jordina Rita Machado; Fortunato João Machado; Maurílio Machado e Mercedes Machado.

⁹ Os entrevistados da Comunidade da Aldeia foram: Abraão João de Souza, Manoel Matias Pereira; Manoel Antônio Lemos; Claudemir Antônio Lemos e Edinete Lemos.

nomes dos entrevistados que aparecem no texto são verdadeiros já que todos se mostraram seguros quanto à divulgação de suas ideias, ações e sentimentos em relação às vivências das comunidades nas quais pertencem e quando informados sobre a possível utilização de suas falas em pesquisa acadêmica, mostraram-se inteiramente favoráveis.

Em relação às entrevistas, organizamos um roteiro com a intenção de conhecer e entender as ‘vozes’ dos moradores e lideranças das Comunidades Quilombolas de Garopaba: o que sabem sobre o processo do reconhecimento da Comunidade como Quilombola; como se sentem como moradores de uma Comunidade Quilombola; o que sabem sobre a constituição do grupo (de onde vieram, porque e como pararam nesses locais, se fixaram); de que forma foram criados e como sobrevivem hoje: economia, educação, saúde, religião e lazer; seus medos, crenças, saudades, frustrações, alegrias, verdades e mentiras; os costumes dos africanos que foram mantidos na Comunidade Quilombola; os motivos que levaram os moradores do Fortunato a se distanciarem das demais comunidades; e quais festividades fazem parte da vida das Comunidades.

De acordo com Lucília de Almeida Neves Delgado (2006, p. 30-31), trabalhar com fontes orais exige que o historiador possua determinadas habilidades, já que “são inúmeros e de diferentes naturezas” os desafios que as acompanham. Primeiramente, é válido destacar que as fontes orais estão repletas de emoções recentes que podem levar o pesquisador a se tornar refém do depoimento recolhido em detrimento de sua capacidade analítica. Vale salientar que, em se tratando de fontes orais, a presença do pesquisador é indispensável. É ele quem deve comandar o processo, analisar e interpretar as informações.

¹⁰ E os Moradores do Centro da cidade, Maurício dos Passos, Manfredo Hübner e Jair João Ribeiro. Os moradores da Comunidade do Campo D’Una: Laudelino Antônio Teixeira, Santina da Silveira Teixeira, Sandra Marques Gonçalves, João Marques e Leonércio Marques.

No que concerne às entrevistas, consideramos, assim como Kênia de Souza Rios (2000, p. 25), “que o indivíduo é aquilo que sua memória comporta guardar seja como lembrança do vivido ou como desejo sobre o não vivido”. A memória mostra a organização do passado em relação ao presente. Ou seja, não um passado preservado, e sim continuamente reconstruído, tendo como base o presente. Na verdade, não existe memória isenta, pois a memória é uma construção hodierna sobre o passado que é constantemente revitalizada no Tempo Presente.

A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. Sem a memória não é possível se situar, pois se perde o elo afetivo com o meio em que se está inserido, o que impede o reconhecimento de si próprio como cidadão de direitos e deveres e sujeito da história. Segundo Ecléa Bosí (2004):

Aos dados imediatos e presentes dos nossos sentidos nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada, quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos então algumas indicações, meros “signos” destinados a evocar antigas Figuras. [...] começa-se atribuir à memória uma função decisiva do processo psicológico total: a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, [...] A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2004, p. 46 - 47).

Outro aspecto importante é o fato de que, quando fazemos uso de fontes orais, estamos lidando com pessoas e o resultado do material estará ligado ao momento da narrativa, como também à relação do entrevistado com o entrevistador, ou seja, tem-se aqui uma característica básica das condições de produção da História do Tempo Presente, já que a memória é selecionada a partir do momento vivido. “Um dos elementos que compõem a narrativa é gestado no momento mesmo da entrevista, pois parte de uma relação entre condições de recepção e emissão neste momento de diálogo” (RIOS, 2000, p. 12).

O resultado da entrevista não está gravado numa memória remetida somente ao passado, nem tampouco apenas ao presente. A memória é utilizada para recompor lembranças a partir desse entrelaçamento. O que se lembra é o que se vive ou o que se queria viver. Existe uma emoção, ou até mesmo uma exaltação do vivido, talvez por se tratar de um sonho ou de um fato que ficou no passado e não pode ser remetido a julgamentos do presente, mas apenas lembrado e enaltecido. Afinal, “os sonhos são reais na sua potência de ser sonho. O mais importante é perscrutar o que esses sonhos dizem do indivíduo e seu grupo na sua dimensão cultural, que é também histórica” (RIOS, 2000, p. 21).

Não se deve afirmar que o conteúdo de determinado depoimento não é real. O que mais importa não é saber se algo aconteceu ou não, mas perceber por que está sendo narrado de tal maneira, como também perceber a relação com que os elementos contidos na descrição irão ajudar na interpretação da complexidade social em que está inserida. O trabalho de interpretação das fontes orais possibilita a abertura de novas perspectivas de investigação, pois, além de criar condições para repensar a construção do conhecimento, agrega elementos subjacentes ao processo, como: valores em disputa, padrões de comportamento, culturas políticas, dentre outros,

fazendo vir à tona as experiências vivenciadas e os seus significados. Kênia de Souza Rios (2000) afirma:

Nós, historiadores da oralidade, não devemos encarar os depoimentos como uma rede de informação pronta para ser analisada e definida pelos pressupostos da filosofia. Entender a situação de enunciação em que o depoimento que se constrói é condição imprescindível para estabelecermos diálogos com nossos depoentes. Quando o entrevistado fala sobre o tema solicitado, ele não está simplesmente informando sobre acontecimentos que nos interessam, mas constrói o fato mediante a sua experiência. Portanto, apresenta-nos sua própria interpretação. É no entendimento dessa dada interpretação que nos encontramos com o sujeito. Deparamo-nos, assim, com a maior contribuição da história oral, ou seja, o horizonte de possibilidades. O vislumbamento do múltiplo, do diverso em face de nossas tentativas de compreensão do homem nas suas mais variadas relações com o mundo (RIOS, 2000, p. 15).

Por outro lado, não podemos dissociar a história oral da teoria, pois estaríamos concebendo qualquer tipo de história, um conjunto de técnicas incapazes de refletir sobre si mesmas. Cabe ao historiador analisar as diversidades e complexidades de cada contexto. Nesse viés, Jorge Eduardo A. Lozano (2001, p.17) afirma: “Fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos outros”.

Assim, a pesquisa de campo, embasada na metodologia da História Oral, segue o exemplo daquelas realizadas por historiadores, antropólogos e sociólogos, abrangendo a observação, a participação e o envolvimento direto nos processos e acontecimentos históricos apresentados para

reflexão crítica acerca da História do Tempo Presente. A valorização de uma história construída através da oralidade permitiu que estudiosos repensassem as relações entre passado e presente e definissem para a História do Tempo Presente o estudo dos usos do passado. Segundo Lucília de Almeida Neves Delgado (2006, p. 52):

A História Oral refere-se, especificamente, ao Tempo Presente, portanto à história contemporânea. Nesse sentido, pode no máximo recolher registros, informações e versões sobre o acontecido em um espaço limitado de tempo, não comportando referências a um passado mais longínquo, a não ser como notícias ou registros de tradições que foram transmitidas de geração em geração. (DELGADO, 2006, p. 52).

Para desenvolver a pesquisa que tem por tema as experiências quilombolas nas comunidades, Aldeia e Morro do Fortunato, fez-se necessário recorrer a determinadas categorias históricas, destacando-se, memória, identidade/identificação e experiência. Esse destaque deve-se ao fato de que é importante se ter clareza quanto ao tipo de pesquisa que se propõe, ou seja, considerar que a pesquisa está focada na perspectiva historiográfica do Tempo Presente.

Diante de tal constatação enfatiza-se a urgência de considerar as transformações constantes de sentido e de significados, em torno das memórias, das identidades, das sociabilidades, das representações e das subjetividades no contexto histórico. Nesse sentido, Luísa Passerini alerta que:

Todas essas expressões fazem parte de uma mesma constelação que preside ao esforço necessário para construir um presente e constitui os eixos de uma subjetividade

histórica cambiante, compartilhada, ainda que de maneiras diferentes, pelos historiadores e os contemporâneos. (PASSERINI. 2006. p, 212).

Em se tratando de vivências quilombolas, o diálogo entre as fontes passa a contemplar experiências e pontos de vista distintos, contraditórios, ambíguos, que tendem a se completar em mutuamente, pois argumentam coletivamente diante de uma problemática comum - a luta pela afirmação de uma identidade. Não se intenciona a tarefa impossível de estabelecer a ‘verdade dos fatos’, mas sim, mostrar o que se pode registrar e analisar a partir do lugar em que o sujeito se situa como agente histórico e historiador.

A categoria memória constitui-se como elemento de significativa importância para a reconstituição do processo histórico desses remanescentes de quilombos; “é o sujeito que lembra”, escreve Maurice Halbwachs (1990, p. 80). A memória tem várias funções: toda nossa consciência do passado está fundada na memória; através das lembranças recuperamos acontecimentos anteriores, distinguimos o ontem de hoje e confirmamos que já vivemos um passado. Segundo Lucília de Almeida Neves Delgado (2006, p. 61) “A memória, portanto, traduz registro de espaços, tempos, experiências, imagens, representações”. Ou seja, a memória do passado, muitas vezes, nos ajuda a entendermos o contexto vivido, como também a construir um futuro mais significativo.

É importante destacar que, para Halbwachs (1990), a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva. Ou seja, o conceito de memória está na interseção entre história e identidade coletivas. Assim, a memória é imprescindível para a reconstituição do passado, seja individual ou coletivo, sendo considerada, portanto, um recurso fundamental para a apreensão da identidade e da história.

Entendemos que a memória e a tradição mostram a organização do passado em relação ao presente. Isto é, não se trata de um passado preservado, mas continuamente reconstruído, tendo como base o presente. A memória coletiva possui guardiões, geralmente formada por pessoas mais idosas e que assim o são não apenas porque participam de muitas das formulações dessas tradições, mas porque têm tempo disponível para identificar os detalhes contidos, e, ao contrário do costume, têm força de união que combina conteúdo moral e emocional. Assim, a tradição é um meio organizador da memória coletiva e individual.

É importante destacar que um dos principais objetivos da memória é atualizar o passado, através dos testemunhos que muitas vezes estão inconscientes ou dos sentimentos que estão preservados. Segundo Maurice Halbwachs:

A memória apoia-se sobre o ‘passado vivido’, o qual permite a constituição de uma narrativa sobre o passado do sujeito de forma viva e natural, mais do que sobre o ‘passado aprendido’ pela história escrita. (HALBWACHS, 1990, p. 75).

Atentando para as palavras de Maurice Halbwachs, buscamos construir a história das Comunidades Quilombolas de Garopaba com base nas experiências dos moradores dessas comunidades, valendo-nos de seus depoimentos e lembranças.

Porém, nessa trama, não só as falas e lembranças dão o tom do enredo. É preciso destacar, também, que a pesquisa documental, juntamente com as fontes orais, embasam a escritura desta dissertação. Pensamos que a variedade de documentos amplia as possibilidades do trabalho de campo e facilita reflexões diferenciadas acerca de diversos assuntos sobre um mesmo tema, já que “toda fonte histórica possui historicidade e constitui uma representação do real”. (RIGER,

2011, p. 84). Assim, utilizaremos os documentos como certidões de nascimento e casamento (civis) e certidões de batismo e casamento (religiosas) para convalidar o que nos é informado através das narrativas dos entrevistados.

Exemplos do agregamento de fontes orais e escritas serão ‘materializados’ na organização e apresentação da árvore genealógica da Comunidade do Morro do Fortunato. Em certo momento, apresentaremos a constituição familiar do grupo com base nas falas dos moradores mais antigos ou, como diria Ecléa Bosi, na “memória dos velhos”, confrontada com os documentos dos cartórios. O uso da fonte documental, portanto, serve para corroborar as falas, aproximando as lembranças dos vestígios históricos que representam os documentos oficiais. “A história deve reproduzir-se de geração a geração, gerar muitas outras, cujos fios se cruzem , prolongando o original, puxados por outros dedos”. (BOSI, 2004, p. 90).

Provocar embates entre as fontes disponíveis e todas as informações que se tem a respeito do fato estudado, submetendo-as às perspectivas teóricas, é importante para que se evitem distorções. No entanto, esta operação processual da pesquisa não a encerra, pois não basta descrever as coisas tais como aconteceram se é que isso é possível; é necessário compreendê-las e interpretá-las.

As fontes são, no entanto, a estrada real empírica, para se chegar ao cerne do pensamento histórico, do qual o historiador retorna mais sábio do que as fontes podem torná-lo. Esse ganho de eficiência do pensamento histórico, para além da mera crítica das fontes como meio de extrair informações dos fatos do passado, dá-se na interpretação. (RUSEN, 2007, p. 124).

Este processo de interpretação dos testemunhos obtidos através dos vestígios históricos é o mais importante, pois é esta operação metódica que articula, de modo intersubjetivamente controlável, as informações garantidas pela crítica das fontes sobre o passado humano. Ela organiza as informações das fontes em histórias e as insere no contexto narrativo em que os fatos do passado aparecem e podem ser compreendidos como história.

Nesse viés, as categorias Identidade/Identificação vêm complementar e até mesmo, de forma intrínseca, estabelecer os contornos das particularidades pertinentes a cada uma das Comunidades Quilombolas em questão: Morro do Fortunato e Aldeia. A construção identitária de tais grupos não está naturalmente dada; é feita por meio de escolhas e confrontos.

Stuart Hall (2006) não hesitou em afirmar que existe uma ‘crise de identidade’ abalando as estruturas do homem pós-moderno. Para o autor, as fronteiras bem definidas do homem da sociedade moderna o localizavam e o definiam no ‘mundo social e cultural’, premissa que fora abalada na modernidade tardia com o descentramento das identidades modernas. Ainda segundo o antropólogo Stuart Hall (2006, p. 13), “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”.

As velhas identidades estão em declínio e as novas permitem as múltiplas fragmentações impossibilitando aos sujeitos pós-modernos terem uma identidade fixa, essencial ou permanente, processo conceituado por Stuart Hall (2006) como ‘crise de identidade’. Stuart Hall trabalha na perspectiva de uma identidade híbrida.

O sujeito previamente vivido dentro de uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. (HALL, 2006, p. 12).

Sendo assim, a identificação seria o processo pelo qual nos projetamos em nossas identidades e a identidade torna-se uma dinâmica móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.

Desta forma, os estudos sobre processos de identidade cultural valorizam as reflexões sobre as experiências vivenciadas pelos grupos em estudo. Ou seja, ressaltam os múltiplos fios das culturas e tradições estabelecidas e vivenciadas por eles. Além disso, no caso específico dos quilombos, existem lutas identitárias, pois há disputas internas, em relação às versões acerca do ‘mito de fundação’ a serem aceitas por todos, enfim, uma gama bastante complexa de olhares e opiniões que se engendram para construir a face identitária do grupo. Nesse sentido, é importante destacar as considerações de Homi K. Bhabha acerca do momento histórico que vivemos:

[...] encontramos-nos no momento em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. (BHABHA, 1998, p. 19).

Assim, as culturas não correspondem a fronteiras espaciais ou temporais, não estabelecem obstáculos de nação ou de etnia, tampouco reproduzem valores essenciais de antigas tradições como um princípio histórico. As tradições, as culturas são escancaradas pelo diálogo e às trocas. A dinâmica das identidades e formações culturais são livres e não seguem um fio condutor pronto que orienta sua trajetória cultural. Ou seja, as práticas culturais trocam-se, intercambiam-se, conflitam-se, metamorfoseiam-se permanentemente. Nesse sentido, entendemos as reinvenções culturais e identitárias dos

grupos sociais, principalmente das Comunidades Quilombolas em estudo.

É importante destacar que a categoria experiência é um dos pilares desse trabalho. No entanto, é mister sublinhar que a experiência surge sem aviso, exerce pressões e propõe novas questões. A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, é o que nos toca. Tornar a experiência visível exige uma análise crítica em relação ao sistema de funcionamento ideológico de si próprio e da sociedade, analisando as transformações e as vivências.

Segundo Thompson, é por meio da categoria experiência que se “compreende a resposta mental e emocional, seja de um indivíduo ou de um grupo social, existem muitos acontecimentos inter-relacionados” (Thompson, 1981, p. 15). É através da experiência que homens e mulheres definem e redefinem suas práticas e pensamentos.

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo, não como sujeitos autônomos, “indivíduos livres”, mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida “tratam” essa experiência em sua consciência e sua cultura [...]. (THOMPSON, 1981, p. 182).

Por sua vez, o mesmo autor introduz a categoria experiência e a articula com a cultura. Ou seja, da reflexão relativa à categoria experiência resulta a concepção de que a cultura deve ser compreendida a partir de experiências mentais e emocionais, vividas em muitos acontecimentos inter-relacionados. Thompson reconhece que a experiência vivida,

além de pensada, é, também, sentida pelos sujeitos. Conforme ele mesmo afirma:

As pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como idéias, no âmbito do pensamento e de seus procedimentos [...] Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esse sentimento na cultura, como normas, obrigações familiares, [...] valores, [...] arte ou nas convicções religiosas (Thompson, 1981, p. 189).

Assim, fica evidente que a categoria experiência estabelece fundamentos necessários a corroborar a capacidade de homens e mulheres romperem com condições impostas. Ou seja, “a experiência pode levar a rever práticas, valores e normas e, ao mesmo tempo, pode ajudar a constituir identidades de classe, de gênero, de geração, de etnias” (Moraes e Müller, 2003, p. 13).

A visibilidade das experiências dos grupos em estudo mostra a existência de mecanismos repressores, mas dificilmente conheceremos seu funcionamento interno, sua lógica. Temos consciência de que a diversidade existe, mas é difícil nos apropriarmos dela, conhecer suas relações e desvelar suas particularidades. Para conhecer partes dessas experiências, precisamos dar conta dos processos históricos, das vivências, das ações realizadas por eles e para isso, nos fundamentamos nos testemunhos e nas narrativas desses sujeitos que produzem suas experiências. Pensar a experiência dessa forma é historicizá-la. Segundo Joan W. Scott, “historicização implica uma análise crítica de todas as categorias explicativas que normalmente não são questionadas, incluindo a categoria ‘experiência’”. (1999, p. 28).

Na pós-modernidade a história lida com um tempo repleto de ‘agoras’ e preocupa-se com as evidências do

passado que possibilitem a leitura de um passado plausível, sem a presunção de ser verdadeiro. Essa história se preocupa em ampliar os horizontes e servir à vida. Sabemos que o passado será sempre contado, não se esgota. Uma versão pode se tornar hegemônica em certo momento, sendo ‘reeditada’ em outro. Nosso tempo é fugidio, deslizante e a história se angústia por não poder prendê-lo, segurá-lo. Assim é o tempo histórico na pós-modernidade: incerto e imprevisível.

Contudo, é preciso registrar uma história, aquele que nos pareça mais verossímil e até mesmo verificável. Assim, estruturamos esta dissertação da seguinte forma:

No primeiro capítulo, intitulado “Garopaba, de reduto pesqueiro à cidade turística”, realiza-se uma breve viagem pela formação étnico-cultural desse município, procurando identificar o lugar dos afro-brasileiros nessa trama social. Nesse sentido, será através de relatos dos próprios moradores das comunidades em questão e também dos documentos produzidos por historiadores e antropólogos durante o processo de reconhecimento como Comunidades Quilombolas, que construiremos uma versão quanto à presença dos afro-brasileiros em Garopaba. Este capítulo tem a preocupação maior de levar o leitor a compreender a estrutura social na qual os afrodescendentes construíram suas casas como também a forma que se deu (ou não!) a interação com as comunidades do entorno.

O segundo capítulo, nomeado “A presença de africanos e afrodescendentes em Garopaba e seus arredores”, trata da constituição física dos Quilombos e da formação das Comunidades de Remanescentes. Assim, lança mão das memórias de moradores das comunidades bem como de seu entorno, procurando, através destas narrativas, delinear os acontecimentos que possibilitaram tal formação. Com base nos depoimentos e relatos dos moradores das Comunidades Quilombolas e das comunidades do entorno, teceu-se o enredo da narrativa referente às práticas de sociabilidades.

O terceiro capítulo, denominado “Constituição das Comunidades Quilombolas de Garopaba-SC”, tem por objetivo mapear os espaços de sociabilidades das Comunidades Quilombolas da Aldeia e do Morro do Fortunato, identificando que suas constituições estão caracterizadas pela comum herança com o passado escravista e por formas culturalmente específicas como da coletividade e do compadrio. Essas características são visíveis pelas vivências e por experiências de organização social diretamente relacionada ao direito a terra, por formas de consanguinidade e parentesco.

No último capítulo, intitulado “Sociabilidade e afirmação identitária nas festividades dos quilombos de Garopaba”, nos reportaremos às diferentes festividades que acontecem nas Comunidades Quilombolas de Garopaba: Aldeia e Morro do Fortunato. Assim, os bailes, as brincadeira de Boi de Mamão, os Ternos de Reis, a Festa da Tainha, o Carnaval, a Festa de São Lourenço e outras festividades que se evidenciam a partir das crenças, hábitos e costumes dos quilombolas, exaltando a alegria e a simplicidade dessas comunidades traduzidas em acolhimento, participação comunitária.

1. GAROPABA, DE REDUTO PESQUEIRO A CIDADE TURÍSTICA

Neste primeiro capítulo, apresentamos a cidade de Garopaba desde sua fundação, passando pela efervescência da chegada dos primeiros turistas, em meados dos anos de 1970 e 1980, até atingir o momento atual: época de afirmação enquanto destino turístico de alto padrão. Nessa jornada, atentamos para as novas práticas e transformações pelas quais a cidade passou, alterando a paisagem e os costumes locais.

É sabido que não se pode conhecer a totalidade do processo de desenvolvimento histórico da cidade de Garopaba, pois seria uma pretensão que não condiz com a prática historiográfica responsável. No entanto, colocamos em tela aspectos relevantes quanto à trajetória de sua gente no esvanecer do tempo. Nesse universo, atentamos para a elaboração de discursos sobre a necessidade de proteger a história da cidade bem como de criar espaços e rótulos que vendam a imagem de uma cidade apta para o consumo turístico. Discutimos, ainda, questões relativas ao papel da memória e das tradições na construção da imagem da cidade.

Falar da história da Garopaba é mergulhar nas transformações sócio-históricas pelas quais a cidade passou, já que de pequeno reduto de pescadores e agricultores se tornou uma cidade conhecida por sua ‘vocação’ turística. Sendo assim, é importante ressaltar que nossa caminhada historiográfica é fruto do entrelaçamento das memórias e das narrativas dos moradores locais aliados a documentos e produções bibliográficas referentes às suas transformações.

A estratégia de utilizar as narrativas dos moradores foi adotada na perspectiva de encontrar um caminho a ser seguido na empreitada de tal construção histórica. Ou seja, os depoimentos dos moradores nos possibilitaram maior clareza em relação aos meandros das transformações pela quais a cidade de Garopaba passou durante o período. Pensamos que

essas memórias extrapolam o tempo presente e o homem mergulha no seu passado ancestral. “Nessa dinâmica, memórias coletivas encontram-se, fundem-se e se constituem como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico”. (DELGADO, 2006, p. 16).

Abrir uma discussão histórica sobre a construção da cidade de Garopaba é ousar adentrar por um universo bibliograficamente incerto. As produções que contemplam o município e abordam a temática em estudo são livros de memorialistas, um livro didático, alguns trabalhos de conclusão da graduação, um trabalho de especialização e duas dissertações de mestrado.

Entre os memorialistas, estão às obras do Padre Artulino Besen, 1996, quando do Centenário da Igreja Matriz da cidade; as duas obras do Professor Manoel Valentim (1994 - 2007); os livros do jornalista Fernando Bitencourt (2003 - 2005) e o livro de versos de autoria do pescador Maurício dos Passos (2012). Além desses, em 2011, foi lançado, pela Secretaria Municipal de Educação, um pequeno livro didático para as séries iniciais do ensino fundamental, de autoria das Professoras da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Deise S. de Farias e Márcia Neu, além da Professora de História e Geografia, Elaine Coelho da Luz, que aborda a história e a geografia do município.

Os trabalhos acadêmicos tratam de segmentos distintos da história de Garopaba: há uma obra relativa ao papel das mulheres no desenvolvimento histórico da cidade, da professora Silvana Cervo (2001); outra se debruça sobre as festas de boi vendouro, hoje conhecidas como farra do boi, da professora Rosiane Marli Antônio Damázio (2007) que também escreveu sobre as transformações provenientes do turismo (2011); os sítios arqueológicos são a temática de outro trabalho da professora Elaine Coelho da Luz (2007), assim como os engenhos de farinha, escrito pela professora Sônia Damázio Carvalho (2007), havendo ainda escritos sobre os

remanescentes de quilombolas pelas professoras Mauricélia Teixeira de Albuquerque (2011) e Francine Adelino Carvalho (2011).

Em função da temática em questão, acreditamos ser pertinente apresentar com maior ênfase o pescador e autor de versos Maurício dos Passos, 70 anos, conhecido por Moriço (Figura 02). O Senhor Maurício nasceu na comunidade do Sirú, Norte do município, e viveu a maior parte de sua vida no Centro da cidade, onde ainda reside. Importante destacar que Maurício dos Passos é quilombola, já que sua mãe, Joana Machado, era moradora do Morro do Fortunato, neta de Fortunato Justino Machado, fundador do Quilombo.



Figura 02: Maurício dos Passos.

Fonte: Acervo próprio da autora.

Ano: 2013.

Local: Em sua residência – Garopaba – SC.

O Senhor Maurício é uma pessoa bastante simples e dono de uma cultura predominantemente oral, visto que não é alfabetizado. Porém, isto não significou entrave para organizar e publicar seu livro ‘Versos de Moriço’, em 2012. Foi seu sobrinho quem fez o papel de escriba, transformando as memórias do pescador em registro escrito. É com orgulho que ‘Moriço’ narra os acontecimentos que deram origem ao livro bem como os desdobramentos que sua publicação produziu:

Eu comecei a versar meu livro com a conversa que eles vieram fazer para mim. A primeira pessoa que veio fazer essa conversa foi o Fernando Bitencourt. Outra situação que me instigou a fazer o livro foi quando fui a Porto Alegre e comecei a dizer o verso da baleia. Esse verso fala do aparado, e eles me perguntaram: Maurício o que é um aparado? É um cafezinho. Falei também da boleia, eles pensavam que boleia era de caminhão. Rindo eu disse: vocês não conhecem nada, é um aparelho de pescar com linha e anzol que boleava para jogar no mar para pegar peixe. Meus versos surgiram por isso, eu tirava verso e as pessoas perguntavam cada vez mais. Como as pessoas que escutavam eu declamar os meus versos gostavam muito e achavam engraçados, eu pedi ajuda a meu sobrinho para escrever os versos e com a ajuda do Movimento Açoriano de Resgate – MARÉ¹¹, consegui publicar o meu livro e hoje vendo nas ruas, Bancos e praças de Garopaba.

¹¹ MOVIMENTO AÇORIANO DE RESGATE - MARÉ: Associação Cultural que tem como meta promover o resgate e a valorização da cultura em Garopaba.

Hoje, o pescador vende sua obra no centro da cidade¹² e sempre tem tempo para conversar e contar suas histórias aos que se interessam. Porém, acreditamos que sua obra literária não tem merecido o devido destaque, pois enquanto os demais livros que tratam da temática compõem as referências oficiais sobre a história do município, o livro ‘Versos de Moriço’ não é citado. Essa marginalização é típica de uma sociedade excludente, que tende a valorizar somente as produções da classe hegemônica. Quem perde com tal situação são os leitores, em geral crianças das escolas municipais, pois não têm oportunidade de conhecer versos como este:

Tempo passado

Quero falar no Brasil
 Dos tempos de antigamente
 Vai um pouco de passado
 Do futuro e do presente
 E falar de hoje em dia
 Da vida de hoje pra frente
 (...)
 Foi a minha profissão
 Porque nasci pra pescar
 Pois não aprendi a ler
 Porque não pude estudar
 Fui obrigado a servir
 Pros irmãos alimentar
 (...)
 Também quero falar

¹² Nosso contato com ele deu-se da seguinte forma: certo dia observamos, em frente a uma agência bancária do Centro da cidade, um senhor afro-brasileiro, com alguns livros nas mãos. Este, ao perceber que estava sendo observado falou: “Chegue até aqui, conheça os livros que vendo, são de autoria minha. Sou analfabeto, mas Deus me deu o dom de fazer versos sobre tudo o que se passa em Garopaba: economia, política, colonização, entre outras coisas que você pode ler aí. Já concorri até em concurso de versos”. Neste contato inicial, o Senhor Maurício dos Passos falou sobre muitas coisas, demonstrando seu potencial como fonte para esta pesquisa.

Do lugar onde nasci
Meu pai era do Siriú
Depois veio morar aqui
Numa casa na praça
Ali pouco vivi
(...)
Onde nasceu minha mãe
Há muito tempo passado
Pertencia ao negro Fortunato
Eu ainda tô lembrado
Ela chamava Joana
Filha de Inácio Machado (Passos, 2012, p. 38-39).

O livro do Senhor Maurício dos Passos, ‘Versos do Moriço’ é resultado de suas experiências como pescador e morador de Garopaba. Um homem analfabeto que se apropriou dos versos para poder narrar e registrar alguns fragmentos da sua própria história, da história do Brasil e do município em que mora. Em sua obra, aborda temas relevantes como: a história da sua família, dando visibilidade à localidade em que nasceu e onde seus pais, Apolônio dos Passos e Joana Machado, iniciaram a vida, antes de vir morar no Centro de Garopaba.

Em seus versos, Maurício evidencia o vínculo familiar que sua mãe tinha com os membros da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato. É importante destacar que o poeta tem alegria em dizer que é “parente dos quilombolas”, enfatizando “também sou um quilombola”. O sentimento de pertencimento ao núcleo familiar dos remanescentes quilombolas está presente em sua fala, como em seus versos. Sua mãe Joana era neta do Senhor Fortunato Machado, filha do Senhor Inácio Machado um dos filhos mais velhos do Senhor Fortunato. Outro fator importante é o nome de sua mãe Joana, o mesmo da bisavó, Joana Maria de Jesus, a ‘fundadora’ do grupo do Morro do Fortunato.

Em relação à história do município de Garopaba, Maurício fala do passado ao presente; a vida dos pescadores; as dificuldades sofridas pelas famílias dos pescadores e agricultores; a força da natureza, como as tempestades enfrentadas no município de Garopaba e no Estado de Santa Catarina; lembranças de Getúlio Vargas e Tancredo Neves; entre outros versos que se referem ao cotidiano do município.

Outro aspecto que merece destaque na obra do Senhor Maurício dos Passos, são as memórias que ele guarda do passado. A memória é para os homens uma forma de identificar-se com sua concepção de passado e, nesse sentido, devemos compreender os aspectos referendados em seus versos. Uma das memórias recorrentes em seu livro são as lembranças de Garopaba, como vimos no verso a seguir:

Já entreguei meus versos
 Muita gente gostou
 Vou falar do município
 Onde eu sou morador
 Em Garopaba do Norte
 Avenida do pescador
 (...)
 Agora eu faço um convite
 Pra vir aqui passear
 Seja do sul ou do norte
 Onde você morar
 Seja no leste ou oeste
 Venha conhecer meu lugar
 (...)
 Esta linda Garopaba
 Fica no sul do país
 Chegando em Florianópolis
 Pergunta que o povo diz
 E traga fé em Jesus
 E visite nossa Matriz
 (...)
 Há muitos anos atrás
 Este lugar era fraco
 Não tinha casas bonitas

Tinha pequenos barracos
Mas tinha nossa igreja
E o velho padre Faraco
(...)
Hoje aqui temos de tudo
Hotel e supermercado
Temos loja, restaurante
Que não se viu no passado
Mas tem a nossa lavoura
E vem o nosso pescado
(...)
Muitos saíram daqui
Quando voltar não conhece
A casa onde morava
Se não perguntar se esquece
Nós estamos ficando velho
Enquanto a cidade cresce. (Passos, 2012, p. 05).

Ainda em relação aos versos do poeta garopabense, ressaltamos a riqueza de detalhes históricos que elenca ao escrever sobre o município. Em seus versos, Maurício convida os turistas a visitarem Garopaba, mas não somente pelas belezas naturais como as propagandas midiáticas costumam enfatizar; mas para conhecer à parte histórica de Garopaba, como a Igreja Matriz e a Avenida dos Pescadores, ambas consideradas Patrimônio Cultural da cidade.

Nos mesmos versos, o poeta faz referência ao passado e ao presente, indicando que sua narrativa pauta-se em suas experiências, para elucidar as mudanças ocorridas em Garopaba. As casas e ranchos que foram substituídas por comércio ou pousadas e as pequenas ‘vendas’, que hoje são supermercados. Sabemos que essas mudanças são decorrentes, em sua maioria, do turismo. No entanto, esse é um processo recorrente em diferentes lugares; portanto, não só Garopaba sofreu esta transformação, uma vez que o lazer e o bem estar se tornou proeminente a partir do crescimento exacerbado das grandes cidades.

Voltando à história de Garopaba, observa-se que a maior parte das produções é embasada em fontes orais, ou seja, fundamenta-se em entrevistas, revelando falas de quem viveu ou vive na região ou, então, de pessoas que se remetem à memória de seus antepassados. Vale ressaltar que as obras referentes à história de Garopaba também consideram as fontes documentais, tais quais as fotografias e os registros eclesiásticos e cartoriais.

Feitas tais distinções e indicativos, passamos a delinear a história de Garopaba, ressaltando que a cidade é mais um dos municípios do litoral catarinense marcado pela forte ligação com o mar e com a chamada ‘tradição açoriana’, muito embora, na prática, haja evidências da forte presença das culturas indígenas e africanas; aliás, não é por acaso que existem dois quilombos na região e que o nome Garopaba deriva da língua tupi, própria dos guaranis que por muito tempo a habitaram.

Assim, conforme consta no dicionário Tupy – Guarany (CONTELLI, s.n, p.09), Garopaba deriva da junção de *ygá*, *ygara*, *ygaratá*, que significa barco, embarcação, canoa com *mpaba*, *paba*, que significa paradeiro, lugar, enseada. “Garopaba, então, significa Enseada das Canoas” (BITENCOURT, 2003, p. 14). Para padre Artulino Besen (1996, p. 12), “O nome condiz com a primeira utilidade da enseada, recanto seguro para ancoradouro de embarcações”. Tal denominação se mantém atual, visto que ainda hoje é comum vermos a calma enseada da avenida dos pescadores (Figura 03) repleta de barcos de pesca, lanchas, caiaques, escunas, enfim, num colorido que atualiza hodiernamente sua denominação.

A presença dos primeiros colonizadores portugueses em Garopaba é discutida em diferentes obras sobre o lugar. Na obra de José Artulino Besen (1980) encontra-se o registro da chegada dos primeiros casais de colonizadores portugueses no século XVII, exatamente no ano de 1692. Segundo Besen, a

presença dos portugueses em Garopaba desencadeou a estruturação da armação baleeira que foi construída um século depois. Besen descreve, em sua obra, a estrutura da armação baleeira de Garopaba:

A Armação de Garopaba ficava no interior de uma baía estreita e comprida (a enseada), cercada à direita e à esquerda de morros cobertos de florestas. A igreja, os alojamentos do administrador, do capelão, dos feitores, tinham sido construídos à meia encosta de um morro; o engenho de frigar, os reservatórios, as casas dos negros, ficavam situados à margem da enseada (BESEN, 1980, p. 16).



Figura 03: Enseada de Garopaba - SC.

Fonte: Acervo próprio da autora.

Local: Garopaba - SC.

Ano: 2014.

Esta versão em relação ao período da chegada dos primeiros colonizadores a Garopaba é analisada na obra de Vilson Francisco de Farias (2000), em outro espaço de tempo. O autor diz que os açorianos desembarcaram em Garopaba enviados pelo Império Português, procedentes, em sua maioria, da Ilha Terceira, localizada no Arquipélago dos Açores.

As primeiras informações sobre a presença de população fixa [em Garopaba] de origem europeia são do final do século XVIII, resultante dos registros eclesiásticos que indicam já residirem em Garopaba diversas famílias de origem açoriana. (FARIAS, 2000, p. 255).

Garopaba também foi palco da caça a baleia durante um longo período de tempo. As calmarias de suas águas e a presença constante dos animais no período que vai de julho a outubro fizeram com que fosse construída uma armação baleeira em sua orla, na atual Praia do Centro. As armações baleeiras instaladas no litoral brasileiro foram empreendimentos coloniais dedicados à pesca da baleia e ao beneficiamento das partes econômicas deste cetáceo. O nome ‘armação’, presente na toponímia em muitas regiões do litoral brasileiro, advém da instalação destas unidades produtivas ou simplesmente da realização da pesca da baleia, em que era necessário ‘armar-se’ para o confronto com o ‘grande peixe do mar’. A Armação de São Joaquim de Garopaba foi fundada em 1795 a 1851.

A obra “*História de Garopaba*”, do Professor Manoel Valentim (2007), revela que a fundação da vila de pescadores, atual Garopaba, “foi resultado da organização de Joaquim Pedro Quintela e João Ferreira Sola. Seu nome, São Joaquim, pode ter sido dado em homenagem a um de seus organizadores, Joaquim Pedro Quintela”. (VALENTIM, 2007,

p. 20). Ainda segundo o autor, posteriormente, em 1830, em função do crescimento populacional, Garopaba foi elevada a Freguesia. Em 1890, com trabalho de mobilização da Freguesia, Garopaba foi elevada a Vila e, no mesmo ano, foram nomeados os membros do Conselho da Intendência.

Seguindo as informações organizadas pelo Professor Manoel Valentim (2007), sabe-se que a instalação do município ocorreu no dia 07 de junho de 1890, porém, alguns anos depois, em 1923, perdeu tal condição, passando a integrar o município de Imbituba, pertencendo à Comarca de Laguna. Em 1930, Garopaba passou a Distrito de Palhoça, voltando à condição de município somente em 1961. É desta época o estabelecimento de suas atuais fronteiras ou limites territoriais: “ao Norte e ao Oeste, Garopaba limita-se com o município de Paulo Lopes, ao Sul com o município de Imbituba e ao Leste com o Oceano Atlântico”. (VALENTIM, 2007, p. 09). Figura 04.



Figura 05: Região da Praia de Garopaba no ano de 1925.

Fonte: Acervo de Bertoldo Álvaro dos Santos Filho.

Ano: 1925.

Local: Garopaba - SC.

Após muitos anos de luta e negociações dos políticos locais, a vila de pescadores foi finalmente emancipada. Renasce assim, o município de Garopaba. A partir da emancipação, a cidade começa a seguir seu caminho, muitas obras foram realizadas, estradas, praças, ruas, casas de alvenaria e sobrados foram construídos. Conhecer a totalidade dessa história não é tarefa fácil, pois, é um processo muito amplo para ser estudado num curto espaço de tempo. Sendo assim, deixamos muitos aspectos relevantes para serem estudados num próximo momento, por ora tomaremos como fio condutor as narrativas oriundas das memórias de diferentes moradores.

De pequeno reduto de pescadores, Garopaba passa a ser uma cidade turística marcada pela modernização e urbanização, episódios que mudaram radicalmente a vida e a cultura dos habitantes locais. Na busca de compreender o encontro entre moradores locais e turistas, entrevistamos o Senhor Manfredó Hübner (85 anos), que se considera um dos

primeiros turistas a chegar a Garopaba. “Quando cheguei aqui em 1967, encontrei Garopaba com poucas casas, as pessoas viviam despreocupadas”¹⁴. Na figura 06 podemos conferir a Garopaba vista por Manfredo Hübner.

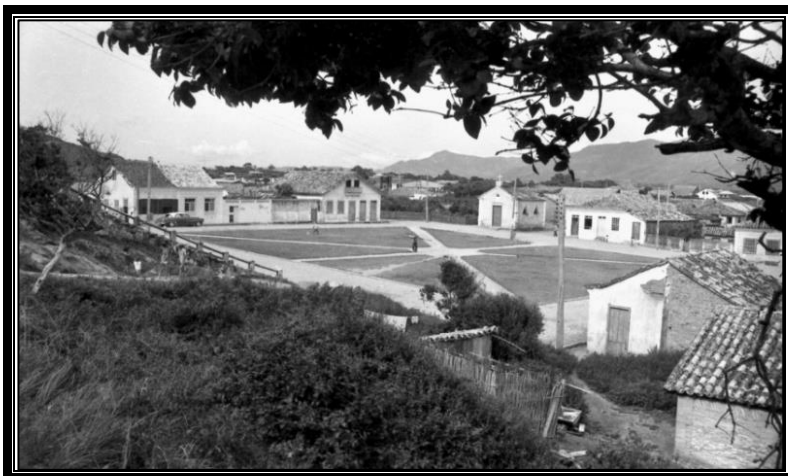


Figura 06: Garopaba - SC, no final da década de 1960.

Fonte: Manfredo Hübner.

Ano: 1960.

Local: Garopaba - SC.

Pioneiro do turismo na Praia de Garopaba, como se autodenomina: “foi eu o primeiro turista a chegar a Garopaba e que mostrou Garopaba para os outros gaúchos. Garopaba era desconhecida por todos lá fora”¹⁵, Manfredo Hübner, ao deparar-se com uma realidade completamente diferente de que estava acostumado em Porto Alegre, infere que as pessoas viviam sem preocupações. Será que esta visão reflete o tempo vivido pelos garopabenses? Quem enfrenta as adversidades do

¹⁴ HÜBNER, Manfredo. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 19 de junho de 2013. Entrevista.

mar não tem com o que se preocupar? As preocupações de quem vivem em um grande centro e de quem vive numa vila de pescadores, certamente, são diferenciadas; mas isso não significa que os segundos vivam em um ‘paraíso’ e tenham uma vida contemplativa.

Porém, o Senhor Jair João Ribeiro (75 anos), pescador nativo e Presidente da Colônia de Pescadores de Garopaba – Z 12, afirma que quando o Senhor Manfredo Hübner chegou à cidade, muitos *hippies* já haviam passado por aqui, retirando deste o ‘título’ de precursor do turismo.

O primeiro turista foi o Hernande, na revolução do Brizola¹⁶, ele chegou aqui numa lambreta, ele e a Adeli, a mulher dele, ele colocou uma barraca numa barranca, lá na Vigia. Lá deu um temporal de chuva, muito grande, aí meu pai falava para nós: vocês vão lá ver aquele homem e aquela mulher, porque eles já devem ter morrido lá. Chegamos lá e eles estavam todos encharcados, não tinham mais roupa, não tinham mais nada, nós trouxemos eles e botamos numa casinha. Eles não tinham nenhum envolvimento com a Revolução, vieram do Rio Grande e bateram aqui em Garopaba, hoje ele ainda é vivo, ele mora em São Paulo, eles vieram muito antes do Seu Manfredo. Aí o Hernande foi embora, mas antes trouxe o Dino, aí o Dino ficou na minha

¹⁵ Idem.

¹⁶ No Rio Grande do Sul, o então governador Leonel Brizola, cunhado de Jango, iniciou o movimento conhecido como Campanha da Legalidade. A campanha apoiava a subida de Jango à Presidência sem qualquer limitação ou alteração jurídica no que competia à governabilidade do cargo. (BATISTA, Lisbeth. Brizola e a campanha pela legalidade. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/arquivo/2011/09/05/Brizola-e-a-campanha-pela-legalidade/>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

casa lá encima [Morro da Vigia], aliás, numa barraquinha que eu tinha¹⁷.

De acordo com a historiografia, no ano de 1961 aconteceu, de fato, um movimento denominado ‘Campanha da Legalidade’, sob o comando do governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola. Tal movimento lutava pela posse de João Goulart – o Jango, cunhado de Brizola, vice-presidente de Jânio Quadros, que renunciou à Presidência da República.

De acordo com os relatos obtidos, os primeiros turistas que chegaram a Garopaba ainda nos anos de 1960 era constituída, majoritariamente, por *hippies* gaúchos, um ‘povo’ que provocou grande estranhamento dentre os nativos. Em um tempo na qual as atividades junto ao mar se limitavam a pescar, pegar siri pintado, tirar mariscos das pedras do costão ou ajudar a puxar um lanço de peixes, a presença de pessoas munidas de mochilas, que pernoitavam em barracas, ‘pitavam’ um cigarro de cheiro pouco convencional (a maconha era novidade!), tomavam banho de mar e as mulheres apareciam vestidas somente de maiô ou biquíni, deixou os moradores nativos intrigados e curiosos. O senhor Jair revelou detalhes destes acontecimentos:

Antigamente elas [as mulheres] usavam uma roupa mais tapadinha, eram uns macacõezinhos, hoje em dia é que elas andam quase peladas. As mulheres daqui não usavam, só as que vieram de fora. Se as (mulheres) daqui usassem iam ver só o que aconteceria com elas. Vou te contar uma parte. Quando a mulher do Dino passava de maiô, que foi o primeiro gaúcho lá de cima, os pescadores ficavam só assim (olhando) as pernas dela

¹⁷ RIBEIRO, João Jair. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 10 de julho de 2013. Entrevista.

como eram, pois nunca tinham visto pernas de ninguém, só os que eram casados, e olhe lá. As mulheres daqui só iam na praia levar um cafezinho para o marido, iam pegar siri pintado, marisco. Nossas mulheres não tomavam banho de mar e nem de lagoa, nem de noite e nem de dia. A moda de tomar banho de mar e pegar sol veio com os gaúchos, minha filha¹⁸.

Sobre a chegada dos *hippies* em Garopaba e as estranhezas por eles provocadas, temos ainda o depoimento do falecido Adílio Inácio de Abreu, que foi vereador por dois mandatos, de 1963 a 1973, e prefeito de Garopaba entre 1977 a 1983:

Os hippies faziam de tudo por aqui. Eles chegavam e acampavam em qualquer lugar, em frente à sua casa, faziam o que queriam. Criei a lei de camping e foi aquela briga. Os jornais da época noticiavam que o prefeito de Garopaba era contra o turismo; o Correio do Povo e a Zero Hora, que era a que mais ‘castigava’. Na Avenida dos Pescadores era um acampamento só. Amanhecia a praia entulhada de coisas. Mas eu só queria pôr ordem, fazer um turismo ordenado¹⁹.

Apesar de todas as transformações trazidas pelo turismo, os garopabenses procuram ainda manter sua cultura, como festa do divino espírito santo, quermesse, tapete de Corpus Christi, festas juninas entre outras festividades embora estas já tenham sofrido atualizações. Os visitantes desfrutam de suas belezas naturais, da simplicidade de sua gente bem

¹⁸ Idem.

¹⁹ ABREU, Adílio Inácio de. **Entrevista cedida a Carmem Luíza Sant’Anna Pires**. Garopaba, 11 de agosto de 2011. Entrevista.

como dos requintes proporcionadas por uma estrutura de alto padrão (os que podem pagar!). Vilson Francisco de Farias (2000, p. 256) destaca que “As belezas naturais paisagísticas, representadas pelas praias, lagoas, dunas e pontas tornam Garopaba um dos balneários mais procurados do sul do Brasil”.

Como se percebe nas falas supracitadas, entre as décadas de 1960 e 1970, os *hippies* invadiram Garopaba, porém, ao que parece, era um tipo de turismo que não agradava muito, já que não trazia recursos financeiros, pois os *hippies* formavam uma ‘tribo’ alternativa, preocupada em viver os *slogans* da época: paz e amor em harmonia com a natureza. Mas, Garopaba foi ‘descoberta’ por outro tipo de visitantes, dentre eles o já mencionado Manfredo Hübner e seus amigos jornalistas de Porto Alegre.

Eu vim para Garopaba em janeiro de 1967, fotografei Garopaba e levei as fotos para meu amigo jornalista, Luiz Ribeiro Pires, que trabalhava no jornal Correio do Povo e na Folha da Tarde, no Rio Grande do Sul. Em seguida os gaúchos começaram a vir. Eles compravam o jornal e perguntavam: Manfredo, onde fica isso? Era uma atração ler aqueles artigos escritos sobre Garopaba, batia a curiosidade para conhecer. Eles não foram para Imbituba ou para Laguna, eles vieram para Garopaba, porque, tinham uma meta, conhecer o lugar daquelas fotos. Foram publicadas muitas fotos. Por isso eu falo: foi eu um dos elos de ligação com as mudanças de Garopaba. Eu levava as fotos e meu grande amigo, que tinha uma habilidade incrível, escrevia e logo publicava. Circulavam muitos jornais, alguns foram até para São Paulo, e outros lugares. Por isso os primeiros a conhecerem Garopaba foram os gaúchos, isso não quer dizer que Garopaba é uma praia gaúcha ou é dos

gaúchos. Depois dos turistas gaúchos, paulistas foram vindo para todas as praias do litoral²⁰.

Quanto a esta descoberta de Garopaba pelos leitores dos jornais de maior circulação na grande Porto Alegre, é importante mencionar as reflexões tecidas por Damázio (2011):

Se os primeiros “veranistas” eram despreziosos, movidos pelo espírito aventureiro inspirado no modo de vida *hippie* em moda naqueles primeiros anos da década de 1970, os que vieram depois já tinham olhar empreendedor. Enquanto as terras eram dos nativos, todos podiam passar, afinal eram caminhos antigos, respeitados pela organização social local. Só que essa lógica perdeu espaço para as até então desconhecidas cercas de arame farpado. “As extremas de terras eram feitas de gravatá, ou por um valo, era assim”, segundo as palavras do Senhor Francisco Berto Teixeira. (DAMAZIO, 2011, p. 57).

Nesse sentido, é bastante pertinente a fala do pescador Maurício dos Passos, quando se refere à venda das terras localizadas em frente ao mar, na atual Avenida dos Pescadores, no Centro de Garopaba. É nítido seu ressentimento quando diz que as pessoas foram iludidas ao venderem suas propriedades:

Não, eles não venderam, foram iludidos. As pessoas foram vindo para Garopaba e quando começaram a chegar, teve muita gente se iludindo e o que mais iludiu essas pessoas foi a

²⁰ HÜBNER, Manfredo. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 19 de junho de 2013. Entrevista.

poupança, muita gente negra vendeu suas casas e foi embora, se iludiram. As terras da praia eram das pessoas negras e brancas, tinha muita gente preta. As famílias negras que viviam aqui eram do Pântano do Sul, a família do Altamiro, que até lojinha de fazenda teve. As terras na praia eram terras grandes, mas não tinha valor. Por não ter valor muita gente de Garopaba se perdeu. Eu comprei uma casa na praia, onde é o camping do Jovino, a casa ficou dentro do camping, era uma casinha de madeira velha, ficou dois anos dentro do camping. Eu escutava eles dizerem assim: Maurício eles não vão mais dar a sua casa, eu dizia: eles dão a casa sim. Ai o irmão da Dona Olíria veio e disse: Maurício quer vender sua morada, sua casinha que está lá dentro do camping e eu disse que queria 200 milhões, ele disse: Maurício é muito caro, eu dou 60 milhões pela sua morada. **Eu disse que não tinha comprado uma casa dentro do camping, vocês que fizeram um camping e deixaram a minha casa dentro e pra vocês tirarem minha casa de lá vocês tem que me botar num terreno, eu quero uma casinha e um terreno para morar, aqui no centro de Garopaba. E lá vocês não mexem numa telha da casa que é minha, que está dentro do camping.** [exaltado] Aí o Jovino me chamou e disse que fazia uma casa aqui no centro de Garopaba, atrás do posto de saúde, foi uma casa de madeira, uma das primeiras casas que tinha banheiro foi a minha. Ai eu aceitei, pois para a época eu saí ganhando no negócio²¹.

A situação vivenciada em Garopaba começou a ser desenhada pelos interesses do turismo e a lógica capitalista

²¹ PASSOS, Maurício dos. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 09 de julho de 2013. Entrevista.

tornou-se a propulsora de todas as ações. Brancos, negros e pobres foram vítimas da astúcia dos empreendedores visionários que ora aportavam na cidade. Como bem lembra Manfredo Hübner:

Muitos chegaram e trataram logo de comprar uma área de terra para construir uma casa. As pessoas foram rapidamente desalojadas, por venderem suas terras muito barato, como eles nunca tinham dinheiro nas mãos, aí chegavam esses gaúchos espertos e compravam o chão das casas deles, levando-os a morar em outros lugares do município²².

Assim, aconteceu com grande parte das pessoas que moravam em frente à praia ou próximo a ela, venderam ou trocaram suas terras por pouco dinheiro ou carro de pouco valor. Porém, esse tipo de episódio não aconteceu somente em Garopaba, mas em quase todos os municípios do litoral catarinense, como por exemplo, na Praia do Rosa, no vizinho município de Imbituba. Segundo Damázio (2011):

Quando os primeiros “gaúchos” ou “veronistas”, como foram chamados, chegaram, um mundo novo foi apresentado aos nativos: máquinas fotográficas, rádio e televisão a bateria, fogareiro a gás, foram algumas das muitas novidades que viriam. Apesar do estranhamento, os nativos simpatizaram com os veranistas, pois esses, mesmo sendo “gente rica”, da cidade, se alojavam em barracas ou nos engenhos e não tinham luxo com a comida. (p. 84).

²² HÜBNER, Manfredo. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 19 de junho de 2013. Entrevista.

Aos poucos, os nativos se transformaram em mão de obra barata e os negócios dos estrangeiros prosperaram. Hoje, a economia local depende praticamente do turismo. Ainda existem os que resistem ao progresso e insistem em viver da pesca e da agricultura, mas está cada vez mais difícil de manter essas atividades, já que as terras são escassas e o mar e a lagoa se tornaram locais de disputas entre pescadores artesanais, surfistas, praticantes de outros esportes, além de esgotos e dejetos. Mesmo assim, a pesca artesanal da tainha e da anchova continua a acontecer.

A pesca por muito tempo foi à principal fonte de renda e sustento da maioria das localidades litorâneas, não só em Santa Catarina. O Senhor Jair João Ribeiro falou sobre a pesca artesanal tradicional de Garopaba e das dificuldades enfrentadas quando dependiam quase que exclusivamente da atividade para viver, principalmente quando ‘batia uma nortada’²³:

Tinha muito peixe, nossos pais, avós, bisavós, daí pra fora, então chegavam com uma carrada de peixe aqui na praia, a redinha deles era bem pequena, nós pescávamos com uma redinha de 400 braças. As lanchas levavam gente para Florianópolis, carregada de farinha, aqui quando dava vento sul eles colocavam uma vela, ia para Florianópolis, levar farinha, peixe escalado, levavam tudo. Quem escalava esse peixe era o Dedê. O seu Dedê tinha uma salga, eram assim: ele comprava nosso peixe, mas quando dava uma nortada, a gente ia lá e buscava o mesmo peixe que ele tinha comprado e vinha comer em casa, ele dava o mesmo peixe

²³ Período de quinze dias a um mês, aproximadamente, quando o vento sopra com força da direção norte, impossibilitando os pescadores de saírem para o mar. Ainda é comum as pessoas nativas usarem o termo ‘nortada’.

que comprava, ele era muito bom, mas a mulher dele era muito braba. Ele mesmo comprava e depois dava, pois ele era muito bom não podia ver as pessoas passar fome. Quem escalava e botava no sol era a Gardina mais umas cinco ou seis mulheres²⁴.

Embora houvesse momentos em que os pescadores dependiam da boa vontade alheia, como a demonstrada por Seu Dedê ou Victor Carlos Nauck, dono de uma salga na antiga vila de pescadores, tal qual mencionou Jair João Ribeiro, a pesca até a década de 1980 era quase sempre farta, como ilustra a figura 07:



Figura 07: Lanço de peixe na praia de Garopaba, na década de 1970.

Fonte: Manfredo Hübner.

Ano: 1970.

Local: Garopaba - SC.

²⁴ RIBEIRO, João Jair. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 10 de julho de 2013. Entrevista.

Importante destacar que Seu Dedê foi um dos primeiros empreendedores de uma Garopaba notadamente pesqueira e agrícola, isso por volta do período que compreende dos anos 1930 a, aproximadamente, 1960. Vitor Carlos Nauck, neto de Seu Dedê, falou com entusiasmo sobre o avô:

Seu Dedê era um visionário, conta o neto Vitor. Ele chegou aqui como soldado e nas horas de folga tratou de fazer negócio: comprou uma canoa a vela, e naquela época de cação abundante, pegava e vendia cação; e ovos de galinha e peru, que eram criados ali no Ferraz; vendia as mercadorias no Mercado Público. Muitas vezes, porém, seu Dedê perdia o serviço na polícia porque o transporte era por mar: com o vento Sul, as embarcações rumavam para a capital Florianópolis e com o nordestão retornavam a Garopaba. Como os negócios começaram a prosperar, ele deixou a Polícia Militar, e começou a comprar toda a produção de peixe, ovos, farinhas, enfim, tudo que pudesse ser comercializado. Tinha também um beneficiamento de arroz, criação de porcos, engenho de farinha, chegando a ‘exportar’ mercadorias de Garopaba para o Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro²⁵.

Em função da mídia atualmente destacar as praias, como Ferrugem, Silveira e Centro, fica a impressão de que o município se reduz à orla marítima. Mas deve-se considerar que Garopaba, como os demais municípios do litoral, é constituída por localidades onde moram pessoas que têm formas de viver repletas de similitudes como também de diferenciações.

²⁵ NAUCK, Vitor Carlos. **Entrevista cedida a Carmem Luíza Sant’Anna Pires**. Garopaba, 01 de fevereiro 2013. Entrevista.

Com a divulgação da cidade de Garopaba e a efetivação do turismo durante e após a década de 1980, houve uma gradual transformação do lugar em cidade turística e isto ocorreu reproduzindo ou exacerbando características semelhantes às demais cidades brasileiras: crescimento desordenado e convivência simultânea de modernização e pobreza. Atualmente, o turismo representa uma das maiores fontes de renda, sendo objeto de investimentos públicos de ordem municipal²⁶. O incentivo cada vez maior ao turismo em Garopaba vem criando um novo discurso de exportação de imagens a ser propagadas e absorvidas para consumo, principalmente entre os habitantes do centro sul do país. A ampliação da rede de hotéis e pousadas e a oferta de serviços respondem a uma fase atual da cidade, marcada por diversificação de atividades e oferta de bens de lazer e cultura.

Nesse viés, duas perspectivas de apresentação da cidade marcam essa dinâmica: a história da cidade, com seus costumes e tradições, e a natureza exuberante, com destaque para as praias, tendo como pano de fundo o título de ‘Capital Catarinense do Surf’. Enquanto a primeira remete ao esforço de ‘reinvenção’ dos costumes, tradições e valores, a segunda propõe uma espécie de paraíso, fortalecido na visão de uma região privilegiada por belezas naturais. Garopaba é banhada por diversas praias, lagoas, cachoeiras, além de possuir belos costões e dunas. Assim, para apresentar parte da Garopaba, faremos uma caminhada historiográfica pela região, tendo por base as oito praias que lhe deram a fama de ‘paraíso’ do

²⁶ Os Dados de 2010, apontam que a renda per capita dos cidadãos garopabenses gira em torno de R\$ 12,5 mil. O setor de serviços, especialmente os ligados ao turismo, tem a maior contribuição na economia local (64,8%). IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo demográfico: resultados preliminares – Santa Catarina; 2010 Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=420570&idtema=103&search=santa-catarina|garopaba|produto-interno-bruto-dos-municipios-2010.>> Acesso em: 21 mar. 2014.

turista: Gamboa, Siriú, Garopaba (Centro), Vigia (Preguiça), Silveira, Ferrugem, Barra e Ouvidor. (Figura 08).



Figura 08: Mapa das praias de Garopaba - SC.

Fonte: www.gsurf.com.br.

Edição: Própria da autora.

A praia da Gamboa localiza-se no extremo norte do município (Figura 09) e para chegar ao local o acesso é por uma estrada vicinal (15 km), que parte do Centro da cidade ou através da BR 101, entrando no município de Paulo Lopes. No percurso avistam-se lindas paisagens, como a Serra do Tabuleiro. Um dos destaques é o alto do morro, antes de chegar à praia, de onde se avista toda a vegetação exuberante. “Os morros da Gamboa chegam a uma altitude de 400 metros, deles descem filetes de água que formam o Siriú”. (BESEN,

1996, p. 09). A população local vive da agricultura, da pesca e do turismo, além disso, muitos trabalham nas imediações da capital catarinense.



Figura 09: Praia da Gamboa - Garopaba - SC.

Fonte: Acervo próprio da autora.

Ano: 2014.

Local: Garopaba - SC.

Continuando a dinâmica de reconhecimento local, chega-se à praia do Siriú (Figura 10), local onde os pais do Senhor Maurício dos Passos, moravam, lugar, em que o Senhor Moriço em seus versos, tem alegria e orgulho de lembrar como o lugar do seu nascimento. Siriú está localizada também ao norte do município, entre as praias da Gamboa e de Garopaba. “As praias do Siriú e de Garopaba estão interligadas por uma pequena elevação rochosa denominada Morrinhos e ambas fazem parte da enseada que deu origem ao nome Garopaba”. (VALENTIM, 2007, p. 09). O acesso é o mesmo da praia da Gamboa, pelo centro da cidade ou pela BR 101.

A estrada da cidade que leva ao norte, deixa transpor magnífico panorama: daí se descortina todas as praias e pontas do Sul até Imbituba, as lagoas, os campos e areias. O Siriú vai ter o mar formado por costões de íngremes ladeiras.” (BESEN, 1996, p 09).

Nesta praia existem restaurantes e pousadas, muito frequentadas por veranistas de todos os lugares do Brasil e do exterior. Há alguns anos a praia do Siriú foi incorporada ao Parque Nacional da Serra do Tabuleiro.

A maior unidade de conservação de proteção integral do Estado foi criada em 1975, com base nos estudos dos botânicos Pe. Raulino Reitz e Roberto Miguel Klein, com o objetivo de proteger a rica biodiversidade da região e os mananciais hídricos que abastecem as cidades da Grande Florianópolis e do Sul do Estado. O Parque Estadual da Serra do Tabuleiro ocupa cerca de 1% do território catarinense. Abrange áreas dos municípios de Florianópolis, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, São Bonifácio, São Martinho, Imaruí e Paulo Lopes. Fazem parte do Parque as ilhas do Siriú, dos Cardos, do Largo, do Andrade e do Coral, e os arquipélagos das Três Irmãs e Moleques do Sul²⁷.

A localidade do Siriú contempla uma lagoa, que se inicia no Macacu e desemboca ao norte da praia. Existe ainda uma cachoeira (Figura 11), com piscinas de água doce, espaços para lazer que atraem muitos visitantes da região e de outros lugares. Na cachoeira são realizados eventos,

²⁷ Governo do Estado de Santa Catarina, FATIMA – Fundação do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.fatma.sc.gov.br>>. Acesso em: 28 mar. 2013.

principalmente na quaresma²⁸, que recebem o público jovem local e das regiões vizinhas.



Figura 10: Praia do Siriú - Garopaba - SC.

Fonte: Acervo próprio da autora.

Ano: 2014.

Local: Garopaba - SC.

²⁸ A Quaresma é o período de 40 dias que se inicia após o carnaval e que na tradição católica deve ser respeitado com abstinência de festas e bailes.

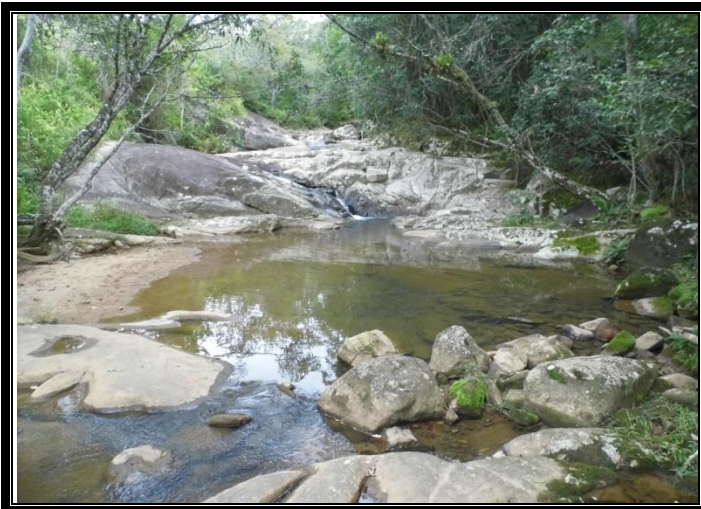


Figura11: Cachoeira do Siriú - Garopaba - SC.

Fonte: Acervo próprio da autora.

Ano: 2014.

Local: Garopaba - SC

A praia de Garopaba - Centro (Figura 12) é a mais movimentada da cidade. Foi nesta praia que os primeiros povoadores de ascendência portuguesa se estabeleceram e onde mais tarde os turistas passaram a frequentar. Atualmente a população da cidade é de aproximadamente 18 mil habitantes, chegando a atingir 150 mil pessoas nos meses de verão, quando se transforma em palco de badalação, surf, esportes radicais, pesca, mergulho, gastronomia e cultura global. A praia é cercada por pousadas, restaurantes, barzinhos e muitas casas para locação.

Importante mencionar que o município de Garopaba tem um plano diretor que impede a construção de prédios e casas com mais de dois pisos, garantindo a ampla visualização da praia. Com isso, o lugar não se transformou em um balneário sufocado por prédios altos. A proposta de

elaboração de tal plano diretor partiu do então vereador Adílio Inácio de Abreu, na década de 1970:

Como presidente da Câmara criei a lei dos dois pisos. Fui criticado. As sessões da Câmara eram cheias e eu briguei muito por essa lei, auxiliado pelo advogado Guido Pacífico. Conseguimos aprovar e o prefeito sancionou a lei dos dois pisos. A salvação da Garopaba está nessa lei ²⁹.

Quem conhece as praias do município valoriza muito o plano diretor da cidade, pois todas as praias são visíveis de longe, do alto dos morros e dos costões, afinal, não há construções altas em frente às praias. No entanto, nos últimos anos, o plano diretor vem sofrendo muitas críticas e há forte pressão dos empreendedores para que seja alterado. O plano diretor deu origem a muitos debates na Câmara de Vereadores e nas diversas associações ligadas à cultura e ao turismo, em geral, encabeçadas por ambientalistas que não aceitam a proposta vigente de permitir a construção de prédios com até seis andares. Atualmente a questão está envolta em processos judiciais em que de um lado estão a maioria dos vereadores e o prefeito e, do outro, os já citados ambientalistas e políticos de esquerda, na sua maioria, pessoas de fora que residem em Garopaba.

²⁹ ABREU, Adílio Inácio de. **Entrevista cedida a Carmem Luíza Sant'Anna Pires**. Garopaba, 11 de agosto de 2011. Entrevista.



Figura 12: Praia do Centro de Garopaba - SC.

Fonte: Acervo próprio da autora.

Ano: 2014.

Local: Garopaba - SC.

Contornando o morro que aparece na figura anterior chega-se à Praia da Vigia ou Preguiça. O local está repleto de casas de turistas de alto padrão, verdadeiras mansões, onde se pode contemplar a beleza e a tranquilidade da pequenina praia, conforme ilustra a figura 13:



Figura 13: Praia da Vigia ou Preguiça – Garopaba - SC.

Fonte: Acervo próprio da autora.

Ano: 2014.

Local: Garopaba - SC.

Enquanto a Vigia é pura ‘Preguiça’, as praias da Silveira e da Ferrugem (Figuras 14 e 15) são a própria badalação e aventura. Essas praias são conhecidas, principalmente por possuírem, na opinião dos entendidos, ondas perfeitas para a prática do *surf*.



Figura 14: Praia da Silveira - Garopaba - SC.

Fonte: Acervo próprio da autora.

Ano: 2014.

Local: Garopaba - SC.

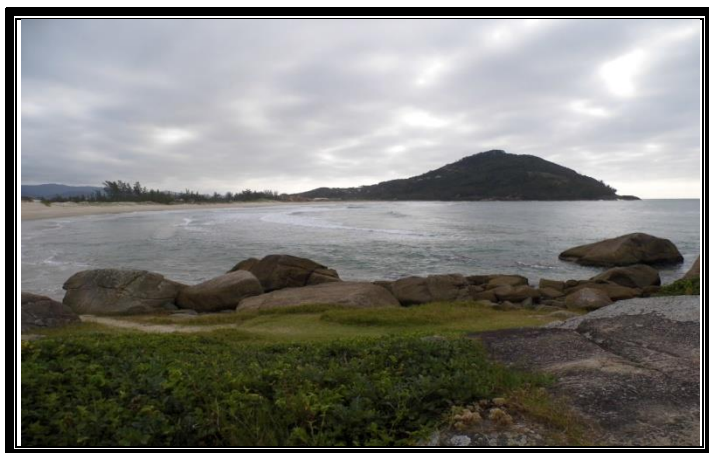


Figura 15: Praia da Ferrugem - Garopaba - SC.

Fonte: Acervo próprio da autora.

Ano: 2014

Local: Garopaba - SC.

As duas praias possuem pousadas, casas de aluguel além de casas noturnas e diversos bares. A Ferrugem é onde a noite acontece em Garopaba, é palco de festas diárias durante a temporada de verão; é a praia preferida dos turistas argentinos. Mas se no verão a Ferrugem é o *point*, no inverno volta a ser a pacata comunidade do Capão, nome do bairro em que a praia está localizada. Em função da movimentação do verão, o acesso do Centro à praia foi asfaltado há cerca de quatro anos, intensificando a visitação.

A Praia da Barra da Encantada também possui paisagem singular, sendo uma praia bastante procurada por famílias que têm crianças. Ela possui uma grande faixa de areia, possibilitando brincadeiras diversas e espaço para acomodação de cadeiras e guarda-sóis. O encantamento maior fica por conta do canal da Lagoa da Encantada que desemboca na praia. A Barra do Capão, como é conhecida, é geralmente segura para crianças e adultos, pois não tem correnteza e a profundidade é adequada para banhistas. Ou seja, enquanto os pais conversam e curtem a praia, seus filhos podem brincar em relativa segurança.

Devemos destacar que na Barra da Encantada existe um importante sítio arqueológico onde é possível conhecer uma extensa oficina lítica (Figura 16). Lembramos, que em outras praias de Garopaba também existem vestígios pré-históricos: O município de Garopaba possui muitos sítios arqueológicos que contam a história da população mais antiga da região através dos seus vestígios, como oficinas líticas, inscrições rupestres, e o sambaqui.



Figura 16: Oficina lítica, no Sambaqui de Garopaba.

Fonte: Acervo próprio da autora.

Ano: 2010.

Local: Praia da Barra da Encantada - Garopaba - SC.

No extremo sul do município de Garopaba existe a Praia do Ouvidor (Figura 17), distante 15 km do Centro. O Ouvidor é uma praia que apresenta uma característica bastante específica: a praia é, majoritariamente, frequentada por moradores locais e das imediações. As pessoas da região mostram-se muito à vontade em frequentar essa praia, que acabou se tornando um local de encontro de amigos. Geralmente, aos sábados e domingos, as famílias se reúnem sob as árvores para fazer um churrasco ou um piquenique. É comum que as churrasqueiras sejam feitas das próprias pedras do costão em torno do qual as famílias reunidas bebem e se divertem. Tal comportamento gera certo estranhamento aos estrangeiros, que a classificam como praia da ‘farofa’. Porém, para os habitantes locais o Ouvidor é a praia dos amigos.



Figura 17: Praia do Ouvidor - Garopaba - SC.

Fonte: Acervo próprio da autora.

Ano: 2014.

Local: Garopaba - SC.

Um fator pertinente a ser mencionado é o incipiente turismo de inverno. A proposta de trazer turistas para a cidade na baixa temporada ancora-se na avistagem das baleias francas (Figura 18) que aparecem de julho a novembro no litoral sul catarinense. Garopaba é considerada como paraíso ou berçário natural para as baleias que amamentam seus filhotes nos seus primeiros meses de vida para daí partir em viagens mais longas. Se em outras épocas a baleia foi fonte de renda através de sua morte para a obtenção de óleo e, por isto, quase extinta, hoje se apresenta como atrativo turístico que exalta a vida, embora já existam atritos entre os que defendem que a observação das baleias deva acontecer por terra e outras pessoas que defendem a avistagem pelo mar.



Figura18: Baleia Franca na Praia do Centro, Garopaba - SC.

Fonte: www.praiaorosa.com.br

Local: Garopaba - SC

Ano: 2013.

Assim, pensamos ter dado conta de apresentar aspectos gerais do município de Garopaba, muito embora tenhamos deixado muitas particularidades de fora, tal qual a “densidade” do cotidiano das pessoas que vivem nos diferentes lugares apresentados.

2 A PRESENÇA DOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES EM GAROPABA E SEUS ARREDORES

O capítulo que ora apresentamos tem a perspectiva de conhecer o modo pelo qual os africanos e afro-brasileiros se inseriram no processo que transformou Garopaba – uma singela vila de pescadores em um pólo turístico. No entanto, nosso propósito maior é evidenciar as contribuições dos grupos em questão no desenvolvimento da cidade. Os afro-brasileiros têm visibilidade dentro da dinâmica sócio histórica do município? Conseguem representatividade em nível municipal? Será, de fato, que Garopaba é um reduto luso-brasileiro? Em quais atividades os afro-brasileiros se destacam?

Evidentemente, em um trabalho nas dimensões de uma dissertação, não é possível inventariar toda participação dos afro-brasileiros na dinâmica sócio histórica de Garopaba, pois tal empreitada exigiria um tempo mais extenso e um estudo mais profundo, principalmente em relação à pesquisa documental (certidões de diferentes naturezas, documentos de terra, de compra e venda de escravos, do comércio naval com Florianópolis, entre outros), enfim, uma gama de documentos que o exíguo tempo em questão não permite que seja interrogados e analisados adequadamente.

Nossa preocupação maior volta-se para a visibilização do papel desempenhado pelos quilombolas dentro da dinâmica social e cultural do município. Buscamos, portanto, evidenciar a presença dos afrodescendentes na cidade, reconhecida por muitos como tipicamente luso-brasileira. Nesse viés, temos a intenção de desmistificar a majoritariedade da cultura luso-brasileira em Garopaba, uma vez que, como veremos, não foram somente os braços brancos que deram vida ao lugar: a pesca, a agricultura, o comércio e atualmente o turismo aconteceram e acontecem através da junção de forças de todo

o povo de Garopaba e não somente do grupo de ‘remanescentes açorianos’.

Contudo, nas obras existentes sobre a História de Garopaba, a presença afro-brasileira é pouco representativa, excetuando-se, evidentemente, as obras em que a temática quilombola é o pólo principal. Assim, como já citado anteriormente, o livro de Besen (1980), traz fragmentos indicativos de que os luso-brasileiros quando vieram povoar Garopaba já traziam consigo um grupo de afro-brasileiros, naquele momento, na condição de escravos. Essa também é a situação colocada por Valentin (1994 e 2007); Bitencourt (2003 e 2005).

São encontrados nessas obras registros da presença das populações de origem africana na história da cidade de Garopaba, que aparecem juntamente com os primeiros portugueses que aqui chegaram. Os africanos e afrodescendentes eram então a mão de obra responsável pelas atividades da armação baleeira e demais atividades realizadas no município. Assim, as populações de origem africana, embora por vezes invisibilizadas na maior parte da historiografia sobre a cidade de Garopaba, representavam uma parcela bastante significativa dos habitantes do lugar. De acordo com Carvalho (2011, p. 32):

Em Garopaba, no século XIX, a presença escrava constituía quase 20% da população total, sem contar os inúmeros africanos e afrodescendentes libertos. Segundo dados de Léonce Aubé (1861, *apud* PIAZZA, 1975), em 1856, a freguesia apresentava população distribuída em 2.254 homens livres e 398 escravos.

No livro didático de Farias (2011), consta a presença dos afro-brasileiros de forma diferenciada, revelando a

existência dos Quilombos Morro do Fortunato e Aldeia, indicando o quanto a cultura desses grupos é rica e diversificada, bem como sua imbricação com a cultura dos luso-brasileiros, tida como protagonista. Na obra de Passos (2012), desenvolvida no gênero textual poesia, a presença dos afro-brasileiros encontra-se dentro do contexto, sem distinção. Porém, num olhar mais apurado, identifica-se traços culturais luso-brasileiros integrados ao costumes afro-brasileiros, como podemos conferir nos versos abaixo:

Se Deus lhe der um caminho
 Pra carregar uma cruz
 Você vai seguir contente
 Pois tá recebendo a luz
 Pode crer que é chamado
 No coração de Jesus.
 (...)
 Eu nasci em Garopaba
 Natural deste lugar
 Pois nunca aprendi a ler
 Por isso vivo a pescar
 O que trago prá comer
 É um presente do mar.
 (...)
 Sou filho de Pai de Santo
 Rezo prá Deus toda hora
 Quando eu saio pro serviço
 Ou quando eu vier embora
 Que um anjo me acompanhe
 Junto com a nossa Senhora. (PASSOS, 2012,
 p. 25)

Sem dar enfoque nem caracterizar como cultura afro-brasileira, o autor indica sua filiação aos cultos africanos, dizendo-se “filho de Pai de Santo”, porém também faz referências à religião católica, vinda com os europeus, quando se refere à proteção de Deus, Jesus e Nossa Senhora. Evidentemente, sua fala é permeada pelas características

culturais do lugar onde sempre viveu – Garopaba, uma cidade como outras tantas do litoral brasileiro, marcada pelo multiculturalismo.

No entanto, na maioria das obras sobre a História de Garopaba, como já afirmamos, os afro-brasileiros têm pouco destaque. Essa tendência a invisibilizar a presença dos africanos na história foi recorrente, no entanto, a situação tem mudado nos últimos anos e a temática vem sendo contemplada em diversas pesquisas. Por muito tempo, a historiografia catarinense não permitiu que as populações africanas ocupassem lugar significativo na história do Estado, todavia, essa presença foi bastante representativa. Segundo Fernando Henrique Cardoso (2000, p. 107), “a população da província de Santa Catarina em 1866 possuía, segundo a condição jurídica, 104.459 pessoas livres e 14.722 escravos (cativos)”. Com isso, pode-se constatar que a presença de africanos e afrodescendentes na província era considerável.

Outra constatação substancial pertinente à presença de africanos e afrodescendentes no estado e, principalmente, no litoral catarinense, se encontra na obra de Fernando Henrique Cardoso e Octavio H. Ianni, de 1960. Os autores enfatizam que: “a maior concentração destas populações se dava no litoral, principalmente na Ilha de Santa Catarina”. (CARDOSO E IANNI, 1960, p. 30). As informações em foco apontam que a presença africana no estado e no litoral foi expressiva e necessária para a construção das estruturas urbanas e rurais de Santa Catarina. Mas não podemos ignorar que a maior parte das bibliografias referentes à colonização e formação do estado de Santa Catarina foi delineada a partir de um olhar ‘europeizado’, desconsiderando a presença marcante dos africanos e afro-brasileiros nesse território. Segundo Paulino Francisco de Jesus Cardoso “a importância da escravidão africana, coisifica cativos e libertos, e tem contribuído para a invisibilidade das experiências africanas” (CARDOSO, 2008, p. 21).

Através dos depoimentos, verificou-se que no município de Garopaba existiu e existe a presença afro-brasileira. A participação e contribuição de tais populações nos âmbitos social, cultural e político de Garopaba ainda é muito viva nas memórias dos depoentes. Dito de outra forma, a participação dos afro-brasileiros não se restringiu somente à mão de obra, como costuma ser apregoado. Em Garopaba, muitos afro-brasileiros se tornaram proprietários de seus negócios, como, “Pedro Martinho, filho do Manoel Fortunato, que se tornou proprietário de uma loja aqui em Garopaba e o Altamiro que também botou uma loja de fazenda aqui em Garopaba”³⁰.

No âmbito político, destacamos a contribuição de dois vereadores afro-brasileiros: o Senhor Sebastião Messias de Souza, eleito em 1973, morador da chamada Cancha, hoje Avenida dos Pescadores, e o Senhor Maurílio Machado (Figura19), eleito em 1996, morador da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato, eleitos não somente pelos votos dos cidadãos afro-brasileiros, mas da comunidade garopabense de modo geral. Segundo o Senhor Maurílio Machado, “nossa comunidade trabalhou muito para me eleger, mas eu tive voto em quase todas as urnas do município, votos de muitos brancos que acreditavam e acreditam em mim”³¹.

³⁰ PASSOS, Maurício dos. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 14 de maio de 2013. Entrevista.

³¹ MACHADO, Maurílio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 16 de fevereiro de 2013. Entrevista.



Figura 19: Maurílio Machado.

Fonte: acervo pessoal da autora.

Ano: 2013.

Local: Sua residência, Morro do Fortunato - Garopaba - SC.

Apesar de as referências bibliográficas que contemplam a cidade de Garopaba terem dado pouca visibilidade à população africana presente no município, fica evidente que os afro-brasileiros marcaram essa história, não só com a mão de obra, como é costumeiro referendarem, mas, principalmente, com trabalho, luta, persistência e participação no crescimento local. Percebe-se que os afro-brasileiros de Garopaba estão dentro do processo de transformação da vila de pescadores em cidade turística e que esta participação não foi subalterna, ao contrário, conseguiu obter espaço, conquistando lugar de destaque na política, sem dúvida uma conquista bastante emblemática no modelo social ao qual pertencem.

Na perspectiva de localizar geograficamente a presença africana em Garopaba, apresentamos os primeiros núcleos residenciais do município. O que hoje é o Centro Histórico já foi conhecido como Vila ou Freguesia - local onde moravam as pessoas com maior posse, em sua maioria ‘brancos’. A orla marítima era conhecida como Cancha – um pequeno vilarejo de africanos/afro-brasileiros e brancos que viviam da pesca. Esse vilarejo constitui-se sobre terras pouco valorizadas, dunas e encostas de praias castigadas por ressacas e fortes ventos – a famosa ‘nortada’ que cobria toda a região de areia nos meses de agosto e setembro. Por serem terras devolutas, essas populações, desprovidas de recursos, podiam construir seus casebres e viver dos recursos marítimos. Atualmente, a Cancha é denominada Avenida dos Pescadores e possui o metro quadrado mais valorizado do município.

No sentido Sul, encontram-se as localidades de Prainha, Silveira, Capão, Palhocinha, Encantada, Ressacada, Campo D’Una e Grama. Dentre estas localidades, depoimentos indicam a presença de escravos em duas delas: no Morro da Encantada e na Grama, mais especificamente na Praia do Ouvidor. A Senhora Santina da Silveira Teixeira (83) anos, nos informou que:

Meu pai Agripino da Silveira nascido em 1888, ano da abolição da escravatura, dizia que meu avô Manoel José da Silveira nascido em 1862, contava para ele, que conheceu e frequentava os engenhos desses homens brancos e ricos. Na Encantada tinha o engenho do seu Luiz Pereira, que tinha em sua propriedade 18 escravos. E no Ouvidor tinha o seu Manoel Pires, que tinha 25 escravos³².

³² TEIXEIRA, Santina da Silveira, **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 17 de maio de 2013. Entrevista.

A Senhora Santina, nesta mesma entrevista, relacionou o nome da referida Praia – Ouvidor, à presença de escravos na região Sul de Garopaba. Vejamos, de acordo com a entrevistada, a que se deve tal nomenclatura:

Seu Manoel Pires dono dos 25 escravos, morador e dono de uma propriedade com um engenho no Ouvidor, plantou um tronco de madeira bem grande no alto do morro na praia e colocou um sino com um badalo. Esse sino era para chamar os pretos que estavam trabalhando no Morro da Encantada na plantação da mamona, que era para produção de óleo para iluminação da sua casa. Na hora da janta como era chamado naquele tempo, hoje é almoço, o velho Manoel Pires mandava bater o ouvidor [sino] para chamar os negros para a janta³³.

Sabe-se então, que o nome Praia do Ouvidor, segundo o depoimento da Senhora Santina, tem ‘origem’ no sino tocado para chamar os escravos, ou seja, o ‘ouvidor’ era o meio de comunicação entre a ‘Casa Grande’ e os escravos dispersos nas plantações mais distantes. Dona Santana, como é conhecida a Senhora Santina da Silveira Teixeira, destacou que conhece tais questões por ter crescido numa época em que havia tempo para conversar, pois eram longas as jornadas nas roças e nos montes de mandioca a serem raspadas para produzir a farinha. “Me criei na roça, colhendo lavouras com meus pais, meu pai contava para nós essas histórias. Segundo meu pai, o meu avô contava que muitas vezes ouviu o sino bater e foi nesse engenho”³⁴.

Interessante destacar que esta é uma versão que podemos chamar de inédita (em termos historiográficos) no

³³ Idem

³⁴ Idem.

que se refere ao nome Praia do Ouvidor, já que até então a versão recorrente e oficial é a dada por Manuel Valentim (2007), que relaciona ouvidor a uma pedra em formato de ouvido existente no costão da praia e faz especulações que ligam o nome ao cargo de um ouvidor.

Alguns moradores da localidade dizem ser devido a uma pedra em forma de orelha, ouvido, existente no costão. Em minha concepção este nome teria sido dado em homenagem a um ouvidor, autoridade ouvinte no tempo das demarcações de terras. Os donatários entregavam as terras aos cuidados de um juiz, ouvidor. (VALENTIM, 2007. p. 198).

Ainda referendando as localidades do Sul do Município de Garopaba, não podemos deixar de destacar um dos *locus* da pesquisa – a Comunidade Quilombola Aldeia, que faz parte da localidade do Campo D’Una e hoje, como prefere um de seus moradores e líderes – Manoel dos Passos Matias Pereira, é denominada Quilombo Aldeia. Para ele: “Chamar de Quilombo Aldeia fortalece a ideia de grupo, dá mais visibilidade, é um nome mais forte”³⁵.

Percorrendo o do Sul do município de Garopaba, ressaltamos a importância que os africanos e seus descendentes tiveram na constituição dessas localidades, tornando-se donos de propriedades e participando do desenvolvimento político, econômico e social. Segundo a Senhora Santana da Silveira Teixeira (83 anos):

O escravo Gregório Pires, que ficou com o nome do seu senhor, Manoel Pires, dono do

³⁵ PEREIRA, Manoel Matias. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 25 de agosto de 2012. Entrevista.

engenho do Ouvidor, depois da abolição da escravatura tornou-se dono de uma grande área de terra na Ibiraguera e casou-se com a Sinha³⁶ Sebastiana, tiveram vários filhos: Justina, Tomázia, Paulina, José, Serafim e Fermínia. Sua mulher, Sebastiana tinha uma profissão muito respeitada e solicitada, era parteira, atendia por toda comunidade da Ibiraguera, Grama, Limpa, Campo e D'Una. Nessa propriedade atualmente ainda existe os descendentes do escravo Gregório Pires. Essas famílias vivem atualmente alugando suas casas para as pessoas que vem de fora para a Praia do Rosa³⁷.

Através dessas entrevistas, fica evidente a participação dos afro-brasileiros em diferentes situações de convívio social, pois não foram raras às vezes em que mulheres brancas tiveram seus partos assistidos pela Senhora Sebastiana, mulher negra, parteira, que salvou muitas delas da morte, operando seus saberes e conhecimentos em partos. A Senhora Santina da Silveira Teixeira complementou: “Quando não tinha mais jeito, quando as mulheres iam morrer com outra parteira, logo gritavam: chamem a *Sinha* Sebastiana, que era a única que sabia o que fazer”.³⁸ Tal situação indica o quanto de conhecimentos os africanos trouxeram dos diferentes lugares do continente que habitavam.

Em entrevista realizada durante a elaboração do trabalho de conclusão do curso de História, entrevistamos o Senhor Antônio Manoel Antônio Lemos, na época com 76 anos. Em tal entrevista, ele nos contou detalhes da presença

³⁶ Na região de Ibiraguera e Garopaba é comum chamar-se as senhoras mais velhas de Sinha (sem acento), diferente de Sinhá (com acento), que era a forma pela qual os escravos se dirigiam as Senhoras.

³⁷ TEIXEIRA, Santina da Silveira, **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 17 de maio de 2013. Entrevista.

³⁸ Idem

africana no Sul do município de Garopaba. Relatou o que sua mãe, Rita Martinha Joana, dizia sobre a propriedade do Senhor Luiz Pereira, senhor de escravos no Morro da Encantada: “Havia a casa grande, um engenho de açúcar e um engenho de farinha de mandioca e nos fundos do terreno casebres de pau a pique onde moravam os negros e suas famílias”³⁹. Na mesma entrevista, sua esposa, Maria Eugênia Pereira Lemos, 70 anos completou: “Os escravos eram obrigados a trabalhar em tudo o que o dono mandasse, essa exploração que os africanos passavam era vista pelos vizinhos do lugar”.

Em relação à exploração dos escravos do Senhor Luiz Pereira da Encantada, a Senhora Santina da Silveira Teixeira (83 anos), também relatou:

Meu pai contava para nós, que o Senhor Luiz Pereira da Encantada era tão ingrato, que tinha a coragem de fazer seus escravos levá-lo até Vila Nova na Missa. Os escravos cortavam bambú-açú e entalhavam uma rede no meio dos bambus e faziam uma cadeirinha para o Senhor sentar. Quatro escravos levavam o Senhor até a Igreja da Vila Nova para a missa das oito horas da manhã, missa da Nossa Senhora do Rosário⁴⁰.

Procuramos em outros estudos referentes à escravidão no litoral catarinense e não encontramos menção a tal ‘cadeirinha’ que a Senhora Santina aponta como utilizada por escravos da Encantada, em Garopaba – SC, para carregar seu senhor até a ‘distante’ comunidade de Mirim, em Imbituba - SC, que fica a cerca de 20 quilômetros. Não estamos querendo

³⁹ LEMOS, Antônio Manoel. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 25 de maio de 2006. Entrevista.

⁴⁰ TEIXEIRA, Santina da Silveira, **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 17 de maio de 2013. Entrevista.

dizer que o depoimento seja falso, mas que a memória é constituída por diversos elementos que tornam difícil para o depoente distinguir entre o que é ‘verdadeiro’ e o que é ‘mentiroso’. Nesse sentido, Janaína Amado (1995) no artigo intitulado ‘O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral’, tem muito a contribuir.

Outra característica da memória, que a aproxima muito da história, é sua capacidade de associar vivências individuais e grupais com vivências não experimentadas diretamente pelos indivíduos ou grupos: são as vivências dos outros, das quais nos apropriamos, tornando-as nossas também, por meio de conversas, leituras, filmes, histórias, músicas, pinturas, fotografias... Nossas memórias são formadas de episódios e sensações que vivemos e que outros viveram. [...] Às vezes, indivíduos e grupos apropriam-se de vivências antigas, anteriores, experimentadas não apenas por eles ou por seus contemporâneos, mas também por antepassados, por gente que viveu antes deles, em outras épocas. (AMADO, 1995, p. 132 - 133).

Assim, as entrevistas que ajudaram a compor a ‘colcha de retalhos’ relativa aos afro-brasileiros em Garopaba – SC foram utilizadas na acepção de Janaína Amado (1995), sem negligenciar os pressupostos da autora, ou seja, entendendo que os entrevistados podem associar real e simbólico, história e memória e, até mesmo, em algumas situações, a imaginação:

Penso que entrevistas podem e devem ser utilizadas por historiadores como fontes de informação. Tratadas como qualquer documento histórico, submetidas a contraprovas e análises, fornecem pistas e

informações preciosas, muitas inéditas, impossíveis de serem obtidas de outro modo. [...] Inerente às entrevistas, existe, entretanto, uma dimensão simbólica, que os historiadores têm a obrigação de conhecer e estudar, pois faz parte da história. Mediadas pela memória, muitas entrevistas transmitem e reelaboram vivências individuais e coletivas dos informantes com práticas sociais de outras épocas e grupos. A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm. (AMADO, 1995, p. 134 - 135).

E mais, Janaína Amado deixa bem claro que história não é resgate, ao contrário, é um reencontro com o passado através das lentes do presente.

Negligenciar essa dimensão é revelar-se ingênuo ou positivista. Ignorá-la, como querem as concepções tradicionais da história, relegando a plano secundário as relações entre memória e vivência, entre tempos, entre indivíduos e grupos sociais e entre culturas, é o mesmo que reduzir a história a uma sucessão de eventos dispostos no tempo, seccionando-a em unidades estanques e externas; é o mesmo que imobilizar o passado nas cadeias do concreto, do “real”, em que, supostamente, residiria sua “verdadeira natureza”, que caberia aos historiadores “resgatar” para a posteridade. (AMADO, 1995, p. 135).

Com o passar dos anos e a afirmação das leis abolicionistas, o Senhor Luíz Pereira, forçadamente, teve que libertar os seus escravos. Mas, na prática, essa libertação não ocorreu, pois o Senhor Luiz Pereira se aproveitou da situação de dependência econômica em que os afro-brasileiros viviam, mantendo-os presos em função da necessidade que estes tinham de trabalhar para poder viver. Segundo o Senhor Antônio Manoel Lemos:

Sem terras, trabalhavam para o senhor em troca de alimentos, assim ‘compravam fiado’ na venda do Senhor Luiz Pereira e como não tinham dinheiro para pagar, entregavam parte do pouco que produziam e tinham que continuar trabalhando⁴¹.

O Senhor Antônio Manoel Lemos, antigo morador do Quilombo Aldeia, afirmou que: “Mesmo após a Lei Áurea o trabalho escravo continuava, sob disfarce do pagamento com gêneros alimentícios, como: farinha, café, açúcar grosso, considerados de primeira necessidade”⁴². Ao que parece, através deste ‘instrumento de controle’, o Senhor Luíz Pereira ignorou a Lei Áurea e manteve os afro-brasileiros presos sob o seu poder por mais de vinte anos. Com o passar do tempo, algumas das famílias africanas, através dos rendimentos obtidos nas quitandas⁴³, conseguiram pagar suas dívidas e se tornarem livres. É nesse momento da história, início da República, que algumas famílias conseguem se livrar das ‘amarras’ que as prendiam ao antigo senhor e juntam-se às que já habitavam as terras devolutas existentes no Sul de

⁴¹ LEMOS, Antônio Manoel. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 25 de maio de 2006. Entrevista.

⁴² Idem.

⁴³ Venda de produtos agrícolas em pequenas quantidades, tais como ovos, banana, feijão, dentre outros.

Garopaba, mais especificamente na Limpa e no Campo D’Una, originando o grupo que hoje é reconhecido como remanescente de quilombo, a saber, o Quilombo Aldeia.

Para saber mais sobre a presença de africanos e afro-brasileiros no território pertencente ao município de Garopaba, entrevistamos o Senhor Fortunato João Machado (76 anos), morador do Morro do Fortunato. Ele relatou que muitas famílias negras do Morro da Encantada, quando conseguiram a liberdade, foram morar em várias localidades do município. “Aqui nas Areias do Macacu, ainda moram famílias dos pretos que eram lá do Morro da Encantada, que eram escravos do Luíz Pereira. Essa gente é a família da Dona Prudência”⁴⁴.

Percebe-se, assim, que a presença africana aconteceu em todas as direções do município de Garopaba, não somente nas duas comunidades reconhecidas, atualmente, como quilombolas: Aldeia e Morro do Fortunato. É pertinente destacar que, através de laços matrimoniais, compras de terras, terras devolutas, dentre outras situações, as famílias foram se deslocando e formando suas propriedades. Segundo a Senhora Jordina Rita Machado, “a família da Dona Prudência, pertencia ao Senhor Luiz Pereira, da Encantada, Sul do município e que, atualmente, vive nas Areias do Macacu, mais ao norte”⁴⁵.

Destacamos que a Senhora Prudência é artesã, sendo uma das poucas pessoas de Garopaba que domina a arte de fazer esteira de junco e chapéu de palha. Foi a Senhora Jordina Rita Machado, esposa de Fortunato João Machado, quem nos forneceu tal informação: “Ela faz esteira de junco e chapéu de palha pra vender. Vende ali na casa dela mesmo. Às vezes vende até na Feira de Verão em Garopaba”⁴⁶. Como vimos,

⁴⁴ MACHADO, João Fortunato. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 19 de maio de 2012. Entrevista.

⁴⁵ MACHADO, Jordina Rita. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 19 de maio de 2012. Entrevista.

⁴⁶ Idem.

essa arte continua viva nas mãos da Senhora Prudência, o que deixa transparecer a trajetória histórica dos afro-brasileiros em Garopaba.

No Norte do município, em Macacu, Siriú e Gamboa encontramos outro reduto de africanos ou afro-brasileiros, o Morro do Fortunato, que antigamente pertencia à localidade do Macacu e atualmente é chamado de Comunidade de Remanescente de Quilombo do Morro do Fortunato, nosso outro *locus* de estudo. O Morador do Morro do Fortunato, Maurílio Machado, 55 anos, assim define a constituição do grupo: “a origem da comunidade é do tronco mais velho, foi o Fortunato Machado, fundador do grupo, que veio morar aqui com sua mãe Joana e deu um homem muito bom e trabalhador”⁴⁷. Desta forma, reconhecido como desbravador, capaz de transformar as matas do alto do morro em rentáveis plantações de café. Vejamos o que diz Maurício dos Passos (2012):

No Fortunato nasceu
 E ali mesmo cresceu
 Um negro trabalhador
 Este homem que estou falando
 Hoje estou me lembrando
 Que muito dinheiro emprestou
 (...)
 Hoje me lembro quieto
 De quem sou bisneto
 Tem anos, meses ou semana
 Pego à lembrar do bisavô
 Que da minha mãe era avô
 Chamada Joana
 (...)
 Tinha mulher e filha
 Ali formou família
 Ajudou irmão e cunhado

⁴⁷ MACHADO, Maurílio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 16 de fevereiro de 2013. Entrevista.

Não faltava pão na mesa
Tinha ali uma riqueza
O café que foi plantado
(...)
Muitos subiram o morro
Iam lá pedir socorro
Quando ao invés
Na hora que mais precisava
Ele sempre emprestava
Uma nota de mil réis. (PASSOS, 2012, p. 34).

No entanto, cabe refletir sobre a situação narrada por Maurílio Machado e versada por Maurício dos Passos, em relação ao ‘fundador’ do Quilombo Morro do Fortunato, questionando: Seria um menino capaz de ‘desbravar’ a mata sozinho? Pensamos que uma criança que é levada a morar em um lugar isolado, como o Morro do Fortunato, não poderia realizar muitas atividades sem a ajuda de um adulto, no caso, sua mãe, Joana. Essa mulher guerreira, que conseguiu desbravar a mata e criar um filho sozinha, em meio a tantas dificuldades, não merece o título de fundadora do Quilombo Morro do Fortunato? O imaginário bem como as tensões que concorreram para que não fosse reconhecida como fundadora do grupo não serão aqui abordados, no entanto, sabe-se que esta é uma lacuna a ser investigada posteriormente.

Os moradores do Morro do Fortunato falam com alegria da trajetória do fundador do grupo e esquecem, muitas vezes, da importância de Joana, mas têm orgulho de descenderem de um homem que chegou naquele lugar ainda criança, onde só havia mato e se tornou o homem mais rico das redondezas. “Aqui no Morro todos dizem que o Fortunato Machado, ‘o Velho’, era o rei do café”⁴⁸. Os membros da Comunidade do Morro do Fortunato não são os únicos a apontarem o ‘Velho’ Fortunato Machado como ‘rei do café’,

⁴⁸ Idem.

ou como um homem rico. O Senhor Laudelino Antônio Teixeira comentou que: “O Fortunato, no tempo do café, foi um dos homens mais ricos de Garopaba, muitos comerciantes de Garopaba iam pedir dinheiro emprestado para ele. Ele tinha mais de três mil pés de cafês”⁴⁹.

Outra pessoa que nos falou sobre a ‘riqueza’ de Fortunato Machado foi o pescador Maurício dos Passos, 70 anos, residente no Centro de Garopaba. Após um contato inicial, e uma conversa informal, resolvemos marcar um momento pra uma entrevista, pois ele também se mostrou muito interessado na temática em questão – os quilombolas, aos quais chamou de “minha família, a do Fortunato”. Ou seja, estabeleceu-se entre nós a relação apontada por Ecléa Bosi (2004):

Entre o ouvinte e o narrador nasce uma relação baseada no interesse comum em conservar o narrado que deve poder ser reproduzido. A memória é a faculdade épica por excelência. Não se pode perder no deserto dos tempos, uma só gota da água irisada que, nômades, passamos do côncavo de uma para outra mão. (BOSI, 1998, p. 85).

No dia 14 de maio, na Praça da Igreja de Garopaba, como combinado, estava o Senhor Maurício dos Passos com seus livros nas mãos e com um belo sorriso no rosto. A entrevista iniciou-se às avessas, com o entrevistado fazendo a primeira pergunta: “Você já sabe quem foi o Fortunato Machado?”, a qual ele mesmo respondeu:

Se ninguém te disse eu vou te dizer, pode confiar em mim. Sou filho de Apolônio dos

⁴⁹ TEIXEIRA, Laudelino Antônio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 19 de maio de 2012. Entrevista.

Passos que morava no Siriú e de Joana Machado que era do Morro do Fortunato – Macacu. Joana era neta do Velho Fortunato Machado, filha do Inácio Machado. O Velho Fortunato Machado, fundador da comunidade dos pretos lá do Fortunato, era rico com o plantio do café, o plantio do café fez ele rico. Então o pessoal de Garopaba que podiam que tinham posses, como Tobias Lino, que o filho dele foi intendente de Garopaba, que quer dizer delegado de município ia pedir dinheiro para o Fortunato e muita gente que ainda hoje seus filhos e netos são conhecidos em Garopaba e têm comércio, também iam pedir dinheiro emprestado. Naquela época quem emprestava dinheiro para eles era o Fortunato Machado. Ele pagava gente de Garopaba para colher o café lá no Morro, os brancos. Isso era raro, mas era o homem negro que emprestava dinheiro para o homem branco⁵⁰.

Constatamos através de diferentes narrativas que Fortunato Machado foi um homem rico, no entanto, sentimos falta de tal referência na historiografia pertinente a Garopaba. Nenhuma das referências bibliográficas existentes sobre Garopaba menciona a importância social de um homem afro-brasileiro, que iniciou sua vida embrenhado no mato e conseguiu destacar-se tanto no seu grupo quanto nos arredores do município e na ‘Vila’ de Garopaba. Tal forma de invisibilidade é discutida por José D’Assunção Barros (2009, p. 9), em termos gerais, quando diz ser esta uma “Tentativa de vedar a um homem de “cor negra” o acesso ao estabelecimento não se dirige na verdade contra um indivíduo, mas sim contra todo um grupo humano [...]definível como ‘raça negra’”.

Além das comunidades já citadas como pólos comunitários constituídos por famílias negras, também cabe

⁵⁰ Idem.

destacar a presença de moradores afro-brasileiros no Centro de Garopaba, em especial na Avenida dos Pescadores e nas ruelas conhecidas como Beco, localizadas no Centro Histórico. É o pescador e poeta Maurício dos Passos quem narra a forma de agregamento destas famílias nos locais em questão:

Eu nasci no Siriú em 1944 e morei por pouco tempo lá, meu pai veio embora para o Centro de Garopaba pescar tainha. Naquele tempo na pesca da tainha em Garopaba eles davam uma morada para o pescador. A morada do meu pai era a morada do Seu Quirino hoje. Mas quando botaram luz na Garopaba e a luz não chegou lá na Vigia, onde meu pai morava, meu pai fez uma casa na praia, ali na areia, era só tirar a areia do combro⁵¹ para um lado e para outro e fazer a casa. Eram terras que não tinham proprietários. Ninguém queria e ninguém pensava em vir para Garopaba. Garopaba era um lugar abandonado que pra chegar tinha que ser pelo mar. Pra ir para Florianópolis tinha que ir de lancha pelo mar com vento sul e com nordeste vinha para cá⁵².

A pesca da tainha foi fator determinante na vinda de famílias de afro-brasileiros para a praia de Garopaba e arredores. Este foi o caso de Apolônio dos Passos e Joana Machado, que saíram com seus filhos, entre eles Maurício dos Passos, da sua morada no Siriú para trabalhar na pesca da tainha, no Centro de Garopaba. Seu Maurício, conhecido como ‘Moriço’, contou: “Meu pai veio trabalhar para o Senhor Tobias Alino, esse senhor era o dono de toda a Vigia, era um homem poderoso, um homem famoso em Garopaba, bem

⁵¹ Referente às dunas.

⁵² PASSOS, Maurício dos. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 14 de maio de 2013. Entrevista.

falado”. Porém, a relação dos pescadores com o Senhor Tobias não era empregatícia, não havia um salário mensal, pelo menos no ponto de vista de ‘Seu Moriço’: [O pescador] “ganhava uma parte, a pesca era repartida com a tripulação que trabalhava junto com ele”⁵³.

Falou também, sobre a presença de famílias originárias do Morro do Fortunato que se estabeleceram no local: “Quando Garopaba já estava começando a ter umas bodegas⁵⁴, Pedro Martinho, filho do Manoel Fortunato, botou uma bodegazinha aqui na Praia. Pedro Martinho era da polícia.”⁵⁵ Foram ainda destacadas por ‘Seu Moriço’ outras famílias, no entanto, estas provenientes de outras localidades:

A família do seu Altamiro veio de fora, dos Ganchos. Botou loja em Garopaba, teve loja de fazenda aqui. Eram pessoas mulatas que veio dos Ganchos. A família do Messias veio do Pântano do Sul Florianópolis, teve muita gente do Pântano do Sul que vieram morar aqui na Garopaba, eles vieram para trabalhar na armação de baleia aqui em Garopaba⁵⁶.

Sendo assim, é possível entender que os moradores da orla central de Garopaba, em um passado bastante recente, eram de procedência variada, constituídos por várias famílias afro-brasileiras. Nesta construção historiográfica as fontes orais foram determinantes, apontando para outras possibilidades na constituição sócio histórica de Garopaba. Tal colocação vem ao encontro das reflexões de Lucília de

⁵³ Idem.

⁵⁴ Comércio de produtos tais como cachaça, linguiça, charque, entre outros gêneros alimentícios além de querosene, fumo de corda, dentre outros.

⁵⁵ PASSOS, Maurício dos. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 14 de maio de 2013. Entrevista.

⁵⁶ Idem.

Almeida Neves Delgado (2006, p. 52), que indica: “A história oral possibilita o afloramento de múltiplas versões da história e, portanto, potencializa o registro de diferentes testemunhos sobre o passado”.

Nesse sentido, as lembranças e narrativas do Senhor Maurício dos Passos, bem como as dos demais entrevistados, nos ajudaram a desvelar a história ‘oficial’ de Garopaba, que pouco tinha oportunizado à população garopabense conhecer uma história ‘vista de baixo’, que contemple as diferentes vozes dos moradores locais.

Por ora, ressaltamos a presença dos afro-brasileiros na constituição histórica do município de Garopaba através de falas diferenciadas, dando voz a sujeitos sociais comuns, que falam de suas vidas e se reportam ao que sua memória permite guardar. Neste emaranhado de falas, os afro-brasileiros são visibilizados e reconhecidos como fundamentais no desenvolvimento do município, indo de norte a sul e destacando-se nas diferentes esferas que dão vida ao ambiente citadino e suas transformações.

3. CONSTITUIÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE GAROPABA-SC

O presente capítulo tem como finalidade mapear os espaços de sociabilidades das Comunidades Quilombolas da Aldeia e do Morro do Fortunato, no município de Garopaba. As comunidades caracterizam-se como quilombos contemporâneos, sendo que suas constituições estão caracterizadas pela comum herança com o passado escravista e por formas culturalmente específicas como da coletividade e do compadrio. Essas características são visíveis pelas vivências e por experiências de organização social diretamente relacionada ao direito a terra, por formas de consanguinidade e parentesco.

Conhecer os quilombos e as Comunidades Quilombolas no cenário político atual é, portanto, falar de uma luta política e, conseqüentemente, uma reflexão científica em processo de construção. Acerca das considerações referentes ao conceito de quilombo, pode-se afirmar que este tem passado atualmente por vários questionamentos, diferindo da ideia de fuga e de rebeldia que muitos estudiosos conheciam ou referendavam. Sendo assim, questiona-se: O que a memória dos remanescentes de quilombo de Garopaba guarda em relação à constituição dos grupos em que vivem? O que é ser quilombola na contemporaneidade? Que práticas resguardam os quilombolas da osmose cultural na qual vivemos? A identidade de um grupo pode ser considerada estável?

A discussão sobre os quilombos contemporâneos foi trazida à tona pelo movimento negro, principalmente nos anos de 1970, como parte do contexto da luta contra o preconceito racial. Essa grande batalha se deve ao aprendizado intelectual de vários autores como Lélia Gonzalez Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Kabengele Munanga, dentre outros. Um dos objetivos dessa luta foi enfatizar os quilombos como ícones da resistência negra. Nesse sentido, Abdias do Nascimento (2002,

p. 272), traz nova discussão acerca da concepção dos quilombos modernos, “quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão espiritual”. Seguindo o pensamento de Abdias, os quilombos são locais de liberdade e de modernização dos laços étnicos e ancestrais, constitui em única via segura para modificar o discurso e conduzir a uma nova consciência em relação à cultura e identidade africana.

Nos séculos XVI e XVII, o Quilombo foi inicialmente identificado pelos cronistas e autoridades como algo ‘danoso’ à sociedade do período colonial. No decorrer do período colonial e imperial esteve associado à resistência e à fuga na intenção de enfraquecer ou, até mesmo, extinguir o regime escravista. Já na segunda década do século XX, o termo Quilombo foi reavaliado por estudiosos, principalmente marxistas ou simpatizantes ao marxismo, como expressão singular da luta de classes.

Entretanto, a partir de 1988, após a promulgação da Constituição, o conceito de Quilombo foi reinterpretado, adquirindo nova significação. Como cláusula importante da Constituição de 1988, o Estado Democrático de Direito integra-se ao conceito do que seja o Estado brasileiro. Além de ser indispensável às garantias individuais e sociais das pessoas, o regime democrático passou a ser condição para um governo justo e legítimo através da ampla participação da população em suas instâncias representativas, e tem como característica indissociável o pluralismo político; e por objetivo a construção de uma sociedade justa e solidária, sem preconceito de cor, raça, religião, sexo, abolindo todas as formas de discriminação (artigos. 1º e 3º da Constituição Federal).

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, obriga o Estado a desenvolver políticas públicas destinadas ao reconhecimento das comunidades quilombolas, bem como a delimitação, demarcação e titulação de suas terras, conforme estabelece o Art. 68:

Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos.

Entende-se que o processo de construção da territorialidade, no caso das populações tradicionais e/ou comunidades quilombolas dar-se-á através do sentimento de pertencimento ao território em que vivem. O direito à propriedade não está necessariamente ligado à ausência legal da posse da terra e da conformação territorial, mas das dimensões simbólicas do território reivindicado, dos costumes, tradições e manifestações culturais própria de cada grupo.

Lembrando que a Constituição Federal de 1988, além de outorgar o direito de propriedade das terras ocupadas (art. 68), estabelece direitos culturais (arts. 215 e 216) e define como responsabilidade do Estado a proteção das “manifestações das culturas populares, indígenas e afrodescendentes”, postulados dos artigos 215 e 216.

O processo do reconhecimento da Comunidade Quilombola da Aldeia se deu a partir de 2006. Com base no artigo 68 da Constituição Federal de 1988, os líderes da Comunidade da Aldeia iniciaram o processo de busca do seu reconhecimento como remanescentes de quilombos. A partir da luta dos moradores, a Fundação Cultural Palmares emitiu a certificação em 27 de dezembro de 2010, reconhecendo a Comunidade da Aldeia como Remanescentes de Quilombo. Esse reconhecimento colaborou para reorganização política e cultural da Comunidade.

Nessa nova perspectiva, o termo Quilombo, também defendido em legislação, excede a história baseada na fuga dos escravos. Por intermédio desses processos de ‘reenquadramento’ da memória e os debates em questão, o conceito de Quilombo passou a abranger realidades de grupos cada vez mais distintos. Kabengele Munanga (2004, p. 72),

define Quilombo como sendo “uma experiência coletiva, não só dos africanos, mas de seus descendentes, somados as tantas experiência trocadas em seu interior pelos diferentes sujeitos [...]”.

Fundamentada numa perspectiva contemporânea, dentro de uma visão mais ampliada, o conceito de Quilombo gira em torno de novos desafios, a luta pela posse definitiva da terra e a preservação da cultura que reúne um verdadeiro universo de tradições. Segundo a antropóloga Ilka Boaventura Leite (2000, p. 19), o conceito de Quilombo adquiriu novas interpretações.

O quilombo passa a significar um tipo particular de experiência, cujo alvo recai sobre a valorização das inúmeras formas de recuperação da identidade positiva, a busca por tornar-se um cidadão de direitos, não apenas de deveres. Enquanto uma forma de organização, o quilombo viabiliza novas políticas e estratégias de reconhecimento.

Para Ilka Boaventura Leite (2000, p.06), as novas interpretações acerca dos Quilombos “significaria a sociedade brasileira, sobretudo um direito a ser reconhecido e não propriamente apenas um passado a ser rememorado”. É importante destacar que os membros e lideranças das comunidades Quilombolas de Garopaba atualmente vêm rompendo com a história tradicional centrada nos ‘antigos discursos políticos’ que lhes determinavam as regras e os caminhos que tinham que trilhar. Na última década alguns diálogos foram estabelecidos nessas comunidades com o objetivo de sensibilizar os moradores da importância da autoidentificação e autoreconhecimento da identidade como Comunidade Quilombola e principalmente de seus direitos. A partir dessas reflexões passaram a pensar sobre os diferentes

usos da memória e da história na mobilização pelo direito à terra e pelo reconhecimento como remanescente de quilombo perante as agências federais vinculadas a essa temática.

Esse capítulo busca ainda, e mais especificamente, compreender a formação espacial e as práticas de sociabilidade das Comunidades Quilombolas de Garopaba. E para que o presente trabalho tenha respaldo acadêmico e possa contribuir com a construção histórica do grupo é necessário à colaboração dos moradores e vizinhos das Comunidades Quilombolas, pois se sabe que uma das principais ferramentas do conhecimento está nos depoimentos e nas memórias desses moradores.

É através dessas memórias que será possível conhecer e identificar as formas pelas quais os grupos marcam e delimitam seu território (origem, marcos e limites espaciais) e aspectos fundamentais das práticas de sociabilidades das suas comunidades. Com base nas informações dos moradores e vizinhos das Comunidades Quilombolas e documentação obtida junto aos Cartórios de Registros Cíveis e Religiosos, elaboramos mapas com o objetivo de possibilitar melhor visualização do espaço ocupado, ou seja, conhecer a ‘configuração física’ desses povoados. Complementando, construímos uma árvore genealógica do grupo do Morro do Fortunato por ser este grupo marcado por casamentos consanguíneos e maior relação de parentesco.

3.1 CONSTITUIÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DA ALDEIA

As primeiras informações sobre a formação da Comunidade Quilombola da Aldeia foram obtidas através de uma entrevista com o Professor e líder da comunidade Manoel Matias Pereira. Nessa entrevista ele relata que a formação do grupo da Aldeia está ligada à ancestralidade de sua avó – Cilóca, falecida em 2010, considerada pelo grupo como a

matriarca da comunidade. Em seu lugar ficou sua irmã - Adelaide, que aos 82 anos (Figura 20) é a pessoa mais respeitada por parentes e vizinhos⁵⁷. De acordo com as informações que obtivemos e pelo que se pode inferir, a formação da Comunidade da Aldeia é marcada pela importância da presença de uma representante mais velha, intitulada matriarca.



Figura 20: Adelaide Maria Eva.

Fonte: Acervo da autora.

Ano: 2011.

Local: Sua Residência.

⁵⁷ PEREIRA, Manoel Matias. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 25 de agosto de 2012. Entrevista.

Parte-se da premissa de que é a partir da representatividade da imagem de uma matriarca que a comunidade busca suas ‘origens’. Tomando a questão da ‘formação do território’ da Comunidade da Aldeia buscamos através da memória e das lembranças do Senhor Fortunato Pereira (66 anos), morador local, as relações de parentesco que definem a constituição do grupo. Em seu relato, Nato, como é conhecido, deixa claro que foram seus ancestrais que deram início à comunidade:

A formação da Aldeia está muito próxima de mim, sou filho de Dona Cilóca, meus avós chamavam-se Celecina Maria Eva e Antônio Joana, e eles tiveram sete filhos chamados: Celecina (Cilóca), Adelaide, Manoel Antônio, Dorinha, Basilícia, Pedro e Eraci. Dos sete filhos, somente a Cilóca, a Adelaide e o Manoel Antônio permaneceram morando aqui na comunidade. Daí pra frente foram se juntando outros das redondezas⁵⁸.

Outra informação preciosa em relação ao começo da Comunidade Quilombola da Aldeia foi fornecida pelo Senhor Antônio Manoel Lemos, 70 anos, falecido em 2011:

Os primeiros moradores da comunidade de Campo D’ Una (Aldeia) foram: Tia Joana Homem, nativa da África; Antônio Joana, filho da Tia Joana; Senhora Eva, nativa da África, avó de Antônio Joana; Martinha, escrava de Chico Pereira e filha de Tia Joana; Tia Lúcia, nativa da África. Marteliana Pereira e Timóteo Crispim eram moradores do Morro do Fortunato. Timóteo casou-se com Vó Martinha

⁵⁸ PEREIRA, Fortunato. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 25 de agosto de 2012. Entrevista.

e foi morar na Aldeia. Posteriormente a estas famílias, ainda integraram a Comunidade da Aldeia, Rita Martinha de Jesus, Antônio Rita Martinha de Jesus, Boaventura Lemos, Maria Rita Martinha de Jesus e Manoel Boaventura Lemos, que era filho de escravo⁵⁹.

Na memória do Senhor Antônio Manoel Lemos, era viva a lembrança da procedência dos moradores da Comunidade da Aldeia, lugar no qual morava. A procedência estava intrinsecamente ligada à África, ou seja, os primeiros membros a chegar na comunidade eram nativos da África ou seus descendentes diretos.

Sabendo da importância da memória e entendendo-a como elo construtor das identidades, a genealogia construída pela Comunidade Quilombola da Aldeia indica que seus moradores descendem direta ou indiretamente de Senhora Celecina Maria Eva e do Senhor Antônio Joana - casal mais antigo da comunidade presente na memória dos moradores. No entanto, outras versões podem ter sido sufocadas por esta, pois as narrativas, muitas vezes, evidenciam disputas pela construção de uma identidade, conforme alerta Paul Ricoeur (2010).

Em entrevista com o Senhor Laudelino Antônio Teixeira, 79 anos, morador da comunidade Limpa e nativo da região, pode-se corroborar as informações do Senhor Antônio Manoel Lemos sobre a origem do casal Celecina Maria Eva e Antônio Joana, possíveis 'fundadores' da Aldeia: ao narrar a construção de uma estiva ligando as comunidades de Araçatuba e Penha, apontou para a existência de uma negra chamada Joana Homem, que seria a mãe de Antônio Joana.

⁵⁹ LEMOS, Antônio Manoel. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 25 de maio de 2006. Entrevista.

Fizeram uma estiva lá na Penha, uma estiva é uma estrada, mas não é uma estrada dessas que tem agora, é uma estrada no banhado estivado de madeira como uma ponte no rio para atravessar. O nome da estiva era estiva da Joana Homem. Essa Joana homem era mãe do Antônio Joana⁶⁰.

Sabe-se que em meados do século XIX havia em Garopaba uma armação baleeira para onde muitos africanos foram trazidos para trabalhar. Com o passar do tempo, muitas dessas pessoas se dispersaram nos arredores de Garopaba, buscando outras maneiras de sobrevivência. Porém, o Senhor Laudelino Antônio Teixeira apresenta outra versão em relação à vinda dos afro-brasileiros para Garopaba:

Aqui em Garopaba falam que os pretos vieram para trabalhar no barracão da baleia, mas não foram somente esses pretos que chegaram aqui em Garopaba. Meus pais contavam que muitos pretos vieram pra cá assim: cada homem que vinha se aventurar em busca de terras já trazia uma quantia de escravos. Difícil aquele que vinha para trabalhar sozinho, ele já vinha organizado, não sei se tinha o pessoal do rei organizando isso. O pai me contou daqueles Teixeiras que vieram de Laguna para Ibiraquera e já trouxeram escravos. Da Laguna já deram pra eles uma quantia de terra na Ibiraquera as sesmarias, e ele já traziam o documento com aquela quantia certa de terra⁶¹.

Assim, pode-se entender que muitos homens que se aventuravam nessa região vinham de outros lugares

⁶⁰ TEIXEIRA, Laudelino Antônio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 19 de maio de 2012. Entrevista.

⁶¹ Idem.

acompanhados dos escravos para trabalhar nas terras que lhes eram dadas pelo sesmeiro. Segundo o Senhor Laudelino Antônio:

Após a abolição da escravatura, essas pessoas foram libertos e sem alternativa de vida se apropriavam das terras devolutas que eram chamadas de ‘campos’, existentes naquele tempo, principalmente na Limpa, bairro do Campo D’Una em Garopaba, até o Araçatuba, bairro de Imbituba”⁶².

A partir da abolição da escravatura, e até mesmo antes, os africanos e seus descendentes foram se organizando, construindo suas moradias e plantações nessas terras devolutas, ou seja, nos campos da Limpa, Campo D’ Una e Araçatuba, todos localizados no entorno da Aldeia e das margens da Lagoa de Ibiraquera. (Figura 21). Segundo Michael Pollak (1989, p. 9) “A referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementaridade”. Ainda hoje a história de como a comunidade foi ‘fundada’ é um dos elementos unificadores do grupo.

⁶² Idem.

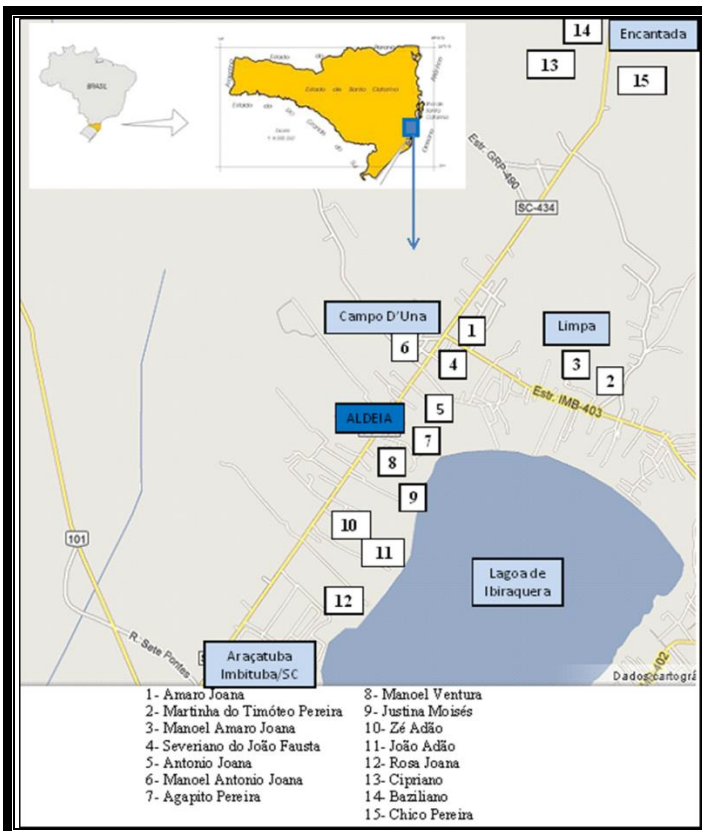


Figura 21: Mapa das atuais comunidades de Aldeia, Campo D'Una, Limpa, Encantada e Araçatuba, por volta de 1950, com destaque para as famílias negras, conforme informações do Senhor Laudelino Antônio Teixeira (79 anos).

Fonte: Guia mais mapas. Disponível em: <<http://mapas.guiamais.com.br/guia-de-bairros/garopaba-garopaba-sc>>. Acesso em 26 ago. 2012.

Edição: Da autora.

Parte-se da premissa de que a procedência da população da Aldeia resulta da junção desses moradores dos arredores. O Senhor Laudelino Antônio Teixeira deixa claro em seu depoimento que, “A Comunidade da Aldeia se

originou dos pretos libertos que foram morar naquelas terras. Uns foram através de casamentos, outros por laços consanguíneos e assim por diante”.⁶³ Questionou-se, então, o porquê dos afro-brasileiros terem escolhido as terras da Aldeia e não as terras da Limpa ou Araçatuba, sendo que toda essa região – do Campo D’Una até Araçatuba – era considerada como terras devolutas. O Senhor Laudelino Antônio Teixeira argumentou:

Nos campos da Limpa havia muita água, era um banhado e se tornava difícil para a produção da lavoura, criação dos animais, como porco, galinhas, bois e para construir suas casas e o acesso era difícil. Já nos campos do Araçatuba as terras eram muito áridas, dificultando a produção da agricultura. A Aldeia seria o lugar ideal para construir seu povoado, em primeiro lugar se localiza atrás da lagoa da Ibraquera, facilitando o acesso à pesca. As terras eram produtivas, o terreno era forte e seco, próprio para a lavoura. Outro ponto importante é que nas proximidades tinha uma fonte de água boa para lavar roupas e até buscar água para beber⁶⁴.

Partindo da perspectiva da importância da terra para a Comunidade da Aldeia e outras Comunidades Quilombolas brasileiras, tem-se claro o sentimento de pertencimento à terra em que vivem esses grupos, pois é um dos poucos bens desses habitantes e que por muito tempo garantiu a sua sobrevivência. A Comunidade da Aldeia atualmente é composta por cento e trinta e uma pessoas, distribuídas em 34 famílias. Todos os moradores possuem casas com instalações sanitárias, água encanada e eletricidade. Para os moradores da Aldeia, a posse

⁶³ Idem.

⁶⁴ Idem.

da terra constitui um aspecto fortemente ligado aos laços familiares e às relações responsáveis pela permanência dos familiares na localidade.

A questão do pertencimento da terra para os moradores da Aldeia está imbricada à raiz de seus ancestrais. Segundo o relato do Senhor Fortunato Pereira, 66 anos, “Foi nesta terra que a comunidade conseguiu construir suas casas, criar seus filhos e foi nesta lagoa que a comunidade garantiu o sustento dessas famílias”⁶⁵. Essa forma de cuidar da terra, o respeito e esse pertencimento também são posturas comuns encontradas em outras Comunidades Quilombolas, como, por exemplo, o Morro do Fortunato, a Toca, dentre outras Comunidades Quilombolas do Brasil.

Lembrando que os moradores da Aldeia têm apreço pela terra e pelos familiares, já que estes representam suas identidades. A cultura do parentesco e da continuidade familiar estabelece relações hierarquizadas e ritualizadas, sob a autoridade dos mais velhos, no caso da Aldeia, atualmente, a Senhora Adelaide Maria Eva - matriarca do grupo. Tal comportamento permite buscar a continuidade dos costumes e das tradições dos seus ancestrais.

Suas características culturais permitem que os mesmos se reconheçam como remanescentes de quilombo, considerando o estilo de vida, a escolarização, as festividades e as experiências vivenciadas por eles e seus ancestrais. A história desse grupo é diferenciada pela sua conjuntura e organização, mas, ao mesmo tempo, se assemelha à história de muitas outras Comunidades Quilombolas distribuídas pelo Brasil, que lutam por direitos, em particular pelo direito à terra onde habitam, por suas identificações, reconhecimento e melhores condições de vida.

⁶⁵ PEREIRA, Fortunato. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 25 de agosto de 2012. Entrevista.

A semelhança dos quilombos contemporâneos brasileiros citados acima se refere às comunidades rurais de Afro-brasileiros que reúnem descendentes de cativos vivendo da cultura de subsistência e que suas manifestações culturais têm forte vínculo com o passado ancestral, vínculo este escolhido pelos moradores como forma de manter a identidade e identificação do grupo. Segundo Joseph Ki-zerbo (2006. p.149), “Nenhum povo se desenvolveu unicamente a partir do exterior. Se ele se desenvolve, é porque extrai de si mesmo os elementos do seu próprio desenvolvimento” Assim, entre 2002 e 2008, a Comunidade da Aldeia passou a colocar suas experiências e atividades em prática valorizando sua cultura e priorizando suas raízes africanas bem como assumindo uma identidade quilombola.

O reconhecimento e a construção dessa identidade quilombola tem características específicas para diferentes grupos sociais, principalmente os das Comunidades Quilombolas em diferentes partes do Brasil, que naquele período já se encontravam reconhecidas ou em processo de reconhecimento. Nesse contexto de luta, a Comunidade Quilombola da Aldeia sentiu a necessidade do reconhecimento e da construção identitária do grupo, pois estava presenciando e sentindo que os estilos de vida e formas de ver o mundo estavam imbricados nas experiências vivenciadas por eles e seus ancestrais.

A partir de 2002, a comunidade descobriu-se como remanescente de quilombo passando, inclusive, a questionar as práticas educativas que por anos seguidos excluíram grande parte dos jovens da comunidade do ensino regular. O próprio grupo passou a pensar na possibilidade de haver uma educação voltada para sua realidade e seus interesses, já que passava a se ver como segmento merecedor de mais e melhores

oportunidades de ensino. É nesse momento que surge como 'horizonte de expectativa'⁶⁶ a Educação Quilombola.

No contexto brasileiro, cuja educação arrasta uma história racista e excludente, é imperativo que a escola redimensione suas estratégias e volte-se para o atendimento da ampla gama de diversidade existente. No entanto, ainda urgem certas questões: O quilombo existe? Qual o envolvimento com a escola? A escola trabalha a identidade quilombola? Em outras palavras: Os quilombolas estão tendo oportunidade de vivenciar na escola regular debates acerca da cultura afro-brasileira ou tal situação só existe na legislação?

Nesse sentido, Kabengele Munanga (2008, p. 65) afirma:

É importante repensar o papel da escola como fonte de afirmação de identidades, a luz da experiência dos quilombos contemporâneos. Considero um desafio desenvolver, na escola, novos espaços pedagógicos que propiciem a valorização das múltiplas identidades que integram a identidade do povo brasileiro, por meio de um currículo que leve o aluno a conhecer suas origens e se reconhecer como brasileiro.

A comunidade quilombola da Aldeia faz parte da comunidade de Campo D'Una há mais de 100 anos e se mantém em luta pela defesa de direitos, buscando conquistar as terras que lhe pertenciam e foram expropriadas ao longo dos anos, reduzindo, significativamente, seu território.

A luta dos moradores do Quilombo Aldeia tornou-se mais organizada a partir da inserção de alguns membros no Movimento Negro Unificado – MNU. O MNU promove

⁶⁶ Expressão utilizada por Reinhart Koselleck, na obra *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*, 2007.

atividades focadas na luta pelo reconhecimento do direito ao território por meio da certificação do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Assim, no ano de 2006, foi formada a ‘Associação Remanescente do Quilombo Aldeia’⁶⁷, facilitando a participação da comunidade bem como sua representação junto aos movimentos sociais e políticos. Tal associação se organiza com base em um Manifesto Quilombola, organizado pelo grupo em 2010, que orienta suas ações, levando em conta, substancialmente, três princípios, tal qual informado por Manoel dos passos Matias Pereira:

- Princípio da Oralidade: a tradição oral é muito forte entre os africanos, assim, ainda hoje, os quilombolas têm a oralidade como aliada na manutenção de sua cultura e construção de sua identidade.
- Princípio da Coletividade: é o reconhecimento das especificidades e diferenças nas relações deste grupo étnico com ele mesmo, com o outro e com a natureza;
- Princípio da Sustentabilidade Ambiental: o espírito de preservação da natureza tem origem no significado de território enquanto espaço geográfico, cultural, de uso coletivo.⁶⁸

Em função das ações exercidas por movimentos tal qual o MNU, foi implementado na comunidade, no ano de 2006, o programa “Saberes da Terra”, trazendo um novo olhar dos sujeitos envolvidos em relação ao meio ambiente e ao

⁶⁷ A associação é composta por moradores Afro-brasileiros do Quilombo Aldeia.

⁶⁸ PEREIRA, Manoel Matias. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 25 de agosto de 2012. Entrevista.

território. Na verdade, o ‘Saberes da Terra’, caracteriza-se como educação no campo para os quilombolas, na perspectiva de resgatar outra história, possibilitando aos afro-brasileiros um ensino africanizado, como se pode constatar no Manifesto Quilombola:

[...] durante muito tempo coube à escola “ensinar” que a integração racial no Brasil ocorreu de maneira pacífica e “espontânea”. Na verdade nós educadores quilombolas nos empenhamos em resgatar “a outra história”, aquela não-oficial e pouco contada, que busca reconstituir, de fato, as origens da terra brasileira. (MANIFESTO QUILOMBOLA, 2010, p. 05).

Nesse viés, cabe ainda destacar:

Assim, a educação do campo deve compreender que os sujeitos têm história, participam de lutas sociais, têm nome e rostos, gêneros, raças, etnias e gerações diferenciadas. O que significa que a educação precisa levar em conta as pessoas e os conhecimentos que estas possuem. (Saberes da Terra, 2005, p.17).

A Educação Quilombola é resultado de ações que procuram garantir às comunidades negras direitos já assegurados pela Constituição Federal, em especial, no artigo 68: “Aos remanescentes dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

Evidentemente, o reconhecimento dos territórios quilombolas depende de uma série de ações governamentais, destacando-se, as voltadas para a educação, tal qual a Lei nº 10.639/2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB -

9.394 / 1996), incluindo no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática ‘História e Cultura Afro-Brasileira’, além de outras providências, prevendo, especificamente, no caput do artigo 26-A que, “Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira”.

Contudo, os moradores do Quilombo Aldeia estão cada vez mais fortes em termos de identidade, se organizando e reivindicando o que consideram como seus direitos. Destaca-se a inserção de afro-brasileiros nas universidades públicas de Santa Catarina, tal qual Camila Pereira de Oliveira, 18 anos, que acaba de ingressar no curso de Direito da UFSC, um marco substancialmente importante para o grupo. Bisneta de ‘Vó Cilóca’, Camila serve como exemplo positivo para os adolescentes e jovens da comunidade. Ou seja, oportunizar aos jovens quilombolas construir seu futuro, constitui, pois, um desafio que requer ações educativas articuladas. Trata-se de lhes oferecer um contraponto que permita ressignificar suas experiências, mostrar suas habilidades e importância social.

Outro importante acontecimento para os moradores do Quilombo da Aldeia foi à construção de casas populares, através do programa do governo federal Fundo Nacional de Habitação de Interesse Social (FHNIS). No dia dezoito de setembro de 2009 foi assinado o convênio entre o município e a COHAB (Companhias de Habitação Popular) para construção de casas populares nas Comunidades Quilombolas do Município de Garopaba⁶⁹.

As pequenas casas de madeira e até de chão batido foram substituídas por casas de alvenaria. Interessante relatar que os beneficiados pelas casas têm bem claro que isso não é uma esmola, mas um pequeno reparo pelos anos de exploração

⁶⁹ Prefeitura Municipal de Garopaba. Disponível <<http://www.garopaba.sc.gov.br/conteudo/?item=3735&fa=1&cd=48654>>. Acesso em 21 mar. 2014.

e desprezo. Um morador local desabafou: “o governo não está fazendo mais que a sua obrigação. Essa é uma dívida muito grande que ele tem com a gente”. Assim, a Comunidade da Aldeia começa a escrever sua outra história. Uma história rica culturalmente e que vem se tornando motivo de orgulho não só para seus moradores como também para as comunidades envolvidas.

3.2 CONSTITUIÇÃO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MORRO DO FORTUNATO

No litoral de Santa Catarina, Município de Garopaba, numa altitude compreendida entre 100 e 200 metros, existe, há mais de cem anos, uma comunidade negra denominada ‘Família do Fortunato’, na localidade conhecida como Morro do Fortunato, no bairro de Macacu.⁷⁰ Segundo Miriam Furtado Hartung (1992), “o nome Fortunato é decorrente da união de duas palavras: Fortuna e Nato, podendo-se dar a ele o significado de nascido na fortuna”.

O nome ‘Fortunato’ traz à memória do grupo a imagem de um dos seus ancestrais e fundador: Fortunato Justino Machado. Os membros o tinham como responsável pela comunidade, sendo ele considerado homem de boa índole, sensato e rico, imagem que foi construída a partir de valores instituídos pela comunidade. O nome Fortunato evoca, portanto, esse conjunto de valores, de virtudes, que se propagaram na defesa do grupo. Para Maurílio Machado, bisneto de Fortunato Justino Machado e Presidente da Associação de Moradores da Comunidade, o patriarca foi:

Um homem rico. No início, quando veio morar aqui no Morro, não, tudo foi difícil para ele. Para criar os filhos passou bastante

⁷⁰ Informações obtidas junto à Prefeitura municipal de Garopaba.

dificuldade, mas depois se tornou um homem rico, pois no Morro tinha mais de 20 mil pés de café. Dizem aqui no Morro, que ele até emprestava dinheiro para os homens brancos do Centro da cidade de Garopaba⁷¹.

Essa imagem de homem trabalhador e rico a que os moradores do grupo aludem é fundamentada na trajetória do grupo, já que, quando de sua constituição, havia uma crise econômica. Joana Maria de Jesus, mãe de Fortunato Machado, ficou sozinha com um menino de dez anos de idade naquele ‘mato’, isolada de vizinhos e com poucos meios de produção. Pode-se inferir que o próprio Marcos Vieira, seu antigo senhor, lhe auxiliou para poder sustentar seu filho até que se tornasse capaz e em condições de assumir a casa. Segundo a Senhora Jordina Rita Machado (82 anos), moradora da comunidade:

Meu avô Fortunato Justino Machado foi um moço que se casou muito cedo, casou-se com Luiza Cristina de Jesus, moça que veio de Imbituba, e tiveram oito filhos: João Fortunato Machado, Lourenço Machado, Manoel Machado, Alice Machado, Anastácio Machado, Daniel Machado, Inácio Machado, e tem mais um menino que morreu solteiro. Não devia ser fácil, naquele tempo, criar uma família tão grande⁷².

A fala da Senhora Jordina Rita Machado vem a corroborar que a situação financeira da família do Senhor Fortunato no início da formação do grupo não era nada fácil, pois criar sete filhos, numa época em que não havia uma

⁷¹ MACHADO, Maurílio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 16 de fevereiro de 2013. Entrevista.

⁷² MACHADO, Jordina Rita. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 19 de maio de 2012. Entrevista.

estrutura econômica e social estabilizada, era muito desafiador. Com os filhos em fase de crescimento havia a perspectiva de que se tornassem capazes de colaborar com o trabalho coletivo. De fato, até que atingissem o ‘ponto’ de trabalhar, muitas dificuldades foram enfrentadas.

Em relação à ênfase da riqueza do Senhor Fortunato supõe-se que seja referente ao trabalho do grupo, após seus filhos estarem criados e coletivamente produzirem sua própria economia. Durante décadas, os moradores do Morro do Fortunato viveram sob a economia de subsistência destacando-se a seguinte produção: cana-de-açúcar (açúcar, cachaça e melado), feijão, milho, amendoim, mandioca, sabão, criação de gado e de galinha. Sendo que, ainda hoje, muitos moradores desenvolvem práticas na área rural contemplando desde a criação de gado até o cultivo de cana-de-açúcar. Além disso, a ‘grandeza’ da comunidade foi o café. Segundo o Senhor Laudelino Antônio Teixeira:

Em Garopaba tinha algumas famílias produtoras de café e o Morro do Fortunato era uma das comunidades que produziam muito café. Esta produção era transportada para o centro do município, negociada com o comércio local e embarcada para Florianópolis⁷³.

A área onde se localiza o Morro do Fortunato é constituída por dois núcleos residenciais distintos, denominados Morro e Vale. A distância do Morro para o Vale é de aproximadamente um quilômetro. “No Morro residem os habitantes de origem africana. [...] No Vale, residem os habitantes de origem européia”. (HARTUNG, 1992, p. 07).

⁷³ TEIXEIRA, Laudelino Antônio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 19 de maio de 2012. Entrevista.

Em entrevista com o Senhor Maurílio Machado, Presidente da Associação de Moradores da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato, bem como através de conhecimentos prévios, percebeu-se que a constituição do Morro do Fortunato aconteceu de forma bastante distinta da Aldeia, isto porque no caso do Morro do Fortunato foi um único núcleo familiar que iniciou o povoamento do local, enquanto que na Aldeia as famílias foram passando a morar próximas umas das outras através de casamentos, por compadrio ou aleatoriamente.

No caso do Morro do Fortunato, o grupo ainda se mantém praticamente no mesmo espaço geográfico desde a chegada de Joana Maria de Jesus e seu filho Fortunato Justino Machado. Ainda hoje, em uma faixa de terra com cerca de 700 metros de comprimento por 200 metros de largura, “vivem cerca de trinta e quatro famílias, num total de cento e oitenta remanescentes quilombolas”⁷⁴.

A Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato, como se pode observar no mapa, está localizada no município de Garopaba, mais especificamente nas proximidades da Lagoa do Siriú. Esta comunidade desenvolveu-se nas terras que pertenceram a Marcos Vieira, que as doou para sua escrava Joana Maria de Jesus e seu filho. Segundo Maurílio Machado, tataraneto de Marcos Vieira e bisneto de Fortunato Machado:

O primeiro fundador do grupo foi Fortunato Justino Machado, meu bisavô, que foi o tronco e mestre do grupo. Ele veio de Paulo Lopes, mas o pai dele, Marcos Vieira, é nativo do Pântano do Sul, em Florianópolis. Isso foi identificado por um historiador da Universidade Federal de Santa Catarina que

⁷⁴ MACHADO, Maurílio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 16 de fevereiro de 2013. Entrevista.

descobriu que ele veio de lá. Então o Marcos Vieira, que era o dono da escrava Joana, veio de Florianópolis morar em Paulo Lopes e ele devia ser um homem de bens, era senhor de escravos⁷⁵.

Sabe-se que a comunidade identifica o Senhor Fortunato Justino Machado como o fundador do grupo. Um dos primeiros estudos realizados na Comunidade foi em 1992, através da pesquisadora Miriam Furtado Hartung, quando da elaboração de sua dissertação de Mestrado, orientada pela Dra. Ilka Boaventura Leite. A pesquisa revela que a comunidade já tinha naturalizado o Senhor Fortunato Justino Machado como o fundador do grupo. Segundo Miriam Furtado Hartung (1992, p. 32):

Nos primeiros dias que sucederam a minha chegada ao Morro do Fortunato, o tema principal nas conversas com os moradores girou em torno da história do grupo. Os relatos remetiam incondicionalmente ao nome Fortunato Justino Machado, Chamado de pai Nato, como sendo o primeiro morador do lugar e o fundador do grupo. (HARTUNG, 1992, p. 32).

Mesmo que essa versão tenha se consagrado entre os membros da comunidade é pertinente lembrar uma criança não tem maturidade e nem condições físicas de se manter em um lugar hostil, como um morro de vasta vegetação e, possivelmente, animais silvestres. Nesse sentido, entendemos que a responsável pela formação da comunidade, foi a mãe do menino Fortunato – Joana Maria de Jesus, que assumiu um papel muito importante: criar seu filho e educá-lo, para que

⁷⁵ Idem.

pudesse assumir a casa e dar continuidade a seus descendentes. Título este, que merece ser questionado e até trabalhado na comunidade. Joana Maria de Jesus foi a fundadora da Comunidade Quilombola? Ou será que o título não foi dado a ela por uma questão de gênero?

Para obtermos o maior número de informações possíveis quanto à constituição do grupo em questão, foi preciso algumas horas de entrevista e conversas descontraídas com o Senhor Maurílio Machado. Nas narrativas do entrevistado ele afirma que sua tataravó, Joana Maria de Jesus, era escrava e trabalhava na propriedade do Senhor Marcos Vieira, em Paulo Lopes (Figura 22). Disse ainda, que sua tataravó teve um filho com o Senhor Marcos Vieira – homem branco, dono de engenho e senhor de escravos na época.

Nesse contexto, é válido destacar que no município de Paulo Lopes também existe uma Comunidade de Remanescentes Quilombolas denominada Toca. A partir dessa constatação podemos concluir que havia um número considerável de escravos na região, pois os quilombos de Morro do Fortunato, Aldeia e Toca, embora localizados em municípios diferentes, estão bastante próximos geograficamente.



Figura 22: Mapa de Garopaba/SC indicando a localização do Morro do Fortunato.

Fonte: <http://www.rodriguesite.com/3/moradadosol/incore=1>.

Acesso em: 16 fev.2013.

Edição: Da autora.

Ano: 2013.

Voltando à constituição do Morro do Fortunato, vejamos o que nos conta Maurílio Machado:

A história é assim: Joana e seu filho Fortunato vieram morar aqui no morro quando o menino tinha mais ou menos 10 anos e já eram libertos. Na verdade, quando Fortunato nasceu ele não era mais escravo, já nasceu na lei do ventre livre, a Joana é que era escrava. Aí então o seu Marcos Vieira deu esse pedaço de terra para eles virem morar aqui, esse pedaço de terra foi uma herança que ele deu para não dar problema para ele. Essa terra ele doou para seu filho Fortunato antes de morrer⁷⁶.

Perante as informações do Senhor Maurílio, podemos hipotetizar que Marcos Vieira, o dono da escrava Joana, para ‘invisibilizar’ o filho que teve com sua escrava colocou-os nesse pedaço de terra, longe de vizinhos e embrenhados no mato. Provavelmente, um dos motivos que levaram Marcos Vieira a se ‘livrar’ de Joana e seu filho eram os traços genéticos que o menino carregava. Tal qual o pai ele possuía olhos azuis, evidenciando o processo de miscigenação. Tais características físicas do menino possivelmente lhe ‘tiravam o sono’ e chamavam atenção da comunidade branca.

Esses traços genéticos permanecem até hoje em alguns dos moradores do Morro do Fortunato que carregam tanto à marca da procedência negra africana, quanto certas características do branco europeu. Alguns apresentam cor negra concomitantemente com a cor azul dos olhos, como, por exemplo, o Senhor Fortunato Machado (bisneto de Marcos Vieira): um negro que ostenta na cor a sua origem africana, porém exibe seus olhos azuis, o que exterioriza uma relação de descendência com os povos europeus (Figura 23). Segundo dizem, seus olhos são herança genética de seu avô, o velho Fortunato.

Um dos questionamentos feitos ao Senhor Maurílio Machado, foi a forma com que o grupo se formou, como foram

⁷⁶ Idem.

os casamentos, se pessoas de outras comunidades negras foram para o Morro ou os membros do Morro se casaram e foram morar em outros lugares. Segundo Maurílio Machado:⁷⁷ “A primeira mulher que veio de fora, foi à esposa do meu bisavô, filha de uma família negra de Imbituba. Meu avô Lourenço era casado com a Rita que veio do Mirim [Imbituba]”.



Figura 23: Senhor Fortunato Machado.

Fonte: Editado pela autora.

Ano: 2006.

Local: Residência do Entrevistado.

A partir das informações do Senhor Maurílio Machado quanto à constituição do grupo, é possível traçar uma sintética árvore genealógica (Figura 24) que vem desde Marcos Vieira, homem branco e senhor de escravos e Joana Maria de Jesus,

⁷⁷ Entrevista realizada na residência do Senhor Maurílio Machado, à Rua Geral do Morro do Fortunato, Macacu, Garopaba/SC, em 16/02/2013.

escrava do referido senhor, até Christhofer Machado, cinco anos, neto de Maurílio Machado, ou seja, atravessando sete gerações.

Essas pessoas foram morando umas perto das outras, ocupando a terra de Fortunato Justino Machado, sendo que esse costume perdura até os dias atuais, conforme indica o Senhor Maurílio Machado:

Todos moraram aqui. Dessa casa em que morava ele [Fortunato Machado] e a mãe foram fazendo as casinhas e todos os filhos ficaram aqui nos arredores. O João Fortunato morava do lado da casa do pai, o Lourenço morava mais separado, o Manoel morava no outro lado, o Anastácio morava lá do outro lado, a uns 200 metros ali perto da Rita, o Anastácio morava ali, o Daniel morava lá em cima, o Inácio morava lá do outro lado, mas era como é hoje, um pertinho do outro⁷⁸.

⁷⁸ Idem.

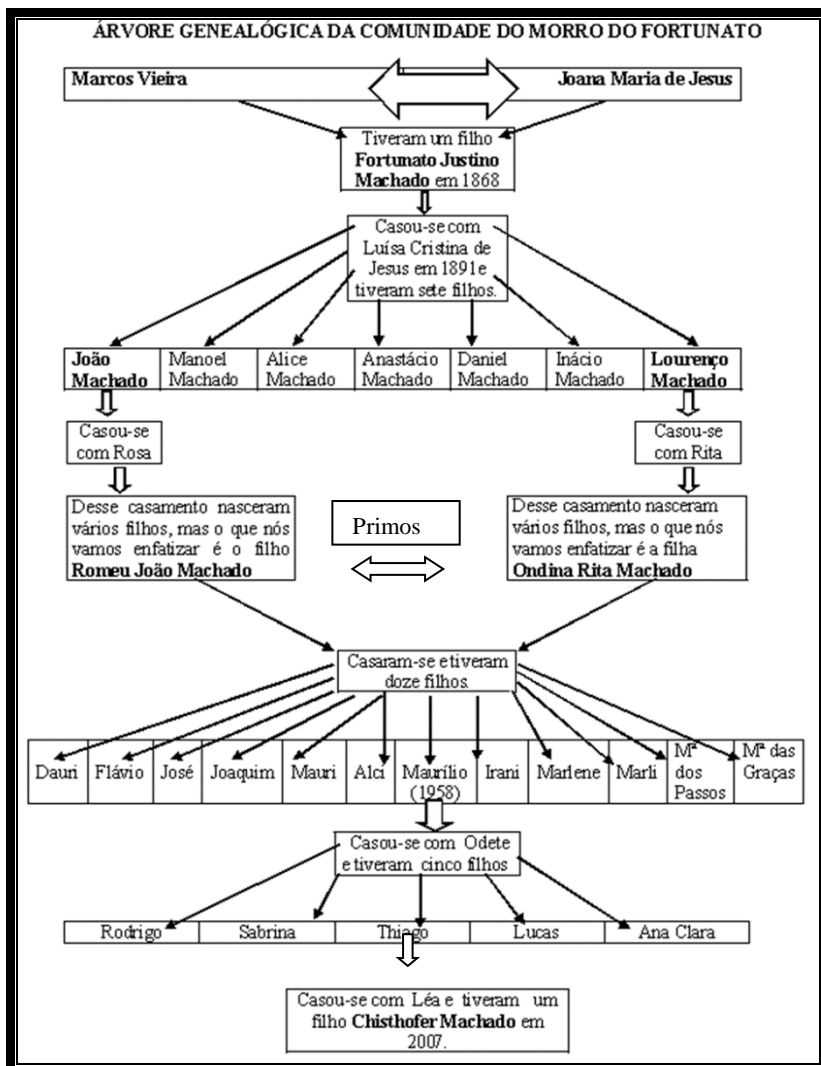


Figura 24: Árvore genealógica Família Fortunato Justino Machado.

Fonte: Entrevista com Maurílio Machado e Certidões de Nascimento e Casamento de alguns membros da família. Edição da autora.

Edição: Da autora.

Ano: 2012.

A linhagem familiar é marcada por casamentos consanguíneos bem como pelo matrimônio de homens da comunidade com mulheres oriundas de Mirim e Nova Brasília, no município de Imbituba. É inquietante o fato de se deslocarem para Imbituba para arranjar casamento, já que as localidades em questão ficam a uma distância aproximada de 30 quilômetros. O senhor Maurílio não soube explicar exatamente por que isso acontecia, mas sabe que depois que o primeiro casou os outros foram casando com as outras parentes.

Questionou-se o porquê de se casarem entre si, os chamados casamentos consanguíneos, no que o Senhor Maurílio foi muito espontâneo ao responder:

Acontecia, acontecia mesmo. É que na verdade eles se gostavam porque eram umas negras bonitas, quando eles casavam era porque as negras eram bonitas mesmo, então eles garravam pra não saírem daqui. O meu pai casou com a filha do Lourenço, que era prima-irmã dele e o tio Natinho, que era irmão do pai, casou também com uma prima-irmã e daí foi. Hoje em dia é difícil isso acontecer, o último que casou mais moço aí foi o Nico que casou com uma prima irmã, que é a Maura. Isso faz uns quinze anos. Hoje em dia tá mais misturado, tu vê, o meu filho casou com uma moça branca lá da Palhocinha, hoje está assim.

Assim, através da entrevista realizada com o Senhor Maurílio Machado foi possível conhecer aspectos ímpares da formação do grupo quilombola do Morro do Fortunato, evidenciando que os chamados quilombos modernos têm razões de ser distintas das outrora cultuadas, ou seja, que nem sempre foram locais de fuga e esconderijo.

No caso específico do Morro do Fortunato o “ajuntamento” se deu, a princípio, pela inconveniência de um homem branco (e provavelmente casado) ter um filho com uma escrava e que para ‘complicar’ ainda mais a vida do senhor, nasceu com os olhos azuis.

Depois as coisas tomaram seu próprio rumo: casamentos com negras de outras comunidades, mais especificamente de Imbituba, e casamentos consanguíneos desenharam a constituição da Comunidade do Morro do Fortunato.

4. SOCIABILIDADE E AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA NAS FESTIVIDADES DOS QUILOMBOS DE GAROPABA

Neste capítulo nos reportamos às diferentes festividades que permanecem como tradição nas Comunidades Quilombolas de Garopaba: Aldeia e Morro do Fortunato. Dentre elas destacam-se os Bailes, as Brincadeiras de Boi de Mamão, os Ternos de Reis, a Festa da Tainha, o Carnaval, a Festa de São Lourenço e outras festividades que se evidenciam a partir das crenças, hábitos e costumes das Comunidades Quilombolas, exaltando a alegria e a simplicidade dessas comunidades, traduzidas em acolhimento e participação comunitária. Destacamos a importância dessas festas no fortalecimento das comunidades quilombolas, bem como da sua identidade étnica.

Que estratégias as comunidades Aldeia e Morro do Fortunato utilizam para manter seus costumes? A municipalidade, como um todo, reconhece o valor da cultura afro-brasileira pertinente aos Quilombos de Garopaba? Que lugar as festividades dos remanescentes de quilombo ocupam dentro de um município como Garopaba, que se auto intitula de tradição açoriana? A população local interage com os grupos quilombolas nos momentos de festividade? Existem fronteiras que separam a cultura afro-brasileira da cultura açoriana? Para dar conta dessas e de outras questões, encaminhamos reflexões a respeito das festas e outros eventos considerados festivos nas comunidades quilombolas de Garopaba e suas relações com o processo de criação e recriação da autoafirmação das identidades e alteridade dos grupos em experiência de vida comunitária, aliada ao que se considera pertencimento à ancestralidade africana. A partir de pesquisas de campo, o trabalho assinala elementos essenciais às festividades, que embora marginalizada por uma cultura de branqueamento dos costumes e das instituições estão

identificadas contemporaneamente com o movimento de reconhecimento das origens e de autoidentificação como quilombola.

4.1 ALDEIA E SUAS FESTIVIDADES

No contexto atual das festividades realizadas na Comunidade da Aldeia, ressalta-se a Festa da Tainha. Deve-se lembrar de que outras festividades se fizeram presentes no decorrer dos anos, como a Brincadeira de Boi de Mamão e o Terno de Reis, práticas comuns no município de Garopaba bem como em todo folclore litorâneo brasileiro.

É recorrente nas memórias de moradores da Comunidade da Aldeia, como as do Senhor Abrão João de Souza, 77 anos, bem como nas memórias dos moradores das circunvizinhanças, como nas lembranças do Senhor João Marques, 88 anos, e Santina da Silveira Teixeira, 83 anos, as Brincadeiras de Boi de Mamão e os Ternos de Reis da Aldeia, ainda famosos e do conhecimento e apreciação de toda a redondeza. Segundo o Senhor Abraão João de Souza, morador da Comunidade da Aldeia:

A brincadeira de Boi de Mamão da Aldeia era bem conhecida; meu pai era quem comandava a brincadeira e minha mãe era quem enfeitava a bicharada. Na época se dizia ‘cobrir os bichos’; minha mãe comprava os tecidos na casa do seu Zé Abrão a prazo. Não ganhávamos muito dinheiro, mas se recebia o pagamento em forma de alimentos e cachaça. A média das apresentações era de três visitas por noite, sendo casas dos próprios pretos e, muitas vezes em casa de branco, que ansiavam pela presença da brincadeira, em atendimento ao convite formulado com antecedência, complementando as festividades que costumavam dar. Eles nos convidavam para

apresentar à brincadeira somente aos sábados, pois o restante da semana todo mundo ia para roça ou ia pescar. Para nós era uma grande alegria⁷⁹.

As memórias do Senhor Abraão se remetem à arte de fazer a brincadeira, como cobrir os bichos, ensaiar as músicas, ter os cantadores e brincantes. Faziam dessa brincadeira a arte de levar alegria a um espaço de construção e interação cultural. Uma prática festiva que possibilitava a integração social da comunidade promovendo o envolvimento com as comunidades vizinhas. Apresentar a bicharada nas outras localidades era prazeroso para a Comunidade da Aldeia, sendo considerado um momento de lazer. Nos dias das apresentações, a comunidade se dedicava à organização do evento, preocupando-se com os instrumentos, vestuários dos bichos e transporte. No envolvimento e organização com a brincadeira, o trabalho do cotidiano deixava de ser a principal ocupação, ou seja, era um momento de inversão.

Segundo Maria Bernadete Ramos Flores (1997), as lembranças dos depoentes, nesse caso os quilombolas da Aldeia, em geral, estão inseridas dentro de um tempo cíclico da tradição, pois o cotidiano dessas comunidades estava marcado pela pesca e agricultura, o trabalho se mistura ao tempo lúdico e religioso. Nas lembranças dos moradores, as práticas festivas tinham épocas marcadas, se repetiam anualmente, havia uma organização e espera pela festividade. A Comunidade disponibilizava o tempo e a participação de homens, mulheres e crianças. “A memória é povoada pelas lembranças das festas, das brincadeiras tradicionais que configuram as épocas, marcadas pela repetição: o Terno de Reis, a farra do boi, o boi-de-mamão [...]” (FLORES, 1997, p.

⁷⁹ SOUZA, Abraão de. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 03 de janeiro de 2014. Entrevista.

146). Tal situação é recorrente em diferentes localidades do litoral catarinense.

As práticas festivas mencionadas pelos depoentes aconteciam dentro de um tempo cíclico, bem demarcadas em determinadas épocas do ano, como o mês de junho⁸⁰, período no qual atualmente acontecem as festas juninas. Portanto, nesses momentos, são criados espaços de sociabilidade e diversão entre as comunidades. Ou seja, deve-se refletir a festividade da brincadeira de Boi de Mamão como cultura popular enquanto espaço de emancipação.

A pesquisa denominada “Entre o campo e a cidade: memórias, trabalho e experiências na Comunidade do Morro do Boi, Balneário Camboriú - SC”, realizada por Mariana Schlickmann⁸¹, evidencia que festividades populares como a brincadeira do Boi de Mamão, o Terno de Reis e a Dança do Pau de Fitas não são práticas, somente, da cultura açoriana, como se costuma acreditar. De acordo com os depoimentos e entrevistas realizadas na Comunidade do Morro do Boi, estas práticas festivas também fazem parte da cultura afro-brasileira. Um dos depoimentos obtidos nessa comunidade foi o do Senhor Fabriciano Cristino da Graça⁸², como se pode conferir:

Eu lembro porque eu era pequeno, todo ano ele fazia Boi de Mamão, Terno de Reis e Pau de fita. Nossa casa morava um monte de gente, chegava de noitinha, o pai passava a mão no tambor, ficava a noite inteirinha tocando Terno de Reis, Pau da Fita, Boi de Mamão. É do tempo dos escravos, não é dos brancos.

⁸⁰ Época das festas em homenagem aos santos católicos: Santo Antônio, São João e São Pedro.

⁸¹ Trabalho de Conclusão do Curso de Bacharel em História da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, 2012.

⁸² GRAÇA, Fabriciano Cristino, **Entrevista cedida a** Ana Elisa Schlickmann. Balneário Camboriú, em 2008.

É importante destacar que a Comunidade do Morro do Boi, em Camboriú, não é a única comunidade do Litoral Catarinense na qual os moradores têm sentimento de pertencimento a práticas festivas como a Brincadeira do Boi de Mamão e o Terno de Reis, como enraizadas na cultura africana. Esse sentimento, também existe no município de Garopaba, onde a cultura açoriana tem uma grande representatividade e se intitula como propulsora dessas práticas festivas. Para entendermos melhor as ambiguidades referentes ao pertencimento cultural dessas festividades, recorreremos às memórias da Senhora Santina da Silveira Teixeira, 83 anos:

Eu tinha uns dez anos de idade, isso era na década de 40 e me lembro das primeiras brincadeiras de Boi de Mamão que surgiram aqui em Garopaba, foi a da Aldeia comandada pelo João Adão, e depois surgiu a dos filhos do Dorvalino Miguel, morador da Ibiraquera, todas duas de famílias negras. Eu ainda lembro até a música que a turma da Aldeia cantava nas apresentações: ‘Lá do mar abaixo vem um batelão, o que leva dentro é o Boi de Mamão. Ó nosso vaqueiro bota o boi pra dentro, que o dono da casa já deu a licença’. Por isso é que eu falo que a brincadeira de Boi de Mamão e os Ternos de Reis daqui de Garopaba quem criou foram os pretos, depois os brancos copiaram, como o povo da Encantada⁸³.

Muitos dos moradores da comunidade e das redondezas têm ainda na memória a trama dos acontecimentos que ocorriam nessas brincadeiras, como é o caso da Senhora Santina da Silveira Teixeira, que tem lembranças até dos

⁸³ TEIXEIRA, Santina da Silveira, **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 17 de maio de 2013. Entrevista.

versos que eram cantados nas festas. Mas, o que merece destaque são as referências que a Senhora Santina, de Garopaba, e do Senhor Fabriciano da Comunidade do Morro do Boi, em Camboriú, fazem em relação a tais festividades. Mediante suas memórias, essas práticas festivas, que se dizem açorianas, fazem parte da cultura afro-brasileira ou africana e não dos europeus como é afirmado nas obras relativas ao cotidiano festivo do Litoral Catarinense.

Outro fator relevante a ser pesquisado nas brincadeiras do Boi de Mamão, na década de 40, diz respeito à composição da bicharada. Quais bichos eram utilizados nas apresentações? As comunidades que tinham brincadeira de Boi de Mamão como a Aldeia, Ibiraquera e Encantada apresentavam-se nas festas com os bichos semelhantes? Para entendermos melhor o contexto festivo que essas comunidades viviam, nos atemos às lembranças da Senhora Santina da Silveira Teixeira:

A brincadeira de Boi de Mamão de antigamente, como a do João Adão da Aldeia, tinha somente o boi, o cavalinho, o urso, o cervo e era acompanhado pelos mascarados. Depois veio a brincadeira do Dorvalino Miguel da Ibiraquera, que surgiu depois da Aldeia e tinha os mesmo bichos que a Aldeia, mas eles complementaram com a saborosa, pai João e a bernunça. Já a brincadeira dos Cardosos da Encantada, a dos brancos, além de usar os bichos que já eram conhecidos nas brincadeiras dos pretos, eles também criaram à cabra, o carneiro, a cobra, o leão, o macaco, que brincam até hoje em dia⁸⁴.

Analisando o depoimento acima, percebe-se que as brincadeiras de Boi de Mamão (Figura 25), no município de Garopaba, são constituídas em momentos distintos. Levando

⁸⁴ Idem.

em consideração as entrevistas realizadas na Comunidade da Aldeia e nas comunidades vizinhas, a iniciativa foi dos moradores da Aldeia, mais especificamente da família do Senhor João Adão. Eles foram os primeiros a apresentar a brincadeira e, talvez, por falta de recursos suas brincadeiras eram apresentadas com poucos bichos. Em seguida na Ibiraquera com a família do Dorvalino Miguel, expandiram essa brincadeira, incluindo outras personagens na prática festiva. A partir dessas exposições é que surgiram outras brincadeiras de Boi de Mamão, como a da família Cardoso, na Encantada, a dos brancos; essa brincadeira já contava com a participação de vários personagens, muitos deles semelhantes às brincadeiras dos afro-brasileiros de Garopaba e outros de criação própria.



Figura 25: Boi de Mamão apresentado em Garopaba – SC.
Fonte: <http://www.falagaropaba.com.br/garopaba/cultura>.
Local: Garopaba – SC.

Atualmente a brincadeira da Encantada é acompanhada de instrumentos musicais, como tambor, gaita, violão,

pandeiro, sarilho, chocalho. Junto acompanham três mascarados: o Mateus - dono do boi, o vaqueiro e o doutor que cura o boi quando fica doente, sempre na companhia de uma benzedeira, a pedido do Mateus. O puxador tira os versos e os companheiros repetem. Ressaltando que no decorrer dessas práticas festivas, havia certa rivalidade entre essas comunidades: à disputa pelas apresentações, a mais bonita, a mais organizada, a mais bem cantada. Possivelmente tais disputas geravam inclusive brigas, como as narradas pelo Senhor João Marques, 88 anos:

Havia muita briga. Às vezes quebravam até os bichos, vou te contar uma façanha que aconteceu na casa do Manoel Leandro. Fizeram uma briga e o pau comeu. Um dos homens que estava brigando era da Ressacada, ele pegou o urubu, o bicho da brincadeira da Aldeia, pelo pescoço e fez uma volta e jogou na roça de milho. Foram lá, juntaram o bicho e trouxeram para continuar a brincadeira; mas o urubu estava com o pescoço quebrado. Aí eles cantavam assim: senhor dono da casa, até manhã se Deus quiser, o bico do ‘aribu’ quem quebrou foi o Miné⁸⁵.

Através desta fala, fica evidente a rivalidade entre as comunidades do entorno da Aldeia. Prova disso são os diferentes apelidos pejorativos utilizados para denominar os moradores de um determinado lugar. Segundo o Senhor João Marques: “Quem morava na Ressacada era chamado de Miné, na Ibraquera chamados de Carneiros, no Campo D’ Una chamados de Catutas”⁸⁶. Ou seja, na cultura do povo há significações latentes de identidade e de compreensão crítica

⁸⁵ MARQUES, João. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 10 de janeiro de 2014. Entrevista.

⁸⁶ Idem

do real que conduzem a disputas políticas através da cultura. Segundo Carlos Rodrigues Brandão, “Festas e bois são falas, são linguagens. Não são objetos [...] São coisas vivas, modos de sentir, pensar, viver e festejar”. (BRANDÃO, 1982, pg. 84). O Senhor Abraão João de Souza, 77 anos, tem as seguintes lembranças relativas às Brincadeiras de Boi:

A brincadeira de Boi de Mamão servia para alegrar a comunidade. O mais longe que nós íamos era até o Sambaqui, no Arroio, aqui no Campo D’ Una e Araçatuba (Figura 26). Naquele tempo era nas casas de engenhos que nós íamos brincar. Todos iam, até a mulherada e as crianças. Ia todo mundo a pé, às vezes os bichos iam de carro de boi, às vezes com um caminhãozinho de um amigo que levava. Todo mundo tomava café com rosca, bolo, broa, rolava umas cachaças. Tudo isso acontecia a uns setenta anos atrás⁸⁷.

A brincadeira de Boi de Mamão e os Ternos de Reis, práticas festivas realizadas pela Comunidade da Aldeia, nos instigam a pensar na possibilidade dessa comunidade elaborar projetos independentes em que prevaleça a essência de qualquer brincadeira, ou seja, com o objetivo de brincar, rir, e se divertir, vinculando estes sentimentos de alegria a um projeto maior de interação social. Uma espécie de resistência social, que segundo Nestor Garcia Canclini (1998) [...] “se eleve à diversidade, e as desigualdades, ‘entre classes, etnias ou grupos’, se reduzam a diferenças” (CANCLINI, 1998, p.157).

⁸⁷ SOUZA, Abraão de. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 03 de janeiro de 2014. Entrevista.

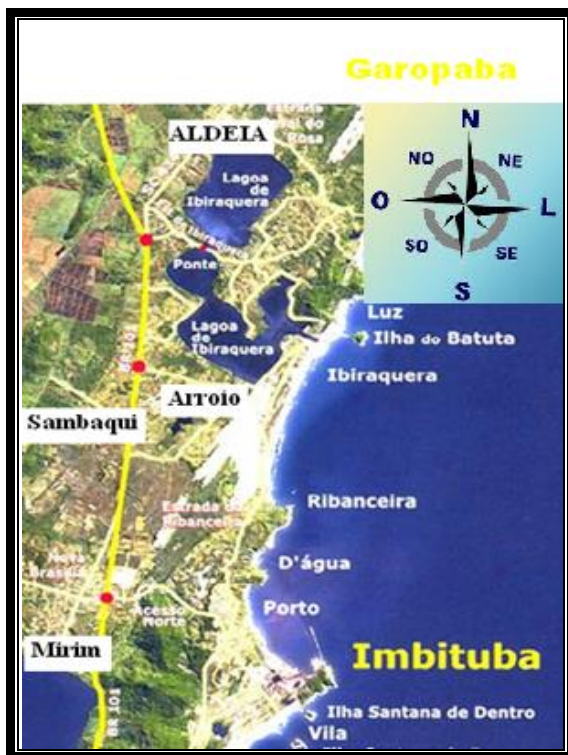


Figura 26: Mapa do Município de Imbituba - SC.

Fonte: www.imbituba.sc.gov.br.

Edição: Da autora.

Ano: 2014.

Além da brincadeira do Boi de Mamão, é pertinente conhecer outro ‘ritual festivo’: o Terno de Reis, manifestação cultural muito conhecida e praticada na Aldeia e nas comunidades vizinhas. Assim, nos Ternos de Reis, temos de um lado toda a tradição da poesia popular e do folclore, da versificação feita de fórmulas mnemônicas, de ritmos e versos próprios, advindos do improviso; e de outro lado, temos a expressão performática, o canto e a voz, o corpo e o gesto, os cantores e seu público. No caso do Terno de Reis da Comunidade da Aldeia, atentamos para a poesia popular que

irá refletir, através de cânticos religiosos, a perpetuação de uma série de crenças e valores culturais. Segundo o Senhor João Marques, 88 anos, morador da Comunidade do Campo D' Una:

Aqui por perto não tinha Terno de Reis tão bem cantado como o da Aldeia. As pessoas abriam a porta com prazer. O terno era do Zé Adão, ele cantava e tocava gaita, o filho dele, tirava o verso, a Gelona, mulher dele, carregava a 'saca' de carregar o dinheiro e as coisinhas que ganhavam. Iam cantar no Arroio, na Garopaba e no Mirim (ver Figura 25). O Zé Adão antes de ir cantar nas casas, saía tratando com os moradores. Assim as pessoas se organizavam para melhor brindar, esperavam com café e com um dinheirinho a mais. Ganhavam pouquinho dinheiro, o mais era cachaça e café. Os versos que eles tiravam eram referentes à época religiosa que estavam cantando, se era natal os versos era sobre o nascimento do menino Jesus, a chegada dos três reis magos e assim por diante ⁸⁸.

Entende-se que esses versos poéticos, advindos de textos sagrados, era o que consubstanciava o Terno de Reis. Assim, de maneira performática, os músicos e cantores saíam pela noite, batendo nas portas das casas de amigos e compadres, em busca de acolhimento para cantar. Os Ternos de Reis costumam se organizar e se apresentar em comunidades bastante humildes, entre as classes ditas populares, como comunidades de pescadores ou agricultores, onde o sentimento de vizinhança e compadrio ainda é muito forte, contagiando todos os arredores. Os versos são

⁸⁸ MARQUES, João. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 10 de janeiro de 2014. Entrevista.

relacionados a questões religiosas e poeticamente elaborados, enunciando do advento de Jesus Cristo até a chegada dos Três Reis Magos. Segundo o Senhor Abraão João de Souza, 77 anos:

Meu pai era um dos cantadores e tocava gaita; o terno era composto por todo mundo daqui da Aldeia. O cantador era muito bom; nós cantávamos aqui no Campo D' Una, ia até Garopaba e até cansamos de cantar em Imbituba, Morro do Fortunato; todos a pé. Era uma bagunça; em cada casa de amigo ou compadre que batíamos éramos bem recebidos; todos abriam a porta, nos davam café, cachaça, dinheiro e muita alegria⁸⁹.

O Terno de Reis é uma tradição que liga vizinhos e compadres através de vínculos extremamente estreitos, ou seja, através de relações em que um ajuda o outro e todos se conhecem. As Festas Natalinas, o Ano Novo e Dia de Reis são datas importantes para os grupos cristãos em todo o mundo, nesses momentos, as famílias, os amigos, os vizinhos e compadres se unem em torno de um sentimento de fraternidade que se traduz nos alegres versos dos Ternos de Reis. Essa é uma tradição que se mantém viva no município de Garopaba bem como em outras localidades, em especial, nas litorâneas. Segundo o Senhor João Marques, 88 anos: “O Terno de Reis da Aldeia era bem recebido em qualquer casa, seja de preto ou de branco. Todo mundo gostava deles, pois eles tiravam uns versos bem engraçados”⁹⁰.

⁸⁹ SOUZA, Abraão de. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 03 de janeiro de 2014. Entrevista.

⁹⁰ MARQUES, João. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 10 de janeiro de 2014. Entrevista.

Outros eventos festivos na Comunidade da Aldeia merecem destaque. Chama-se atenção para o fato de que ‘evento’ pode ser qualquer acontecimento que fuja às ações do cotidiano. Uma das festividades mais frequentadas eram os bailes. Convém ressaltar ainda que a Comunidade da Aldeia não se diferenciava, em nível social ou econômico, da Comunidade do Campo D’ Una, sendo que ambas sobreviviam da agricultura familiar, do plantio da mandioca, milho, feijão e da atividade pesqueira praticada, preferencialmente, na lagoa da Ibiraquera.

Na Comunidade do Campo D’ Una estavam localizados os principais centros de convívio entre os dois grupos: a escola, a igreja, e os salões de bailes. Havia dois salões de baile particulares: um reservado à diversão para as pessoas brancas e outro para as pessoas negras, sendo proibida nos clubes a presença dos membros do outro grupo. Segundo o Senhor Abraão João de Souza:

Aqui no Campo D’ Una tinha dois salões de bailes, um de pretos e outro de brancos. O salão dos brancos era do José Rosalino e o dos pretos era do Vilmar. Nós íamos ao salão dos pretos, o do Vilmar. Era assim, os brancos batizavam filhos de pretos, os pretos trabalhavam na casa dos brancos, faziam negócio junto, menos dançar. O salão, tanto de preto como de branco, tinha um reservado para outros verem o baile. No salão dos brancos, nós só podíamos tomar uma gasosa, porque cerveja não existia. Hoje em dia é diferente do tempo antigo, a negada é diferente. Naquele tempo tinha um baile de preto lá no Morro do Fortunato e nós amarrava os sapatos no ombro e se mandava, pois aqui no Campo D’ Una o

baile era dos brancos e nós não podíamos entrar⁹¹.

A entrevista evidencia que tal separação se mantinha também em outras comunidades da cidade de Garopaba. No entanto, embora tenha surgido como fator de segregação, o tempo contribuiu para a efetivação de uma cultura que foi se diluindo pela aproximação e compartilhamento de seus partícipes. Na comunidade do Campo D' Una, a presença dos dois clubes durou até meados da década de 1970. Segundo Senhor Abraão João de Souza:

Todos, brancos e negros, participavam de todas as festas, brincadeira de Boi de Mamão, Terço da Bandeira do Divino Espírito Santo, Terno de Reis e Missas, a separação era só nos bailes. Eu peguei essa separação; somente fui me misturar com brancos em bailes lá em Curitiba quando fui morar lá em 1962. Em 1966 eu vim para cá me casar e ainda não podíamos dançar no mesmo baile. Eu lembro que foi liberado para se dançar juntos na década de setenta⁹².

O entrevistado ressaltou que os grupos mantinham-se separados até a década de setenta, passando, após esse período, a conviver no mesmo espaço. Lembrando que o rompimento dessas fronteiras se deu de forma velada, sutil e perversa. Segundo o Senhor João Marques, 88 anos:

João Adão, morador da Aldeia, tocador de gaita, os filhos do Dorvaldo, tocadores de

⁹¹ SOUZA, Abraão de. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 03 de janeiro de 2014. Entrevista.

⁹² Idem.

cavaquinho, todos pretos, tocavam tanto nos bailes de pretos como dos brancos. Nas domingueiras era sempre o João Adão quem tocava para os brancos dançarem ⁹³.

É possível presumir que os grupos sociais, que conservavam a separação das pessoas em categorias, perderam um pouco de sua força e possivelmente, nas décadas seguintes, permitiram uma maior mobilidade social aos afrodescendentes. Lembrando que essa mobilidade social não foi dada livremente e sim conquistada através de muito trabalho e luta.

Atualmente a Comunidade da Aldeia realiza bailes, todas as sextas feiras, na Associação Comunitária da Aldeia. A banda que toca é a ‘Sol de Verão’, especialista em vanerão ⁹⁴. O Senhor Leonércio Marques, 56 anos, morador da comunidade do Campo D’ Una, costuma frequentar os bailes: “Vou todas as sextas-feiras no baile da Aldeia, lá encontro os amigos e tomo cerveja, o salão está sempre cheio, vem gente de todo lugar, mas a maioria das pessoas é da própria Aldeia” ⁹⁵.

A escolha do conjunto musical se dá a partir do gosto do público que participa. Segundo a moradora da Comunidade, Edinete Lemos, 42 anos, “Quem participa do nosso baile são os casais, por isso demos preferência a um conjunto de vanerão, temos um público bem participativo” ⁹⁶. Percebe-se que uma das preocupações da Associação da Aldeia é a situação econômica da comunidade. Esses bailes semanais podem ser vistos como uma forma autônoma que os

⁹³ MARQUES, João. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 10 de janeiro de 2014. Entrevista.

⁹⁴ Ritmo dançante, praticado na região sul do Brasil, espécie de forró gaúcho.

⁹⁵ MARQUES, Leonércio Marques. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 11 de janeiro de 2014. Entrevista.

⁹⁶ LEMOS, Edinete. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 03 de março de 2014. Entrevista.

afrodescendentes buscaram para garantir suas necessidades, ampliar suas redes de solidariedade e ascender-se socialmente. A imagem do baile na Comunidade Quilombola da Aldeia tende cada vez mais para a valorização do prazer através de atividades que promovam o bem estar da comunidade. Esta crescente busca por tais atividades se deve, entre outros motivos, à relação com a manutenção do grupo e também pela procura cada vez maior de espaços de entretenimento nos vários segmentos sociais.

Outro evento festivo que a Comunidade da Aldeia está estreando é o grupo de Samba de Roda, composto por senhoras e meninas da própria comunidade. O grupo se apresenta em diferentes eventos, como na Festa da Tainha, festividades internas e nas escolas na qual as crianças e jovens da comunidade estudam. Os ensaios acontecem na própria comunidade. Segundo Muniz Sodre “[...] as músicas e danças africanas transformavam-se, perdendo alguns elementos e adquirindo outros, em função do ambiente social” (2007, p.13). O Samba de Roda é uma das riquezas da cultura brasileira, por suas propriedades intrínsecas de patrimônio imaterial brasileiro, beleza, perfeição e poesia, e pelo papel proeminente que vem desempenhando nas próprias definições da identidade nacional.

Vale destacar, que a preservação de bens culturais de natureza imaterial, em Santa Catarina, tornou-se mais efetiva a partir de 1974. De acordo Janice Gonçalves:

O campo do patrimônio cultural (marcado basicamente pelo estudo e pelos investimentos de preservação de bens culturais transmitidos através das gerações), o termo “tradição” é há bastante tempo (ao menos desde a década de 1970) empregado nas fortes discussões e ações de valorização de várias dimensões da cultura tidas, portanto, como “tradicionais”: relaciona-se o patrimônio cultural aos “povos

tradicionalis”, às “populações tradicionais”, às “organizações sociais tradicionais”, ao “conhecimento tradicional”, que recobririam grupos sociais tão distintos. (2013, 04).

Nesse sentido, o Samba de Roda tem caráter multicultural e à medida que apresenta múltiplas possibilidades de significações e desdobramentos, o Samba de Roda altera seu sentido e organização interna e externa, dependendo do conjunto que se apresenta. Referente à organização e apresentação do grupo de Samba de Roda da Comunidade da Aldeia, a Professora Elaine Coelho da Luz, 44 anos, teceu alguns comentários sobre uma apresentação realizada na Escola de Educação Básica (EEB) Maria Corrêa Saad, em Campo D’Una (Figura 27):

O Samba de Roda da Aldeia foi apresentado pelas alunas juntamente com a Senhora Acioli, moradora da Aldeia, na EEB Maria Corrêa Saad, escola em que eu lecionava. Apresentaram uma performance muito bem ensaiada, caracterizando a contribuição do negro na cultura brasileira. A apresentação foi instrumentalizada pelo professor de capoeira Paulo Forte. Este evento foi o complemento de um trabalho desenvolvido em sala de aula na Semana da Consciência Negra. Um fator que merece destaque foi a aceitação e participação dos alunos e professores que acompanharam a apresentação, envolvendo-se com a música. Todos dançaram e sambaram⁹⁷.

O Samba de Roda da Aldeia apresentado na escola enalteceu a cultura africana. O Samba significa ao mesmo

⁹⁷ LUZ, Elaine Coelho. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 11 de janeiro de 2014. Entrevista.

tempo festa, música e dança. No Brasil, o Samba de Roda pode acontecer como uma comemoração no próprio dia-a-dia, tanto como encerramento de festividades religiosas ou projetos, como o da EEB Maria Corrêa Saad. O Samba de Roda apresenta aspectos musicais e coreográficos, como se pode conferir na figura seguinte, que se tornam marcas de historicidade a serem reconhecidas em relatos históricos da cultura popular do país. Atividade cotidiana ou ritual, sambar é celebrar a identidade e a memória dos afro-brasileiros. Segundo Muniz Sodré, “Cantar/dançar, entrar no ritmo, é como ouvir os batimentos do próprio coração, é sentir a vida sem deixar de nela reinscrever simbolicamente a morte”. (SODRÈ, 2007, p.23).



Figura 27: Grupo de Samba de Roda da Aldeia - Garopaba - SC.

Fonte: Acervo pessoal da Professora Elaine Coelho da Luz.

Local: E.E.B. Maria Corrêa Saad.

Ano: 2012.

No grupo de Samba de Roda da Aldeia, bem como em outros grupos da mesma categoria, as manifestações emanam através de impulsos rítmicos conduzidos por sentimentos contagiantes que, em geral, estão relacionados às crenças e a cultura da comunidade. As comunidades remanescentes de quilombos, ainda hoje, são exemplos de resistência e luta na preservação dos seus valores culturais. Tais valores são repassados e manifestados através da tradição oral, nas quais as culturas da dança, da música, das festividades costumam ser transmitidas de geração a geração.

Também deve ser destacada a Festa da Tainha da Aldeia. As propagandas que a antecedem anunciam um momento de profunda alegria não só para os quilombolas, mas também para todas as comunidades do entorno. A festa representa a luta pela autoafirmação da comunidade, caracterizando a cultura afro-brasileira nos ritos, símbolos, costumes, danças, representações e músicas, denunciando os anseios de liberdade que caracterizavam os Quilombos. Segundo Glória Moura, o conceito de festa pode ser considerado em vários aspectos:

[...] permite entrever as múltiplas relações que têm lugar numa micro sociedade e os valores que assim ela explicita: do parentesco ao meio ambiente, do calendário agrícola ao respeito aos mais velhos, da produção artesanal à história dos ancestrais, da liderança feminina ao conhecimento das plantas, das relações de afetividade aos valores humanos considerados fundamentais. Por esta razão, a festa, com seus ritos e símbolos, revela os costumes, os comportamentos, os gestos herdados e aponta ao mesmo tempo para as negociações simbólicas entre essas comunidades negras e os grupos com os quais interagem [...] (MOURA,1998, p.14).

Nesse sentido, pode-se afirmar que a realização de uma festa pode ser considerada a composição da vida comunitária evidenciando seus vários aspectos, como reafirmação e transmissão de valores da comunidade. Segundo a historiadora Karla Leandro Rascke, as festas são “expressão de embates sociais, disputas de poder, luta por territórios, espaços de práticas e significados que se alteraram ao longo do tempo, apesar de permanências, históricas e culturais” (RASCKE, 2013, p. 129). Organizar uma festividade dentro da comunidade significa, portanto, manter o pertencimento do grupo, introduzir novos elementos culturais, fortalecer os laços e a identidade, mantendo-o coeso.

Para referenciar, neste estudo, a Festa da Tainha na Comunidade Quilombola da Aldeia, sentiu-se necessidade de conhecer o processo que deu origem ao festejo. Segundo o presidente da Associação Comunitária da Aldeia, Claudemir Antônio Lemos, 42 anos, conhecido por Dadá:

A Festa da Tainha teve início em 2004, com a iniciativa do vereador Maurício de Carvalho, que era sócio da associação. Nós precisávamos de uma festa que nos representasse na região, que fosse da nossa cultura e tradição e que trouxesse renda para a associação; fizemos uma reunião e o Maurício deu a ideia da Festa da Tainha e foi aceita por unanimidade, a partir de então resolvemos fazer a festa.⁹⁸

Desde 2004 a Comunidade da Aldeia realiza a Festa da Tainha. A festividade recebe um público bem diversificado, constituído de jovens, adultos, crianças e idosos do município de Garopaba e dos municípios vizinhos. Segundo Claudemir Antônio Lemos: “Nossa festa é visitada por muita gente; a

⁹⁸ LEMOS, Claudemir Antônio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 23 de jun. de 2012. Entrevista.

feita fica lotada de pessoas de Garopaba, Imbituba, Paulo Lopes, vem gente até de Florianópolis, Tubarão e Criciúma”⁹⁹. Considera-se que a Festa da Tainha é um evento importante, em que há a participação de centenas de pessoas, afro-brasileiras ou não, parentes e não parentes das famílias quilombolas, pessoas provenientes da própria comunidade em a festa é realizada, de outras comunidades, do próprio Quilombo, de municípios vizinhos e das cidades do entorno. Esta festa, além de contribuir para a coesão do grupo e encontros com parentes e amigos que moram fora da comunidade, serve para reafirmar laços de amizade e convivência com comunidades e municípios vizinhos.

Em função dos laços de amizade entre a Aldeia e as comunidades vizinhas, foram convidados alguns Grupos de Mães (Ressacada, Limpa e Campo D’ Una) para participar da Festa da Tainha, através de uma gincana no ano de 2010. Segundo Sandra Marques Gonçalves, 31 anos, moradora e participante do Grupo de Mães do Campo D’ Una, essa participação se deu da seguinte forma:

Em 2010, quando recebemos o convite para participar da Festa da Tainha ficamos encantadas; nossa participação era através de uma gincana de artesanatos e a outra função era montar tendas para vender comidas e artesanatos. Todas pegamos junto e gostamos muito de participar da Festa da Tainha da Aldeia. O Grupo de Mães da Aldeia era responsável pela janta, o da Ressacada responsável pela venda da pipoca, o da Limpa pela venda de tortas e do Campo D’ Una responsável pela venda de cachorro-quente. Trabalhamos sábado e domingo, vendemos

⁹⁹ Idem.

muito e ficamos felizes de poder contribuir e participar da Festa da Tainha¹⁰⁰.

É comum o desejo das lideranças da Comunidade da Aldeia, bem como de outras comunidades, de manter e divulgar sua cultura quilombola, a cultura afro-brasileira e a interação com as comunidades vizinhas. Ou seja, é possível misturar o ‘tradicional’ e o ‘novo’, os aspectos culturais e sociais considerados importantes tanto para os moradores das comunidades quanto para os que estão além dos seus ‘muros’, propiciando festividades internas e externas com manifestações culturais destinadas a cada um destes públicos, e em momentos distintos.

Mitos, lendas, costumes, crenças religiosas, sistemas jurídicos e valores éticos refletem formas de agir, sentir e pensar de um povo e compõem seu patrimônio cultural. O ser humano é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu (GUEERTZ, 1989, p.15).

Para a Comunidade Quilombola da Aldeia a Festa da Tainha representa a tradição recontada através da escolha do nome da festa, dos alimentos e utensílios utilizados no decorrer da festividade, dando ênfase à terra, à produção agrícola / pesqueira e à identidade afro-brasileira que perpassam o festejo. Segundo o Senhor Claudemir Antônio Lemos:

Escolher o nome da festa não foi difícil, pois a tainha representa nosso povo, nossa cultura, nossos antepassados e nossas tradições, que vivem e viveram da pesca e da agricultura isso nos levou a pensar e aceitar a Festa da Tainha e

¹⁰⁰ GONÇALVES, Sandra Marques. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 20 de novembro de 2013. Entrevista.

também porque combina com o período do inverno, o período da pesca¹⁰¹.

Nesse viés, teorizar a questão da tradição é sem dúvida um desafio bastante pertinente. A palavra ‘Tradição’ deriva do latim: *traditio*, do verbo *tradere*, que significa a ação de transmitir, entregar. Proveniente do direito romano, a expressão denotava originalmente a ideia de transmissão material, de poder ou direito a outrem. “Mas além da acepção jurídica, o vocábulo *traditio* significava, já na Antiguidade, a transmissão de ideias, ensinamentos, práticas, normas e valores”. (COUTINHO, 2005, p. 88). Ou seja, as festividades quilombolas estão imbricadas com a tradição e a cultura herdada de seus antepassados.

Os preparativos para uma festa envolvem muitas pessoas, principalmente nos dias que a antecedem. O movimento da Comunidade Quilombola da Aldeia é amplo e organizado, as tarefas são divididas. Claudemir Antônio Lemos explica tais preparativos: “Organizar a limpeza, construção de tendas, caixa, bar e enfeites, combinar com os moradores as tarefas, além de que, meses atrás, já organizamos a propaganda, e as bandas que irão tocar”¹⁰². Em relação à música ou às bandas que tocam na Festa da Tainha, o Senhor Claudemir faz questão de deixar claro:

A Festa da Tainha é feita em três dias, sexta, sábado e domingo. Todos os anos realizamos a festa; toda noite tem uma banda diferente; a gente procura trazer pagode como esta banda de Florianópolis da Colônia (Figura28), pra gente tentar caracterizar bem a festa com a cultura africana. Mas precisamos variar um

¹⁰¹ LEMOS, Claudemir Antônio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 23 de jun. de 2012. Entrevista.

¹⁰² Idem.

pouco devido às diferenças das classes, idosos e jovens; por isso tentamos mesclar para que agrade a todos. Mas nosso direcionamento é mais para a cultura africana. Nessa festa hoje, até o momento quatro bandas já tocaram: duas bandas de vanerão para agradar o público de mais idade e duas de pagode pertencente à cultura africana para a juventude, para a galera que gosta do samba e do pagode¹⁰³.

Para entender mais acerca do papel das festas e rituais religiosos nas Comunidades Remanescentes Quilombolas, rememoramos as considerações de Gloria Moura, que afirma ser a festa uma das formas de reafirmação de valores da comunidade, avalizando identidade e autoridade do grupo. Segundo a autora, os eventos dão força e significado ao grupo, “[...] a verdadeira cultura da festa é que evidencia o que mantém em cada um o sentido de pertencimento ao grupo.” (MOURA, 1998, p.14).

¹⁰³ Idem.



Figura 28: Banda de pagode da Coloninha - Florianópolis - SC, na Festa da Tainha na Aldeia - Garopaba - SC.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Local: Comunidade da Aldeia.

Ano: 2012.

As festas populares, inclusive a da Tainha, permitem àquele que vem de fora participar efetivamente da programação, como almoço com tainhas assadas (Figura 29), servidas em telhas de calha com complementos de pirão de caldo de peixe e saladas produzidas pela própria comunidade (Figura 30). Além da comida, os visitantes podem aproveitar as danças apresentadas pela comunidade, as tendas que vendem os artesanatos e, principalmente, as bandas que alegam a festa.



Figura 29: Tainhas assadas na Festa da Tainha na Aldeia - Garopaba - SC.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Local: Comunidade da Aldeia - Garopaba - SC.

Ano: 2012.



Figura 30: Jantar da Festa da Tainha na Aldeia - Garopaba - SC.

Local: Comunidade da Aldeia - Garopaba - SC.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

Ano: 2012.

Como evidenciado nas imagens acima, a comida é a principal atrativo da Festa da Tainha. O preparativo da comilança é motivo de alegria, principalmente entre as mulheres, que se encontram, conversam, trocam informações e dão o tom e o gosto da festa. A cozinha é um espaço provisório, construído de tábuas e bambu (Figura 31); nela são improvisados fogão e utensílios que garantam a eficiência da produção de alimentos para o público que prestigia a festa na comunidade.



Figura: 31: Mulheres trabalhando na produção da comida na Festa da Tainha - Aldeia - Garopaba - SC.

Fonte: <http://aloimprensa.blogspot.com.br/2010/07/7/>.

Local: Comunidade da Aldeia - Garopaba - SC.

Ano: 2007.

Para conhecer as múltiplas festividades, vivências e experiências das Comunidades Quilombolas são necessários subsídios como uma nova forma de interpretar e pensar a cultura e o cotidiano, as expectativas, seus espaços de

sociabilidade e como esses agentes históricos interpretam e veem o mundo. Maria Odila Silva Dias define cotidiano:

A ideia de rotina, de lazer, de fatos encadeados num plano de continuidade, campo da necessidade e da repetição, área reservada ao consumo, à cultura dominante. Entretanto, para alguns pensadores de nossa contemporaneidade, o conceito sugere, antes, mudança, rupturas, dissolução de culturas, possibilidades de novos modos de ser. (1998, p. 226).

Nesse sentido, Maria Odila Silva Dias, faz alusão aos vários sentidos de experiências de vida e às múltiplas formas e estratégias de sobrevivência das práticas e costumes. As experiências vivenciadas no cotidiano possibilitam interpretar e relativizar as mudanças e transformações de novas necessidades. Nesse viés, é importante destacar a necessidade que a Comunidade Quilombola da Aldeia teve em criar uma festividade que valorizasse o seu cotidiano abrangendo e fortalecendo seus costumes e raízes culturais.

4.2 FESTIVIDADES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO MORRO DO FORTUNATO

Dedicamos essa seção para a apreciação de alguns aspectos relacionados às festividades realizadas na Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato em Garopaba - SC. Dentre as festividades que a comunidade desenvolve, iremos nos ater ao entrelaçamento de aspectos festivos e às heranças culturais africanas que foram capazes de dar aos quilombolas singularidades passíveis de um interessante objeto de pesquisa. Entre as práticas festivas desenvolvidas pela comunidade, enfocaremos o Carnaval e a Festa de São Lourenço, que faz parte das experiências vivenciadas por eles

e que vão desde os momentos festivos aos engendramentos frente ao sistema escravista, apresentando histórias de ação e recriação, nascidas da diáspora e que se mantêm presentes no município de Garopaba.

Destaca-se, então, primeiramente, as memórias relativas ao carnaval. Segundo a Senhora Jordina Rita Machado, 83 anos:

No tempo em que eu era moça o carnaval aqui no Morro dava muita gente. O salão era a própria casa do meu pai, como a casa era grande, meu pai tirava as paredes de dentro e ficava um salão. A casa ficava aberta, principalmente, no carnaval que começava no sábado e terminava na terça feira. As pessoas negras da região eram convidadas. Quando chegava à terça feira, de intrude, algum ‘ladino’ diminua o relógio para não chegar a hora, porque não poderia passar da meia noite. Vinha gente do Campo D’ Una, Encantada, e da região. Era somente os pretos, pois nós não nos misturávamos com os brancos. O gaitero era o João Adão da Aldeia. Nós fazíamos aquele cordão de carnaval, era muito divertido. Tenho saudade do carnaval daquele tempo¹⁰⁴.

A Senhora Jordina Rita Machado, em seu depoimento, nos apresenta uma questão muito pertinente em relação aos carnavais da década de 30 do século XX - os cordões de carnaval. Em relação a essa dança carnavalesca é importante salientar que não ocorreu só em Garopaba, mas em várias partes do Brasil. Entre estudos referentes a esta prática festiva “cordões carnavalescos”, destacaremos a pesquisa do Dr.

¹⁰⁴ MACHADO, Jordina Rita. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 19 de maio de 2012. Entrevista.

Paulino de Jesus Francisco Cardoso (2012), referente aos cordões de carnaval em São Paulo:

Nos anos 20, os cordões carnavalescos, surgidos nos anos 1910, deixaram de ser uma modalidade de agremiações típica de determinados bairros paulistanos, passando a ganhar a cidade, as ruas e a imaginação social sobre o carnaval. Em um jogo de respeito à ordem pública e afirmação de legitimidade, os cordões transformaram as visitas à catedral de polícia, no Pátio do Colégio, em uma “tradição” dos desfiles carnavalescos. Em suas comunidades de origem, multiplicando suas atividades, proporcionaram momentos de prazer e lazer durante o ano para seus respectivos agrupamentos negros.

Nesse sentido, entendemos que os cordões carnavalescos foram importantes para as comunidades afrodescendentes, balizando a construção de novos territórios, além de lazer e estreitamentos de laços culturais. Não só para as comunidades negras de São Paulo, mas também em outras comunidades, como a do Morro do Fortunato, os carnavais passaram a ser perpetuadores de laços de solidariedade, contribuindo para a visibilidade pública.

Ainda considerando a entrevista da Senhora Jordina, referente à festa de carnaval, percebemos que os cordões de carnaval faziam parte do calendário interno das festividades da comunidade, desde sua fundação, pois, a Senhora Jordina é uma das netas mais velhas do fundador do grupo. Vale destacar ainda, a importância das narrativas de sujeitos marcados pelas heranças africanas em relação às práticas festivas realizadas nas suas comunidades, espaços de sociabilidades ainda pujantes. Ou seja, essas lembranças são garantias de sua identidade étnica, manifestada pelas memórias

dos moradores depoentes que contam, lembram e narram às práticas festivas vividas. Segundo Lucília de Almeida Neves Delgado (2006):

Experiências de vida singulares podem se tornar paradigmas de experiências coletivas e de valores e hábitos de conjunturas e épocas. Com certeza, mediante essas experiências específicas, podem-se resgatar diferentes memórias sob diferentes óticas. Pelos depoimentos orais, atores sociais distintos podem se manifestar sobre o mesmo processo ou acontecimento. Mas, mais do que isso, cada depoimento colhido é, em si, multifacetado porque é humano. (2006, p. 70).

Nesse sentido é relevante mencionar que os moradores da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato falam a partir da perspectiva de suas experiências com os eventos festivos, a partir das heranças africanas presentes em suas vivências. Entende-se que é uma dinâmica complexa, cada entrevista é também evidenciadora da heterogeneidade temporal que simboliza a vida humana, traduzindo a interseção da experiência individual com o fio social da história.

A presença da Comunidade do Morro do Fortunato é esperada por todos no carnaval de Garopaba. Falar em carnaval atualmente na cidade é pensar no bloco ‘Unidos por Garopaba’ desfilando em seu carro alegórico (Figura 32) e suas camisetas, juntamente com uma multidão, cantando e dançando no Centro da cidade. Quem participou desse espetáculo na cidade de Garopaba, percebeu que por trás da beleza da música e da dança, houve um espaço de organização.



Figura 32: Carro Alegórico do ‘Bloco Unidos’ por Garopaba - Carnaval 2013.

Fonte: Arquivo pessoal da Autora.

Local: Centro da cidade de Garopaba - SC.

Ano: 2012.

Um aspecto relevante a ser pesquisado é referente aos espaços nos quais ocorrem os ensaios do bloco de carnaval. Segundo o Senhor Maurílio Machado, não foi fácil encontrar um espaço apropriado para ensaiar:

Nós começamos a ensaiar no campo do Ambrósio, mais não deu certo, ensaiamos só dez dias. Fomos para o Ginásio de esporte de Garopaba, também não deu certo, pois tinha muito eco. Conseguimos permissão para ensaiar duas vezes por semana no salão Paroquial do Centro de Garopaba, sendo que houve um bom rendimento e duas vezes na

semana nós ensaiávamos na praia. Tinha muita gente olhando os ensaios ¹⁰⁵.

Como vimos, mesmo precisando alternar os espaços de ensaios, sendo estes realizados inclusive na praia (Figura 33), o bloco se tornou um sucesso. A festividade carnavalesca apresentada no Centro da cidade de Garopaba é formada por um bloco com trinta componentes e quatro músicos, entre eles, um dos membros é responsável pelo violão, dois pelo cavaquinho e um vocalista. Uma das curiosidades despertadas em relação ao bloco e sua criação é esclarecida pelo Senhor Maurílio Machado, Presidente da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato:



Figura 33: Ensaio do ‘Bloco Unidos’ por Garopaba - Carnaval - 2013.

Fonte: Face Book da Comunidade Quilombola Morro do Fortunato.

Local: Praia do Centro da cidade de Garopaba - SC.

Ano: 2012.

¹⁰⁵ MACHADO, Maurílio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 16 de fevereiro de 2013. Entrevista.

A ideia de formar um bloco de carnaval aqui na Comunidade do Morro foi minha. Só que para montar o bloco de carnaval precisava de professores de escola de samba. Aqui no Morro ninguém tinha noção de como organizar ou ensaiar um bloco de carnaval. Liguei para três sobrinhos meus que moram em Florianópolis, o Eduardo, o Emerson e o Alex, e prontamente eles aceitaram a ideia de formar o bloco. Para eles seria fácil, pois eles já tinham experiência, são mestres de carnaval de escola de samba em Florianópolis¹⁰⁶.

Organizar um bloco de carnaval foi a ideia inspiradora do Senhor Maurílio morador da Comunidade do Morro do Fortunato. Morar numa comunidade na qual suas raízes culturais estão imbricadas na música e na dança, fez com que o Senhor Maurílio conseguisse colocar em prática um projeto que lhe era instigante. Inclusive levando a população a valorizar e conhecer alguns dos aspectos da cultura antes esquecidos ou desvalorizados. Um dos objetivos, ao formar o bloco, era mostrar a cultura de seu povo, ou até mesmo, mostrar a todos que sua comunidade tem potencial para organizar uma festividade.

É evidente a satisfação do morador que fala com entusiasmo em relação ao bloco carnavalesco ‘Unidos por Garopaba’, que pela primeira vez, em 2012, apresentou-se no Centro da cidade (Figura 34), envolvendo grande número de pessoas locais e turistas, que prestigiaram a iniciativa da Comunidade Quilombola com alegria e participação. Para Mercedes Machado, 43 anos, moradora do Morro do Fortunato, o bloco foi importante para a comunidade porque “Provamos para o povo de Garopaba que somos capazes de mobilizar o município, trazendo festa e mostrando nossa

¹⁰⁶ Idem.

cultura”¹⁰⁷. Nesse mesmo ano, o bloco carnavalesco do Morro do Fortunato, apresentou-se também no Camping Lagoa Mar e na comunidade da Gamboa. Segundo o Senhor Maurílio Machado as apresentações agradaram o público:

A comunidade gostou muito. O resultado foi dez. Nós fechamos à boca de muita gente. Ninguém acreditou que fosse dar certo. Principalmente os órgãos dirigentes do município, que não nos ajudaram. Não tivemos apoio financeiro de ninguém. No final do desfile, fiz um discurso que foi um desabafo, eu elogiei, eu agradei e também critiquei, pois era uma festividade que nunca tinha sido apresentada no município de Garopaba era a primeira vez. Felicidade nossa. ‘Puxamos’ mais de 10 mil pessoas para a folia¹⁰⁸.

A escolha do nome do bloco ‘Unidos por Garopaba’ se deu a partir de uma reunião realizada na comunidade. Segundo a moradora e integrante da Associação Quilombola do Morro do Fortunato, Mercedes Machado, “O nome do bloco, foi decidido por todos os moradores da comunidade. Queríamos um nome que mostrasse que somos unidos e que fizemos a diferença em Garopaba”¹⁰⁹. O nome do bloco fez parte do slogan das camisetas utilizadas pelos componentes do grupo, tanto nos ensaios como nas apresentações. Essas camisetas foram adquiridas pela própria comunidade.

¹⁰⁷ MACHADO Mercedes. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 13 de janeiro de 2014. Entrevista.

¹⁰⁸ MACHADO, Maurílio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 16 de fevereiro de 2013. Entrevista.

¹⁰⁹ MACHADO Mercedes. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 13 de janeiro de 2014. Entrevista.



Figura 34: Desfile do bloco ‘Unidos por Garopaba’ - Carnaval - 2013.

Fonte: Arquivo pessoal da Autora.

Local: Centro da cidade de Garopaba - SC.

Ano: 2012.

Outro evento festivo que merece destaque na Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato é a Festa de São Lourenço, padroeiro da Comunidade. A crença em São Lourenço é herança dos antepassados. Segundo a Senhora Jordina: “A devoção começou na casa do meu pai, com novenas para São Lourenço. Eram com arrematações de massa e com fogueiras. Depois meu pai começou a fazer baile depois das novenas”¹¹⁰.

De acordo com a entrevistada, o vínculo religioso que a comunidade estabelece com São Lourenço tem origens em seus antepassados. Seu pai contava que seu avô já constituía esta relação religiosa com o Santo. Prova disto, o nome do seu pai, ‘Lourenço’. Atualmente a Comunidade do Morro do Fortunato comemora, em agosto, o dia de São Lourenço, seu

¹¹⁰ MACHADO, Jordina Rita. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 19 de maio de 2012. Entrevista.

padroeiro, com grande festividade, aberta a todas as comunidades. Segundo a Senhora Jordina Rita Machado:

Agora eles estão fazendo a festa para o São Lourenço. Nos primeiros anos, eles faziam uma missa ali na sala de reunião e nos últimos anos eles estão fazendo em barraca lá no pasto. Vem gente de Florianópolis e de todos os lugares. Os festeiros são os próprios moradores do lugar, não tem procissão. Só tem a missa, o padre vem rezar aqui. Tem almoço e café para todo mundo¹¹¹.

A Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato realiza a Festa de São Lourenço há cinco anos. No início, eles comemoravam somente com uma missa na sala da associação, mas com o passar dos anos a sala não foi mais suficiente para comportar o número de participantes. De acordo com o Senhor Maurílio Machado, “A festa fica lotada, dá mais de duas mil pessoas, vendemos mais de duzentos almoços. Nessa festa temos a ajuda da prefeitura, ela dá as tendas e outras coisas”¹¹². Segundo a entrevista, a Festa de São Lourenço ganhou popularidade, deixou de ser uma festa interna e se tornou referência no município de Garopaba e municípios vizinhos. Por este motivo, a comunidade, juntamente com a prefeitura, ampliou o espaço físico. Atualmente a festa é realizada num grande gramado na própria comunidade, com o auxílio de tendas que favorecem o acolhimento de todas as pessoas que vêm prestigiar o evento.

A festa de São Lourenço é realizada em dois dias, sábado e domingo. Sua programação é divulgada com antecedência para o município de Garopaba e municípios vizinhos através de cartazes e das rádios locais. Dentro do

¹¹¹ Idem

¹¹² MACHADO, Maurílio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 16 de fevereiro de 2013. Entrevista.

cronograma construído pelos moradores está inserida a missa, rezada pelo padre da Paróquia de Garopaba, no domingo pela manhã; os comes e bebes como almoço e café, no domingo; o baile, no sábado à noite, e as apresentações culturais. Segundo o Senhor Maurílio Machado: “O café da festa é oferecido pelos moradores, cada casa doa um bolo. O bolo nós cobramos dos visitantes e damos o café como complemento”¹¹³. Em relação às apresentações culturais, estas estão relacionadas à cultura africana. A Senhora Mercedes Machado informou que: “Nesses cinco anos, procuramos trazer apresentações culturais que contribuíssem com a nossa cultura. Já se apresentaram grupos de Roda de Samba, capoeira e bandas de pagode”¹¹⁴. Uma das preocupações dos moradores da comunidade é preservar a cultura afro-brasileira e mostrar para as demais comunidades suas atividades culturais e religiosas.

Outro aspecto relevante em relação à festa é que a comunidade não realiza procissão do santo, já que não dispõe da imagem de São Lourenço. A perspectiva que a comunidade tem para esse ano é a chegada de uma imagem de um metro de altura, que será doada por um amigo da comunidade, conforme informou o Senhor Maurílio Machado:

Um amigo da comunidade encomendou a imagem de São Lourenço, na Aparecida do Norte e irá doar para nós. Enquanto a imagem não está pronta nós utilizamos o quadro da Tia Jordina (Figura 35), que é herança do seu pai Lourenço Machado. Essa imagem era utilizada nas novenas realizadas na comunidade¹¹⁵.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ MACHADO Mercedes. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 13 de janeiro de 2014. Entrevista.

¹¹⁵ MACHADO, Maurílio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 16 de fevereiro de 2013. Entrevista.

Na realização da missa de São Lourenço, na Comunidade do Morro do Fortunato, a imagem que é colocada no altar é o quadro que pertenceu a um dos filhos mais velhos do fundador do grupo, Lourenço Machado. A Senhora Jordina Rita Machado nos contou que: “Meu pai deixou esse quadro em meus cuidados, para que eu mostrasse a todos do grupo. E sempre me disse da importância desse Santo para nós africanos”¹¹⁶. O culto interno a São Lourenço, presente entre os membros do grupo, desde sua formação, se transformou em uma grandiosa festa com a participação do grupo e das comunidades de Garopaba e municípios vizinhos. Todos os fundos arrecadados com a festa já têm destino certo, conforme informou a Senhora Mercedes Machado: “O lucro da festa está sendo guardado para construirmos uma capelinha, já estamos vendo os documentos para a construção, um espaço próprio para o nosso padroeiro e nossa adoração”¹¹⁷.

¹¹⁶ MACHADO, Jordina Rita. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 19 de maio de 2012. Entrevista.

¹¹⁷ MACHADO Mercedes. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque**. Garopaba, 13 de janeiro de 2014. Entrevista.



Figura 35: Senhora Jordina Rita Machado com a imagem de São Lourenço.

Fonte: Arquivo pessoal da Autora.

Local: Na residência da Senhora Jordina Rita Machado.

Ano: 2014.

Outra festividade está sendo incitada na Comunidade do Morro do Fortunato, a Festa do Quilombo. Faz dois anos que a Comunidade realiza internamente uma festa em comemoração ao dia da Consciência Negra. Percebe-se que existe um amadurecimento relacionado a esta festividade e surge a possibilidade de estendê-la para além das ‘fronteiras’ da comunidade. Segundo a Senhora Mercedes Machado:

Faz dois anos que realizamos uma festa aqui no Morro. A festa da consciência negra, a principio se fez internamente, reunimos toda a

comunidade e festejamos com churrasco e bebidas, o som era mecânico começamos às dez horas da manhã e fomos até à noite, comendo, dançando e bebendo. A festa foi financiada pela Associação. Temos a intenção de expandir esta festa. Abrir às outras comunidades é projeto que está sendo elaborado¹¹⁸.

A comemoração do dia da Consciência Negra, tanto para a Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato quanto para as demais comunidades quilombolas do Brasil, é uma das formas encontradas pela população afro-brasileira para homenagear o ícone dos quilombos, Zumbi dos Palmares, que é considerado herói nacional por lei, como também para combater possíveis atos de racismo. O objetivo dessas festividades é fortalecer mitos e referências históricas da cultura e trajetória dos afro-brasileiros e, também, fortalecer as lideranças atuais tanto das Comunidades Quilombolas como dos demais movimentos sociais voltados para tal questão.

Todas as manifestações culturais evidenciadas neste capítulo deixam clara a importância que os eventos festivos têm dentro da constituição da identidade afro-brasileira. Festejar é transpor as barreiras do cotidiano, é interagir, fomentar a participação comunitária. Através de suas festas, as Comunidades Remanescentes Quilombolas de Garopaba vêm mostrando a moradores locais e visitantes as vicissitudes e a força de sua cultura.

¹¹⁸ Idem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de toda construção empírica e teórica que desenvolvemos ao longo deste estudo é oportuno e, também, necessário tecer algumas considerações que, no entanto, não têm a pretensão de serem definitivas, mas que evocam questões pontuais e conclusivas. Assim sendo, cabe, antes de qualquer argumentação, lembrar que partimos para essa pesquisa com a intenção de responder a uma questão geral, a saber: Que experiências marcaram a vida dos quilombolas de Garopaba entre as décadas de 1970 até 2008, momento em que estas comunidades tomam consciência de seus direitos e começam a lutar pelo reconhecimento de suas terras? Sobre ela nos debruçamos para colocar em tela um panorama mais específico das vivências das comunidades em questão, destacando e valorizando a cultura afro-brasileira e suas inquietações diante de uma hegemonia branca, europeizada, que ainda insiste em estabelecer parâmetros de relacionamento social.

No entanto, não podemos iniciar tal empresa sem, primeiramente, ressaltar a satisfação pessoal em desenvolver um estudo abordando tão importante e consubstancial temática: as experiências quilombolas. Durante o trabalho de construção empírica tivemos a oportunidade de conversar com pessoas generosas, dispostas a contribuir com a concretização da pesquisa. Ser recebida por moradores das Comunidades Quilombolas da Aldeia e do Morro do Fortunato de maneira tão gentil e acolhedora nos incentivou a seguir em frente, a manter o foco e dirigir nosso olhar para diferentes teorias historiográficas, no sentido de buscar nestas, explicações pertinentes ao contexto sócio histórico em questão.

Assim, inicialmente, procuramos conhecer o lugar dos afro-brasileiros dentro da dinâmica sócio histórica do município de Garopaba, atentando para as condições em que se deram as constituições dos redutos que hoje são

reconhecidos como remanescentes de quilombos. Evidentemente, a constituição de tais redutos não se deu sem tensões e disputas, numa configuração inicial que evidenciava o modo pelo qual a sociedade escravocrata brasileira marcou a vida de muitos homens e mulheres de origem africana. Mas, se por um lado havia a discriminação e o preconceito, por outro, os afro-brasileiros mostraram sua importância ao se inserir exitosamente no processo de desenvolvimento econômico do município. O balneário turístico de Garopaba não seria o mesmo se não tivesse agregado os valores e a força dos afro-brasileiros que se mostraram fortes e determinados desde a época da armação baleeira até o atual ‘efêmero e efervescente’ período turístico de verão.

No processo de construção de uma história de Garopaba nos deparamos com diferentes obras literárias que a contam. Alguns livros assumiram o papel de protagonistas e são utilizados nas escolas, como o do professor Manoel Valentim e o livro *História e Geografia* de Garopaba, feito sob encomenda para a Secretária Municipal de Educação. Mas o que realmente nos chamou atenção foi à obra ‘Versos do Moriço’, não por ser este um homem negro, mas por ser este um cidadão comum, nativo de Garopaba, analfabeto, pescador, que consegue revelar uma história de Garopaba rica em detalhes, sensível à presença das diferentes etnias e fiel às práticas ordinárias da maioria da população local. Diante da obra do Senhor Maurício dos Passos, 70 anos, nos sentimos impotentes e frustrados. Seguimos com a indagação: Por que este livro fica de lado? Será que haverá espaço para ele dentro da historiografia oficial de Garopaba? A resposta para essas questões passa pela atuação das lideranças das comunidades negras do município e sua decisão em valorizar e fazer valer sua história. Os obstáculos a serem vencidos não são intransponíveis, mas é preciso embate, determinação.

Como vimos, os afro-brasileiros foram decisivos na construção da cidade, portanto, a máscara lusa-portuguesa que

cobre grande parte dos municípios litorâneos de Santa Catarina deve ser desvelada, desmistificada, pois, desde o começo, ainda na pequena vila de pescadores sua presença foi marcante. Como um lugar que conta com 20% de sua população inicial constituída por escravos negros, sem contar os libertos, pode se dizer totalmente de tradição lusa portuguesa? Mesmo invisibilizados perante a historiografia, pode-se inferir que grande parte da mão de obra que deu a Garopaba as primeiras estruturas de cidade pertencia aos afro-brasileiros. Além disso, as pesquisas realizadas revelaram que o fundador do Grupo do Morro do Fortunato, Fortunato Justino Machado, foi proprietário de milhares de pés de café, sendo que no auge de sua produção foi considerado 'rei do café'. No entanto, seu nome não desponta entre aqueles que deram vida a cidade, porém, é relatado que até mesmo os homens abastados do centro do município chegaram a lhe pedir dinheiro emprestado nos tempos de crise. Há também histórias que ilustram o valor das mulheres negras que atuavam como parteiras - mãos que viabilizavam a vida. Também benzedeadas, como Dona Adelaide da Aldeia, são figuras de destaque, respeitadas e reconhecidas. Depois que Garopaba se emancipou os afro-brasileiros continuaram a despontar, participando do movimento político da cidade, como os Senhores Sebastião Messias de Souza e Maurílio Machado, que se elegeram vereadores.

Os grupos quilombolas de Garopaba: Aldeia e Morro do Fortunato, não se enquadram no antigo conceito de quilombo, já que este estava relacionado aos redutos de fuga de escravos, portanto, esconderijo. Os Quilombos que ora tratamos se constituíram através de laços familiares, da compra e/ou oferta de terras e de heranças, são, portanto, quilombos contemporâneos, que lutam pela posse definitiva de suas terras e pela manutenção de sua cultura. Ou seja, ser quilombola significa, na contemporaneidade, lutar pela cidadania, positivar e recuperar a identidade, reescrever e valorizar a própria

história. Não se trata de rememorar um passado, mas de viver dignamente o presente. A condição de quilombola, na perspectiva supracitada, só se tornou realidade, tanto para os moradores da Aldeia quanto para os do Morro do Fortunato, no início deste milênio. Foi com este olhar quilombola que passaram a reconstruir suas histórias. Através das narrativas, moradores antigos dos dois Quilombos estabeleceram as formas de constituição de cada grupo.

A Comunidade Quilombola da Aldeia se formou no entorno norte da Lagoa de Ibiraquera. Inicialmente dispersos, os afro-brasileiros foram se unindo por laços consanguíneos e compadrios, construindo suas moradias num espaço pouco valorizado para plantação, em terras consideradas devolutas. Pescando, plantando, trabalhando nas roças, eles se mantiveram unidos e se tornaram fortes, visíveis. Os moradores da Aldeia se orgulham de seu passado, que apesar de difícil, ao invés de dispersá-los os uniu. A comunidade Quilombola do Morro do Fortunato, diferentemente, teve seu início através da presença de uma ex-escrava e seu filho de 10 anos, que foram morar em um isolado morro do Macacu, terras que foram doadas por seu senhor, suposto pai de seu filho. A criança, negra de olhos azuis, enfrentou com a mãe as dificuldades que a mata lhes impunha, mas conseguiu vencer e assim que se tornou adulto casou e constituiu família. Trabalhando arduamente manteve seus filhos por perto e estes, mesmo após o casamento, continuaram a morar no morro, situação que ainda se repete. A força e a união dos moradores do Morro do Fortunato é muito marcada pela ancestralidade, pelo vigor e atitude de seu fundador.

Ambas as comunidades quilombolas são adeptas de festividades e as consideram de suma importância no movimento de preservação dos aspectos culturais dos grupos bem como das suas interações com as comunidades do entorno. As festas são, por excelência, momentos ímpares que colocam em cena a diversidade e a riqueza cultural de um

povo. Estar na festa significa fazer parte dela, contribuir com cada detalhe, tornar o cotidiano diferente, conhecer e reconhecer as nuances particulares de seu grupo de modo que os visitantes se sintam bem vindos, bem recebidos. Os momentos de festas são excelentes oportunidades de criar e recriar a cultura, são momentos em que a tradição aflora e envolve os participantes. Das brincadeiras de Boi de Mamão, Terno de Reis, Novenas e Bailes exclusivos as comunidades quilombolas evoluíram e acompanharam os costumes mais atuais. Hoje as festividades são temáticas, abertas ao público, dadas a ver e reverenciar, como o caso da Festa da Tainha, da Roda de Samba e dos Bailes de vanerão da Aldeia e da Festa de São Lourenço e do bloco de carnaval ‘Unidos por Garopaba, do Morro do Fortunato.

Atualmente, a Comunidade Quilombola da Aldeia vem se tornando conhecida e respeitada por promover uma grande festa da gastronomia e da cultura afro brasileira: A Festa da Tainha. Organizada, a princípio, para arrecadar recursos para a associação comunitária, a festa se transformou num momento de interação entre os moradores das comunidades e cidades vizinhas que comparecem, desde 2004, para saborear as delicias preparadas especialmente para o evento. Em meio a muito peixe assado, pirão, cerveja, samba e vanerão a Comunidade Aldeia mostra sua identidade e assume papel de destaque no calendário festivo da região. Se antigamente era preciso ‘levar’ a cultura afro-brasileira aos engenhos das vizinhanças carregando nos ombros os instrumentos do Terno de Reis e os bichos da brincadeira de boi, hoje são os moradores do entorno que se sentem atraídos e vão até à Aldeia em busca de diversão e interação, como nos bailes com que acontecem tradicionalmente, nas sextas feiras à noite e invadem a madrugada.

O cenário, relativo a festividades, na Comunidade do Fortunato também caminha rumo à expansão e ao reconhecimento. Aliás, o Carnaval de Garopaba, até bem

pouco tempo reduzido à realização de shows nas areias da praia, ganhou vitalidade ao ser introduzido no calendário municipal de eventos, o bloco de carnaval ‘Unidos por Garopaba’, organizado por moradores do Morro do Fortunato. Mesmo, a princípio desacreditado por autoridades municipais, o grupo manteve a coesão e conseguiu arrebatar uma pequena multidão que percorreu a principal avenida da cidade no carnaval de 2013. A Festa de São Lourenço segue este ritmo de sucesso e consegue reunir cerca de duas mil pessoas durante seus dois dias de celebração. Interessante perceber que, quanto mais os moradores do Morro do Fortunato socializam sua cultura mais forte e respeitada ela se torna.

É lugar comum na historiografia brasileira que os africanos foram escravizados e maltratados, esse aspecto foi amplamente divulgado pela história oficial como se quisesse manter vivas as diferenças entre casa grande e senzala. A historiografia que se pretende é a da ruptura, uma historiografia que desvele os não ditos, as histórias de sucesso, as conquistas e as contribuições dos afro-brasileiros junto à sociedade que vivemos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Mauricélia Teixeira. **Morro do Fortunato**: uma História de luta e resistência. Trabalho apresentado ao Curso de História – Licenciatura e Bacharelado em História. Universidade do Sul de Santa Catarina. UNISUL. Tubarão, 2007.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org). **Usos e abusos da História Oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

AMADO, Janaína. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral. **História**, n° 14 – Universidade Estadual Paulista. São Paulo, UNESP, 1995, p. 125 – 136.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo**: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: Edusc, 2006.

BARROS, José D' Assunção. **A construção social da cor**: diferenças e desigualdade na formação da sociedade brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BEDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, FGV, 8 ed. 2006.

BESEN, José Artulino. **1830 - 1980 São Joaquim de Garopaba (Recordações da Freguesia)**. Gráfica e Editora Pe. BERTHIER, 1996.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Cia. das Letras, 1982.

BHABHA, Homi k. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

BITENCOURT, Fernando. **De Igara-mpaba a Garopaba: sete mil anos de história**. Garopaba: Gráfica Garopaba, 2003.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin, **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. 2002, n.19, pp. 20-28.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 11 ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2004.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/ME, 2004.

_____. Ministério da Educação. **Saberes da Terra: Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos Integrada com a Qualificação Social e Profissional para Agricultores (as) Familiares**. Brasília, out. 2005.

_____. Ministério da Educação. **Texto referência para a elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**. Brasília, 2011.

_____. **Orientações e ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria da Educação continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), 2006.

BRIZOLA e a campanha da legalidade. Disponível em: <<http://blogs.estadao.com.br/arquivo/2011/09/05/brizola-e-a-campanha-pela-legalidade/>> Acesso em: 20 jul. 2013.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

CONTELLI, Frederico Mário; FULCO, Lupércio. **Minidicionário Tupy-Guarany: português**. [S. l.]: [s. n.], [200-]. [30] p.

CARDOSO, Fernando Henrique. **Negros em Florianópolis: relações sociais e econômicas**. Florianópolis: Editora Insular, 2000.

CARDOSO, Fernando H; IANNI, Octavio. **Cor e mobilidade social em Florianópolis**. São Paulo, 1960.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. **Negros em Desterro: experiências das populações de origem africana em Florianópolis na segunda metade do século XIX**. Itajaí: Casa Aberta, 2008.

_____. A vida na escola e a escola da vida: experiências educativas de afrodescendentes em Santa Catarina no século XX. In: ROMÃO, Jeruse. **História da educação do Negro e outras histórias**. Brasília: SECAD, 2004.

_____. **A luta contra a apatia:** estudos sobre a instituição do movimento negro antirracista na cidade de São Paulo (1915-1931). Itajaí: Casa Aberta, 2012.

CARVALHO, Francine Adelino. **Entre cores e memórias:** escolarização da Comunidade Remanescente do Quilombo Aldeia de Garopaba/ SC (1963-1980). 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2011.

COUTINHO, Eduardo Granja. Os sentidos da tradição. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. (orgs.) **Comunicação e cultura das minorias.** São Paulo: Paulos, 2005.

CULTURA de Garopaba. Disponível em: <<http://www.falagaropaba.com.br/garopaba/cultura>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

CUNHA, Maria Clementina Pereira da. **Carnavais e Outras F(r)estas:** ensaios de História Social da Cultura. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, CECULT, 2002.

DAMAZIO, Rosiane Marli Antônio: **Tauromaquia em Santa Catarina:** o caso do boi vendouro em Garopaba – SC. Trabalho apresentado ao Curso de História – Licenciatura e Bacharelado em História. Universidade do Sul de Santa Catarina. UNISUL. Tubarão, 2007.

_____. **Turismo, urbanização e preservação ambiental:** conflitos produzidos a partir do processo de implantação de uma reserva extrativista (RESEX) entre os municípios de Garopaba e Imbituba (SC). 2011. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências

Humanas e da Educação, Mestrado em História, Florianópolis, 2011.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Hermenêutica do cotidiano na historiografia contemporânea. **Projeto História**. São Paulo, n.17, p. 223-258, Nov.1998.

FARIAS, Deise Scunderlick Eloy de. *et al.* **Uma aventura pela História e Geografia de Garopaba**. Palhoça, Unisul, 2011.

FARIAS, Vilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil meridional uma viagem no tempo: 500 anos litoral catarinense para o ensino fundamental**. 2 ed. Florianópolis: Ed. do Autor, 2000.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A farra do boi: palavras, sentidos, ficções**. Florianópolis. Editora da UFSC, 1997.

FUNDAÇÃO do Meio ambiente. Disponível em: <<http://www.fatma.sc.gov.br>>. Acesso em: 28 jun. 2013.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização Reflexiva**. São Paulo: UNESP. 1997.

GONÇALVES, Janice. Em busca do patrimônio catarinense. tombamentos estaduais em Santa Catarina. XXVI Simpósio

Nacional de História – ANPUH. **Anais eletrônicos**. São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em:
< http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308188681_ARQUIVO_anpuh_2011_janice.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2014.

_____. Universidade, folclore e patrimônio cultural. XVI Congresso Brasileiro de Folclore. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em:
< http://www.labpac.faed.udesc.br/universid%20folclore%20patrim%20cult_janice%20goncalves.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 1990.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTUNG, Miriam Furtado. **Nascidos na fortuna - o grupo do Fortunato**: identidade e relações Interétnicas entre descendentes de africanos e europeus no litoral Catarinense. 1992. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Humanas.

HOEBEL, Edward Adamson; FROST, Everett L. **Antropologia cultural e social**. São Paulo: Cultrix, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (Orgs.) **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**: resultados preliminares – Santa Catarina. 2010. Disponível em :< <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?codmun=420570&idtema=103&search=santa-catarina|garopaba|produto-interno-bruto-dos-municipios-2010>>. Acesso dia 12 de mar. 2014.

KI-ZERBO, Joseph. **Para Quando África?** entrevista com René Holenstein. Rio de Janeiro, Pallas, 2006.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

LEITE, Ilka Boaventura. Os Quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. **Textos e Debates**, Florianópolis: NUER/UFSC, n. 7. 2000.

LEMONS, Edinet. et al . **Manifesto Quilombola**. Garopaba/SC – Quilombo Aldeia: Centro de Educação Quilombola Celecina de Jesus, 2010.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa na história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. 4 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

LUZ, Elaine Coelho da. **Enfoque sobre a Utilização da Educação Patrimonial na Preservação dos sítios Arqueológicos de Garopaba – SC**. Trabalho apresentado ao Curso de História – Licenciatura e Bacharelado em História. Universidade do Sul de Santa Catarina. UNISUL. Tubarão, 2007.

MOURA, Gloria. As Festas Quilombolas e a construção da Identidade in: DOPCKE, Wolfgang. **Crises e Reconstruções: estudos afro-brasileiros africanos e asiáticos**. Brasília: Linhas Gráficas, 1998.

MORAES, Maria Célia Marcondes de; MÜLLER, Ricardo Gaspar. Tempos em que a “razão deve ranger os dentes”: E.P. Thompson, história e sociologia. In.: **XI Congresso Brasileiro de Sociologia/SBS.Campinas: Unicamp**, 2003.

MUNANGA, Kabengele (Org.). **Superando o racismo na escola**. 2 ed. Brasília: Ministério da educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Palmares/OR Editor Produtor Editor, 2002.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PASSOS, Maurício dos. **Versos do Morço**. 3 ed. Garopaba - SC: Resgate e Produção, 2012.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade Social. **Revista estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Vol. 5 n. 10 1992, p. 200-212.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 13-47, 1997.

PRAIAS de Garopaba. Disponível em: <www.garopaba.com.br/internas/praias.asp>. Acesso em: 28 jun. 2013.

RASCKE, Karla Leandro. “**Divertem-se então à sua maneira**”: festas e morte na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Florianópolis (1888 a 1940). 2013. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestrado em História Social, São Paulo, 2013.

RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral a guisa da introdução. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Org.). **Usos e Abusos da História Oral**. 8 ed. Rio de Janeiro, FGV, 2006.

REZENDE, Maria Alice. A política de cotas para negros na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. In: ROMÃO, Jeruse. **História da educação do Negro e outras histórias**. Brasília: SECAD, 2004.

RIOS, Kênia de Souza. História Oral: que história é esta? In: Anais, **Cadernos do CEON-Chapecó**: Argos, 2000.

RIGER, Flavia Gomes da Silva. **Memórias em movimento**: narrativas sobre a História ensinada (Florianópolis, 1990-2009). Dissertação. Programa de Pós Graduação em Educação. Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2011.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. 3 volume. São Paulo: Editora WMF: Martins Fontes, 2010.

ROUSSO, Henry. A História do Tempo Presente, vinte anos depois. In: PÔRTO JR, Gilson (org.). **História do Tempo Presente**. Bauru, São Paulo: Edusc, 2007.

RUSEN, Jorn. **Reconstrução do passado**. Brasília: Editora UNB, 2007.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, jul/dez., 1999.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Maud, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. A miséria da teoria ou um planetário de erros. **Rio de Janeiro: Zahar, 1981**.

TINHORÃO, José Ramos. **Festa de Negro em Devoção de Branco**: do carnaval na procissão ao teatro no círio. São Paulo: Ed. Unesp, 2012.

VALENTIM, Manoel. **História de Garopaba da armação baleeira a comarca**. Garopaba, SC: Gráfica Garopaba, 2007.

FONTES

A – ENTREVISTAS COM MORADORES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA ALDEIA, DO MORRO DO FORTUNATO, CENTRO DE GAROPABA E DA COMUNIDADE DO CAMPO D’UNA.

ABREU, Adílio Inácio de. **Entrevista cedida a Carmem Luíza Sant’ Anna Pires.** Garopaba, 11 de agosto de 2011. Entrevista.

GONÇALVES, Sandra Marques. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 20 de novembro de 2013. Entrevista.

HÜBNER, Manfredo. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 19 de junho de 2013. Entrevista.

LEMOS, Antônio Manoel. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 25 de maio de 2006. Entrevista.

LEMOS, Claudemir Antônio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 23 de jun. de 2012. Entrevista.

LEMOS, Edinete. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 03 de março de 2014. Entrevista.

LUZ. Elaine Coelho. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 11 de janeiro de 2014. Entrevista.

LEMOS, Maria Eugênia Pereira. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 24 de outubro de 2010. Entrevista.

MACHADO Mercedes. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 13 de janeiro de 2014. Entrevista.

MACHADO, João Fortunato. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 19 de maio de 2012. Entrevista.

MACHADO, Jordina Rita. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 19 de maio de 2012. Entrevista.

MACHADO, Maurílio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 16 de fevereiro de 2013. Entrevista.

MARQUES, João. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 10 de janeiro de 2014. Entrevista.

MARQUES, Leonécio Marques. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 11 de janeiro de 2014. Entrevista.

NAUCK, Vitor Carlos. **Entrevista cedida a Carmem Luíza Sant' Anna Pires.** Garopaba, 01 de fevereiro 2013. Entrevista.

PASSOS, Maurício dos. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 14 de maio de 2013 e 09 de julho de 2013. Entrevista.

PEREIRA, Manoel Matias. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 25 de agosto de 2012. Entrevista.

RIBEIRO, João Jair. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 10 de julho de 2013. Entrevista.

SOUZA, Abraão de. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 03 de janeiro de 2014. Entrevista.

TEIXEIRA, Laudelino Antônio. **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 19 de maio de 2012. Entrevista.

TEIXEIRA, Santina da Silveira, **Entrevista cedida a Mauricélia Teixeira de Albuquerque.** Garopaba, 17 de maio de 2013. Entrevista.

B - ACERVO DOCUMENTAL DOS CARTÓRIOS DE REGISTROS CIVIS DE GAROPABA, IMBITUBA E PALHOÇA – SC.

- Certidão de Casamento de Antônio Manoel Lemos (falecido) e Maria Eugênia Pereira. Garopaba, 26 de dezembro de 1970.
- Certidão de Casamento de Fortunato Justino Machado e Luísa Cristina de Jesus. Garopaba, 23 de maio de 1891.
- Certidão de Óbito de Fortunato Justino Machado. Garopaba, 03 de janeiro de 1937.
- Certidão de Nascimento de Daniel, (na certidão não consta o sobrenome, mas consta a filiação, Fortunato Justino Machado e Christina da Conceição). Garopaba, 20 de junho de 1896.
- Certidão de Nascimento de Manoel (na certidão não consta o sobrenome, mas consta a filiação, Fortunato Justino Machado e Christina da Conceição). Garopaba 12 de agosto de 1897.
- Certidão de Nascimento de Lourenço (na certidão não consta o sobrenome, mas consta a filiação, Fortunato Justino Machado e Christina da Conceição). Garopaba, 16 de julho de 1898.
- Certidão de Óbito de Antônio Manoel Lemos. Imbituba, 20 de novembro de 2011.
- Certidão de Terras da Comunidade do Morro do Fortunato. Palhoça, abril de 1949.

C- ACERVO PARTICULAR DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DA ALDEIA E DO MORRO DO FORTUNATO - GAROPABA - SC.

- Ata da Assembleia da Fundação e eleição da diretoria da Comunidade do Morro do Fortunato. 16 de maio de 2007.
- Ata da reunião para alteração do Estatuto da Associação da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato. 25 de setembro de 2011.
- Documento de Alteração Estatuária Nº 001/2009, da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato. 11 de agosto de 2009.
- Ofício recebido do Prefeito de Garopaba, Luís Carlos da Silva, no qual, declara de utilidade pública a Associação de Moradores do Morro do Fortunato e dá outras providências. 14 de dezembro de 2007.
- Certidão de Auto Reconhecimento da Fundação Cultural Palmares da Comunidade Quilombola do Morro do Fortunato. 31 de outubro de 2006.
- Documento de posse das terras da Comunidade da Aldeia. (ilegível a data).